

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS CURITIBA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

GUILHERME OTÁVIO STOLARCZKI KÜRTE
THIAGO HENRIQUE GROSSMANN DOS ANJOS

**ÓDIOS COTIDIANOS ILUSTRADOS: TEORIA E PRÁTICA NA
PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS SOBRE A VIDA
COTIDIANA**

TRABALHO DE DIPLOMAÇÃO

**CURITIBA
2013**

GUILHERME OTÁVIO STOLARCZKI KÜRTE
THIAGO HENRIQUE GROSSMANN DOS ANJOS

**ÓDIOS COTIDIANOS ILUSTRADOS: TEORIA E PRÁTICA NA
PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS SOBRE A VIDA
COTIDIANA**

Documento apresentado como requisito parcial à disciplina de Trabalho de Diplomação, do curso superior de Tecnologia em Design Gráfico do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Martha
Silveira

CURITIBA

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

TRABALHO DE DIPLOMAÇÃO Nº 561

"ÓDIOS COTIDIANOS ILUSTRADOS: TEORIA E PRÁTICA NA PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS SOBRE A VIDA COTIDIANA"

por

GUILHERME OTÁVIO STOLARCZKI KÜRTEEN
THIAGO HENRIQUE GROSSMANN DOS ANJOS

Trabalho de Diplomação apresentado no dia 30 de agosto de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO EM DESIGN GRÁFICO, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Os alunos foram arguidos pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr. José Marconi Bezerra de Souza
DADIN - UTFPR

Prof(a). Msc. Líber Eugênio Paz
DADIN - UTFPR

Prof(a). Dra. Luciana Martha Silveira
Orientador(a)
DADIN - UTFPR

Prof(a). MSc. Tatiana de Trotta
Professora Responsável pela Disciplina TD
DADIN - UTFPR

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaríamos de agradecer nossos pais, que com sempre nos incentivaram a prosseguir, nos oferecendo a segurança necessária para o desenvolvimento deste trabalho.

Gostaríamos de agradecer também nossa professora orientadora, Profa. Dra. Luciana Martha Silveira, pela atenção e tempo dedicados à realização deste projeto. Desde sua concepção até o dia da entrega do trabalho, nos direcionando sempre na direção certa com questionamentos e opiniões além de sanar nossas dúvidas com rapidez e paciência.

Agradecemos também a todos nossos amigos que nos apoiaram ao longo desse projeto, seja contribuindo com opiniões engrandecedoras acerca de nosso trabalho ou apenas com palavras de conforto nos momentos em que tivemos dúvidas a respeito do rumo que o projeto estava tomando. Agradecemos a todos eles, membros da nossa segunda família, pela compreensão que tiveram nos momentos em que estivemos ausentes, comprometidos com o desenvolvimento deste projeto, e que agora vão partilhar nossa felicidade ao concluí-lo.

A todos que nos apoiaram, obrigado.

RESUMO

KÜRTEEN, Guilherme Otávio Stolarczki. ANJOS, Thiago Henrique Grossmann dos. Ódios cotidianos ilustrados: teoria e prática na produção de representações gráficas sobre a vida cotidiana. 2013. 195f. Trabalho de Diplomação do curso Tecnologia em Design Grafico - Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba.

Este trabalho de Conclusão de Curso é uma proposição teórico prática com resultado em ilustrações sobre situações aqui nomeadas "Ódios Cotidianos". Para tanto, compilamos a partir de teóricos como Baruch Spinoza e Agnes Heller conceitos de ódio e cotidiano, baseando o conceito que norteou o desenvolvimento das ilustrações. Vinte situações representativas dos ódios cotidianos são analisadas e colocadas na forma de cartazes.

Palavras-chave: Ódios Cotidianos. Ilustração. Design Gráfico.

ABSTRACT

KÜRTEEN, Guilherme Otávio Stolarczki. ANJOS, Thiago Henrique Grossmann dos. Daily hatred illustrated: theory and practice in the production of graphical representations on daily life. 2013. 195f. Trabalho de Diplomação do curso Tecnologia em Design Gráfico - Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba.

This paper of End of Course proposition with theoretical results in practical illustrations of situations which here are called Daily hatred. Therefore, we have compiled from theorists like Baruch Spinoza and Agnes Heller and daily concepts of hatred, the concept that guided the development of the illustrations. Twenty situations representing the daily hatred are analyzed and placed in the form of posters.

Keywords: Daily Hatred. Illustration. Graphic Design.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - GUILHERME DE ORANGE AUTOR: ADRIAEN.....	16
FIGURA 2 - FILIPE II REI DA ESPANHA, AUTOR: DESCONHECIDO	17
FIGURA 3 - A LIÇÃO DE ANATOMIA DO DR. TULP, AUTOR: REMBRANDT	20
FIGURA 4 - RAPARIGA COM BRINCO DE PÉROLA, AUTOR: JOHANNES VERMEER.....	20
FIGURA 5 - BARUCH SPINOZA, AUTOR: DESCONHECIDO	24
FIGURA 6 - AGNES HELLER	49
FIGURA 7 - PINTURA RUPESTRE	81
FIGURA 8 - VALETE DE OUROS, CARTA DE BARALHO EM XILOGRAVURA, C. 1400.....	84
FIGURA 9 - ILUSTRAÇÃO TÉCNICA DE LEONARDO DA VINCI DE UMA BESTA.....	86
FIGURA 10 - ABRAHAM LINCOLN	86
FIGURA 11 - PROJETO THE INDIE ROCK POSTER BOOK.....	88
FIGURA 12 - CROQUI PARA A ILUSTRAÇÃO ODEIO QUANDO MEU GUARDA-CHUVA VIRA	90
FIGURA 13 - ILUSTRAÇÃO DE BLEBOLEX	91
FIGURA 14 - CAPA E CARTAZ FILME CANTANDO NA CHUVA	91
FIGURA 15 - CORES COMPLEMENTARES	92
FIGURA 16 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO O GUARDA-CHUVA VIRA.....	93
FIGURA 17 - ILUSTRAÇÃO DE SAUL BASS	95
FIGURA 18 - CROQUI PARA A ILUSTRAÇÃO "ODEIO BATER O DEDO MÍNIMO DO PÉ EM ALGUMA QUINA"	96
FIGURA 19 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO BATER O DEDO MÍNIMO DO PÉ EM ALGUMA QUINA.....	98
FIGURA 20 - INFORMAÇÕES DE SEGURANÇA EM AVIÕES.....	100
FIGURA 21 - FOTOS PRODUZIDAS REPRESENTANDO A SITUAÇÃO FONTE: AUTORIA PRÓPRIA	100
FIGURA 22 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO O PÃO CAI COM A GELEIA PRA BAIXO	102
FIGURA 23 - TRAFEGO DE SÃO PAULO.....	103
FIGURA 24 - CROQUI PARA A ILUSTRAÇÃO "ODEIO QUANDO TROCO DE FAIXA NO TRÂNSITO E ESSA FAIXA PARA DE ANDAR"	104
FIGURA 25 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO TROCO DE FAIXA NO TRÂNSITO E ESSA FAIXA PARA DE ANDAR.....	107
FIGURA 26 - INFOGRÁFICOS USANDO CIGARROS	109
FIGURA 27 - INFOGRÁFICO DE UMA TELEVISÃO FEITO POR JING ZHANG ...	109
FIGURA 28 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO CAI UM PINGO DE CHUVA NO MEU CIGARRO	111
FIGURA 29 - OBRAS DE ROBERT CRUMB "AMÉRICA" E "AMERICAN SPLENDOR"	113
FIGURA 30 - CROQUIS PARA A ILUSTRAÇÃO "ODEIO QUANDO O PAPEL HIGIÊNICO ACABA"	113
FIGURA 31 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO O PAPEL HIGIÊNICO ACABA	115
FIGURA 32 - ELEVADOR DE VIDRO NO MAIOR ARRANHA-CÉU DE CHICAGO.....	116

FIGURA 33 - CROQUI PARA O CARTAZ ODEIO PEGAR ELEVADOR LOTADO.....	117
FIGURA 34 - LATA DE SARDINHA	117
FIGURA 35 - OBRA DE ROY LICHTENSTEIN	118
FIGURA 36 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO PEGAR ELEVADOR LOTADO.....	119
FIGURA 37 - ILUSTRAÇÃO DE JOE SACCO	121
FIGURA 38 - DESENHO EM PAPEL PARA A ILUSTRAÇÃO "ODEIO QUANDO NÃO PERCEBO UMA SUJEIRA NO MEU DENTE"	122
FIGURA 39 - PRIMEIRA OPÇÃO COM CORES	122
FIGURA 40 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO NÃO PERCEBO UMA SUJEIRA NO MEU DENTE	124
FIGURA 41 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO SÍMBOLO YIN-YANG	127
FIGURA 42 - CROQUI DIGITAL E EVOLUÇÃO DA ILUSTRAÇÃO "ODEIO QUANDO ALGUÉM LIGA EU NÃO ATENDO, E QUANDO RETORNO A LIGAÇÃO A PESSOA NÃO ATENDE"	128
FIGURA 43 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO ALGUÉM LIGA EU NÃO ATENDO, E QUANDO RETORNO A LIGAÇÃO A PESSOA NÃO ATENDE	129
FIGURA 44 - DESENHO EM PAPEL PARA A ILUSTRAÇÃO "ODEIO QUANDO PEÇO CARNE NO PONTO E ELA VEM MAL PASSADA"	131
FIGURA 45 - CARTAZ DE CONCERTO PARA O GREATFULL DEAD, JUNIOR WELLS CHICAGO BLUES BAND E THE DOORS, 1966	132
FIGURA 46 - CARTAZ DE PROTESTO CONTRA O BOMBARDEIO DE HANÓI, 1968	133
FIGURA 47 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO PEÇO CARNE NO PONTO E ELA VEM MAL PASSADA FONTE: AUTORIA PRÓPRIA ..	135
FIGURA 48 - PAGINA ILUSTRADA POR MARTIN HANDFORD DE ONDE ESTÁ WALLY	137
FIGURA 49 - LIVRO DA SÉRIE <i>EVERYTHING GOES</i> , E PÁGINA INTERNA FONTE: MRBIGGS, 2013	138
FIGURA 50 - CROQUI E TRAÇO A NANQUIM PARA A ILUSTRAÇÃO "ODEIO PERDER O CONTROLE REMOTO"	138
FIGURA 51 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO PERDER O CONTROLE REMOTO.....	140
FIGURA 52 - FOTOGRAFIA TIRADA PARA SERVIR DE REFERÊNCIA VISUAL.....	142
FIGURA 53 - CARTAZ DE E. MCKNIGHT KAUFFER	143
FIGURA 54 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO PERCO O ÔNIBUS POR POUCOS INSTANTES	145
FIGURA 55 - EXEMPLO DE BANDA DE UM HOMEM SÓ.....	147
FIGURA 56 - ILUSTRAÇÃO DE RENATO FACCINI E FRAME DELAS ANIMADAS NO JOGO ALICE MADNESS RETURNS (2011).....	148
FIGURA 57 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO O MOSQUITO NÃO DEIXA DORMIR	149
FIGURA 58 - CROQUIS PARA A ILUSTRAÇÃO "ODEIO QUANDO PISO EM UM CHICLETE"	151
FIGURA 59 - IMAGEM DE REFERÊNCIA DE COMO UM CHICLETE GRUDA NO PÉ	152

FIGURA 60 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO PISO EM UM CHICLETE.....	153
FIGURA 61 - COLLAGES DE TERRY GILLIAN FONTE: MONTYPYTHONINSPIRES, 2013.....	155
FIGURA 62 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO AS EMBALAGENS ESTÃO VAZIAS	157
FIGURA 63 - CROQUIS PARA A ILUSTRAÇÃO “ODEIO QUANDO CONVERSAM NO CINEMA”	159
FIGURA 64 - ILUSTRAÇÃO DE MARY BLAIR	160
FIGURA 65 - ILUSTRAÇÃO COM NANQUIM.....	161
FIGURA 66 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO CONVERSAM NO CINEMA	162
FIGURA 67 - PROPAGANDAS DA SORVETERIA WALLS E CERVEJARIA GUINNESS	164
FIGURA 68 - TONS USADOS NA ILUSTRAÇÃO.....	165
FIGURA 69 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO O QUE TEM NO POTE NÃO É SORVETE	166
FIGURA 70 - CROQUI PARA A ILUSTRAÇÃO “ODEIO QUANDO DERRUBO NO LÍQUIDO O OBJETO COM O QUAL O ESTAVA AGITANDO”	169
FIGURA 71 - ILUSTRAÇÃO DE YUKO SIMIZU.....	170
FIGURA 72 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO DERRUBO NO LÍQUIDO O OBJETO COM O QUAL O ESTAVA AGITANDO	171
FIGURA 73 - DOIS CROQUIS ORIGINAIS, A DUALIDADE E A INTERAÇÃO	173
FIGURA 74 - REFERENCIAS VISUAIS "O SOL NASCENTE"	174
FIGURA 75 - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO ENTRAR NO CARRO DEPOIS DE HORAS ESTACIONADO NO SOL	175
FIGURA 76 - MARCADOR COM PONTA EM FORMA DE PINCEL	178
FIGURA 77 - ELEMENTOS DESENHADOS SEPARADAMENTE.....	179
FIGURA 78 - - ÓDIOS COTIDIANOS - ODEIO QUANDO O CHUVEIRO QUEIMA DURANTE O BANHO	180

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	BARUCH DE SPINOZA E O ÓDIO	14
2.1	HOLANDA E SPINOZA	15
2.2	OS AFETOS-PAIXÃO E SUA RELAÇÃO COM OS ÓDIOS COTIDIANOS	23
2.2.1	O conatus	24
2.2.2	Afetos-paixão e Afetos-ação	31
2.2.3	Preceitos dos afetos	38
2.3	ALEGRIA, TRISTEZA, AMOR E ÓDIO	42
2.4	O DESEJO	46
3	O COTIDIANO SEGUNDO AGNES HELLER E UM POSSÍVEL CONCEITO DE ÓDIOS COTIDIANOS	49
3.1	O CONTEXTO HISTÓRICO ONDE SE INSERE AGNES HELLER	50
3.2	SOCIEDADE: A BASE PARA O ENTENDIMENTO DO COTIDIANO	54
3.3	A CONSTRUÇÃO DE UMA IDEIA DE COTIDIANO SEGUNDO AGNES HELLER	59
3.4	AFINAL O QUE SÃO OS ÓDIOS COTIDIANOS?	71
4	ILUSTRAÇÃO: REPRESENTAÇÃO DE UMA IDEIA ATRAVÉS DE IMAGENS	80
5	ILUSTRAÇÕES ÓDIOS COTIDIANOS	88
5.1	ODEIO QUANDO MEU GUARDA-CHUVA VIRA	89
5.1.1	A ilustração "Odeio quando meu guarda-chuva vira"	90
5.2	ODEIO BATER O DEDO MÍNIMO DO PÉ EM ALGUMA QUINA	94
5.2.1	A ilustração "Odeio bater o dedo mínimo do pé em alguma quina"	95
5.3	ODEIO QUANDO O PÃO CAI COM A GELÉIA PRA BAIXO	99
5.3.1	A ilustração "Odeio quando o pão cai com a geleia pra baixo"	99
5.4	ODEIO QUANDO TROCO DE FAIXA NO TRÂNSITO E ESSA FAIXA PARA DE ANDAR	103
5.4.1	A ilustração "Odeio quando troco de faixa no trânsito e essa faixa para de andar"	104
5.5	ODEIO QUANDO CAI UM PINGO DE CHUVA NO MEU CIGARRO	108
5.5.1	A ilustração "Odeio quando cai um pingo de chuva no meu cigarro"	108
5.6	ODEIO QUANDO O PAPEL HIGIÊNICO ACABA	112
5.6.1	A ilustração "Odeio quando o papel higiênico acaba"	112
5.7	ODEIO PEGAR ELEVADOR LOTADO	116
5.7.1	A ilustração "Odeio pegar elevador lotado"	117
5.8	ODEIO QUANDO NÃO PERCEBO UMA SUJEIRA EM MEU DENTE	120
5.8.1	A ilustração "Odeio quando não percebo uma sujeira no meu dente"	120
5.9	ODEIO QUANDO ALGUÉM LIGA EU NÃO ATENDO, E QUANDO RETORNO A LIGAÇÃO A PESSOA NÃO ATENDE	125
5.9.1	A ilustração "Odeio quando alguém liga eu não atendo, e quando retorno a ligação a pessoa não atende"	126
5.10	ODEIO QUANDO PEÇO CARNE AO PONTO E ELA VEM MAL PASSADA	130
5.10.1	A ilustração "Odeio quando peço carne no ponto e ela vem mal passada" ..	131
5.11	ODEIO PERDER O CONTROLE REMOTO	136
5.11.1	A ilustração "Odeio perder o controle remoto"	137
5.12	ODEIO QUANDO PERCO O ÔNIBUS POR POUCOS INSTANTES	141
5.12.1	A ilustração "Odeio quando perco o ônibus por poucos instantes"	141

5.13	ODEIO QUANDO O MOSQUITO NÃO ME DEIXA DORMIR	146
5.13.1	A ilustração “Odeio quando o mosquito não me deixa dormir”	146
5.14	ODEIO QUANDO PISO EM UM CHICLETE	150
5.14.1	A ilustração “Odeio quando piso em um chiclete”	151
5.15	ODEIO QUANDO AS EMBALAGENS ESTÃO VAZIAS	154
5.15.1	A ilustração “Odeio quando as embalagens estão vazias”	155
5.16	ODEIO QUANDO CONVERSAM NO CINEMA	158
5.16.1	A ilustração “Odeio quando conversam no cinema”	159
5.17	ODEIO QUANDO O QUE TEM NO POTE NÃO É SORVETE	163
5.17.1	A ilustração “Odeio quando o que tem no pote não é sorvete”	164
5.18	ODEIO QUANDO DERRUBO NO LÍQUIDO O OBJETO COM QUE O ESTAVA MEXENDO.....	167
5.18.1	A ilustração “Odeio quando derrubo no líquido o objeto com o qual o estava agitando”	168
5.19	ODEIO ENTRAR NO CARRO DEPOIS DE HORAS ESTACIONADO NO SOL.....	172
5.19.1	A ilustração “Odeio entrar no carro depois de horas estacionado no sol”	173
5.20	ODEIO QUANDO O CHUVEIRO QUEIMA DURANTE O BANHO	176
5.20.1	A ilustração “Odeio quando o chuveiro queima durante o banho”	177
6	CONCLUSÃO	181
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão tem como origem a interpretação situacional do nosso dia a dia. Delimita-se, como reflete o próprio título, a uma pesquisa teórica e prática visando aos estudos e a representação de momentos que acabam por afetar o nosso cotidiano de forma negativa.

O objeto de estudo é o que foi denominado como “Ódios Cotidianos”, conceito esse que se baseia em dois pilares principais, o Ódio e o Cotidiano. Nesse projeto o objetivo principal é delimitar esses dois conceitos e seus desdobramentos para que possamos gerar o que são os “Ódios Cotidianos”, e posteriormente gerar ilustrações no formato de cartazes retratando vinte situações contidas nesse conceito.

Inicialmente, na proposta do projeto, as vinte situações que seriam representadas através de ilustrações seriam obtidas através de uma pesquisa de opinião aplicada através de canais disponíveis na internet como redes sociais e email. Essa pesquisa seria aplicada em indivíduos de uma mesma faixa etária e pertencentes a um mesmo círculo social. Os dados gerados através desta pesquisa seriam então analisados quantitativamente e qualitativamente para que fossem selecionados os vinte “Ódios Cotidianos” mais relevantes para o grupo delimitado. Através de pesquisas preliminares com grupos menores foi constatado a inviabilidade da pesquisa devido a inconsistência entre os resultados obtidos, isso porque as respostas oferecidas as perguntas apresentadas eram afetadas por fatores específicos da vivência de cada pessoa entrevistada e acabavam por gerar respostas que não nos permitiam traçar um perfil preciso acerca dos “ódios cotidianos” que possuíam maior relevância ou ocorrência entre o grupo pesquisado.

Foi definido portanto, que as situações ilustradas em nosso trabalho seriam definidas através da análise da vida cotidiana dos autores sob a ótica do conceito de “Ódios Cotidianos” apresentado em nosso trabalho, selecionando através dessa análise situações que estivessem inseridas nesse conceito. As situações selecionadas ocorrem em ambientes distintos, em etapas do dia também distintas (manhã, tarde ou noite) além de exigirem que o indivíduo participe de esferas sociais específicas para que ocorram (algumas situações exigem que o indivíduo possua carro ou vá ao cinema regularmente por exemplo) não tendo uma

inter-relação entre si a não ser pelo fato de todas estarem inseridas no conceito apresentado em nosso trabalho e estarem presentes no cotidiano dos indivíduos.

Devido aos resultados insatisfatórios obtidos através da pesquisa preliminar, os Ódios Cotidianos a serem representados através de ilustrações foram selecionados através da observação do cotidiano dos autores desse trabalho, baseados nos conceitos de ódio (capítulo 2) e cotidiano (capítulo 3).

Este documento divide-se em quatro fases interdependentes. As duas primeiras consistem no embasamento teórico para o conceito de “Ódios cotidianos” e consistem na análise do trabalho de Spinoza (2002) acerca do que vêm a ser o ódio aliada ao estudo do trabalho de Heller (2011) sobre a estruturação da vida cotidiana. Na sequência exploramos uma das definições do que vêm a ser uma ilustração e o capítulo final do trabalho é dedicado a apresentação das vinte ilustrações desenvolvidas tendo como base os conceitos explorados no trabalho. Cada ilustração é por sua vez explicada em duas partes, sendo que a primeira aborda a explicação da situação retratada, enquanto a segunda aborda a técnica e o processo de produção de cada ilustração, após essas duas explicações a ilustração em si é apresentada.

O conceito de “Ódios Cotidianos” para ser gerado precisava da fundamentação do que vêm a ser o “ódio”, bem como a definição do que é o cotidiano. Usou-se o filósofo holandês Baruch de Spinoza (2002) para basear o conceito de ódio.

No capítulo dois desse trabalho precisamos primeiramente situar o contexto histórico no qual se desenvolveu o pensamento de Spinoza, além de oferecer um breve panorama acerca da vida do filósofo. A partir dessa contextualização a respeito da vida de Spinoza, partimos para o estudo da parcela de sua filosofia relevante para o desenvolvimento de nosso trabalho. Com o auxílio de outros pesquisadores que estudaram a obra de Spinoza, como Ferreira (2009), Ferreira (2008) e Gilles Deleuze, abordamos a fração do trabalho de Spinoza (2002) na qual o filósofo discorre sobre os conceitos de conatus, afetos-paixões, afetos-ações, para que possamos ter o suporte necessário para a definição da parcela correspondente ao ódio em nosso trabalho.

Através do estudo de Spinoza (2002) compreendemos que todos os elementos possuem o que é chamado pelo filósofo de conatus. Segundo Spinoza (2002) o conatus representa a perseverança em continuar existindo de algo,

portanto o elemento procurará sempre aumentar seu conatus, a fim de aumentar sua potência de agir. O conatus de um elemento está em constante interação com o conatus de outros elementos, sofrendo nesse processo alterações que podem ser benéficas ou nocivas para sua potência de agir. É durante essas alterações que surgem o que Spinoza (2002) denomina como afetos-paixão, que são o correspondente na filosofia de Spinoza para o que chamamos de sentimentos. O ódio é portanto um afeto-paixão que consiste no sentimento de tristeza quando relacionado a uma causa externa a nós.

O segundo pilar teórico de nosso trabalho é o “cotidiano”, e para sua conceituação utilizamos o trabalho da filósofa Heller (2011) sobre o tema. Assim como fizemos com Spinoza, a primeira parte do capítulo a respeito do cotidiano consiste em uma contextualização histórica acerca da autora, apresentando fatos de sua vida que podem ter influenciado na elaboração de seu estudo sobre o cotidiano e sua estrutura.

Heller (2011) baseia o cotidiano em três aspectos distintos: a universalidade, a diversidade e a subjetividade, que definem o cotidiano como presente na vida de todos os indivíduos bem como demonstra que cada indivíduo vive sua cotidianidade de maneira singular. Portanto, apesar de estarem inseridos por vezes em uma mesma esfera social, compartilhando das mesmas atividades cotidianas, para Heller (2011), cada pessoa vive e interpreta esse cotidiano de maneira única.

Através da análise conjunta desses dois conceitos (ódio e cotidiano) delimitamos que a denominação “odios cotidianos” refere-se a situações que alteram nosso conatus negativamente, causando o surgimento de afetos-paixões tristes, reduzindo, portanto nossa potência de agir. Essa situação é percebida de maneira única por cada indivíduo, fazendo com que pessoas pertencentes a uma mesma esfera social possam ser afetadas de maneiras diferentes por uma mesma situação, sendo que é possível que uma situação considerada um “ódio cotidiano” por um indivíduo, não afete negativamente a potência de agir de outra pessoa.

Após a fundamentação teórica de nosso projeto, temos o embasamento necessário para o desenvolvimento das ilustrações que compõem o objetivo principal de nosso trabalho. Antes de apresentá-las porém faz-se necessária uma conceituação a respeito do que vêm a ser uma ilustração. Ao final do capítulo quatro concluímos que a ilustração é, segundo os conceitos apresentados no trabalho, uma

representação gráfica de uma situação ou ideia que procura passar informações e mensagens aliadas ou não a um texto.

Os conceitos que foram delineados nesta introdução exemplificaram como os ódios cotidianos influenciam a todos, em algum momento do cotidiano, e tornaram possível a síntese visual direta desses ódios nas mais diversas peças gráficas. Foram produzidos 20 cartazes, representando momentos singulares no cotidiano, relacionados aos mais diversos temas, os ódios escolhidos para serem representados foram: "Odeio quando meu guarda-chuva vira", "Odeio bater o dedo mínimo do pé em alguma quina", "Odeio quando o pão cai com a geléia pra baixo", "Odeio quando troco de faixa no trânsito e essa faixa para de andar", "Odeio quando cai um pingo de chuva no meu cigarro", "Odeio quando o papel higiênico acaba", "Odeio pegar elevador lotado", "Odeio quando não percebo uma sujeira em meu dente", "Odeio quando alguém liga eu não atendo, e quando retorno a ligação a pessoa não atende", "Odeio quando peço carne ao ponto e ela vem mal passada", "Odeio perder o controle remoto", "Odeio quando perco o ônibus por poucos instantes", "Odeio quando o mosquito não me deixa dormi", "Odeio quando piso em um chiclete", "Odeio quando as embalagens estão vazias", "Odeio quando conversam no cinema", "Odeio quando o que tem no pote não é sorvete", "Odeio quando derrubo no líquido o objeto com que o estava mexendo",

"Odeio entrar no carro depois de horas estacionado no sol", "Odeio quando o chuveiro queima durante o banho" Durante a produção do trabalho evidenciamos a importância do embasamento teórico na conceituação de uma peça gráfica, proporcionando aos autores uma constante evolução no processo de construção não apenas de uma imagem, mas na compreensão do que é necessário para a produção de uma ilustração que transmita uma ideia abstrata acerca de uma situação cotidiana de maneira a comunicar-se com o espectador, e despertar nele a familiaridade com o elemento retratado.

Em nosso trabalho estão representados vinte ódios cotidianos. A partir dos conceitos aprofundados poderão ser geradas mais peças conceituais a respeito do tema estudado por nós nesse trabalho.

2 BARUCH DE SPINOZA E O ÓDIO

Abordaremos nesse capítulo o conceito de ódio tomando como referência o filósofo Baruch de Spinoza (2002), sendo que, devido à complexidade da obra, serão utilizados estudos de outros autores sobre esse tratado filosófico. Como obra de apoio usaremos o artigo de Rafael Ferreira (2008) publicada no periódico *Cadernos Espinosianos* (FERREIRA, 2008), um estudo focalizado no desenvolvimento do *conatus*¹. Outra bibliografia importante para o desenvolvimento desse capítulo é a palestra ministrada por Gilles Deleuze (2013) traduzida do inglês para o português por Francisco Traverso Fuchs.

O livro *Ética* (Spinoza, 2002) define as bases da filosofia de Spinoza e fundamenta a busca do autor em direção da Verdade, e quais os caminhos e ferramentas utilizadas na busca. Essa obra é de fundamental importância, pois apesar de ter sido escrita na segunda metade do século XVII, apresenta conceitos que se encaixam em nosso trabalho de estudo, e fundamentam o conceito de ódios cotidianos.

Para traçarmos uma linha de pensamento inicial discorreremos sobre os aspectos políticos e sociais que levaram Spinoza (2002) a ter relevância para o trabalho. Para isso temos o livro *Reino dos Países Baixos* (1998) que demonstrará a sociedade onde Spinoza (2002) cresceu, bem como a mais antiga biografia do autor (WOLF 2003).

Os livros citados ajudaram a formular a resposta para três perguntas fundamentais sobre o ódio, que refletirão no conceito de ódios cotidianos: o que é o ódio? O que causa o ódio? E finalmente o porquê deles serem diferentes para cada pessoa?

Através da definição do que é o *conatus* (item 2.2.1), que é diretamente relacionada com nosso corpo de estudo, traçaremos uma ponte para os conceitos de afeto-paixão e afeto-ação (item 2.2.2), para assim podermos definir segundo Spinoza (2002) o que é o sentimento de ódio, e de que maneira isso nos afeta, levando-nos posteriormente a definição do que são os ódios cotidianos, o foco do nosso trabalho.

¹ Termo usado por Spinoza (2002) que será desenvolvido no item 2.2.1

O conceito do que são ódios cotidianos se baseia fundamentalmente em dois pilares, a teoria dos afetos-paixão defendida pelo filósofo Baruch Spinoza, nascido no século XVII e a teoria do cotidiano explicada por Agnes Heller, nascida em 1929, em seu livro "O cotidiano e a História". Apesar da distância cronológica existente entre os dois pensadores (e entre a sociedade na qual estavam respectivamente inseridos) é notável a forma como seus trabalhos são complementares.

Temos por um lado a análise mais aprofundada do homem individual no livro *Ética de Spinoza* (2002), e a forma como esse homem reage ao ambiente à sua volta, suas reações emocionais e racionais a estímulos da sociedade e a influência de sua própria individualidade em seu pensamento, enquanto Agnes Heller (1985) nos mostra como esse homem particular insere-se e é inserido nas estruturas sociais formando assim o que chamamos de "vida cotidiana". A junção destes dois tópicos nos dá a possibilidade de definir o que são e como se manifestam os ódios cotidianos, e por sua vez como afetam o indivíduo.

Na busca para definição do que são "Ódios Cotidianos" partiremos de um recorte do pensamento filosófico de Baruch Spinoza (também chamado de Bento Spinoza, ou Benedito Spinoza) presente no livro *Ética* (SPINOZA, 2002), publicado postumamente em 1677. É importante, portanto para um maior entendimento de como Spinoza chegou às conclusões presentes nesse livro que tenhamos o conhecimento, da vida deste filósofo, qual sua posição religiosa e como era visto por seus contemporâneos bem como o conhecimento da conjectura política e social do país onde nasceu e residiu até o fim de sua vida.

2.1 HOLANDA E SPINOZA

Devemos entender que conjectura política e social dos países baixos fomentou, e muito a formação do pensamento de Spinoza, pois a pluralidade política, o crescimento econômico e a relativa liberdade religiosa atraíram e possibilitaram o surgimento de grandes pensadores e artistas impulsionando o desenvolvimento tecnológico e artístico nos Países Baixos (BAIXOS, 1998). O Estado mais aberto a novas ideias e religiosamente mais liberal no qual viveu

Spinoza foi possível apenas por uma série de acontecimentos, que tem na abdicação do governo dos países baixos por Carlos V em favor de seu filho Filipe II em 1555 como o ponto de partida.

Filipe II nasceu e foi criado na Espanha e não falava a língua dos neerlandeses e tampouco entendia as necessidades dessa parte de seu reino, nomeou então sua irmã Margarida de Parma como a governadora das províncias neerlandesas. Ao mando de Filipe II, um católico fervoroso, Margarida iniciou uma perseguição implacável contra os protestantes, além de excluir os Stathouders² das deliberações sobre as decisões tomadas pelo estado. Essas medidas começaram a provocar a insatisfação da nobreza local, que capitaneada por Guilherme de Orange (Figura 1) começou a oferecer resistência a Filipe II (Figura 2), pois consideravam essas práticas não condizentes com sua posição e valores. À resistência nesse momento era apenas política, tendo em vista que Guilherme de Orange era um pacifista.



**Figura 1 - Guilherme de Orange Autor: Adriaen
Thomasz Key
Fonte: TERMINATORS, 2013**

² Espécie de governadores das províncias neerlandesas

Segundo o Ministério de Negócios Estrangeiros (Baixos, 1998), com o aumento da tensão em todas as províncias, Filipe II mandou que seu exército, chefiado por D. Fernando Alvarez de Toledo, o duque de Alba, marchasse em direção às províncias para castigar severamente os rebeldes e os dissidentes religiosos. Foi nesse momento que Margarida de Parma renunciou ao seu cargo de governadora. O cargo foi então ocupado pelo Duque de Alba, que ao tomar o poder instituiu o que nasceu como o “Conselho dos Tumultos”, mas que ganhou a alcunha de “Conselho de Sangue”, esse conselho poderia convocar e condenar qualquer suspeito de compactuar com a rebelião, independente da posição, patente ou classe social. Essa medida forçou Guilherme de Orange, líder da resistência, a fugir para a Alemanha. Ao saberem que o principal líder da rebelião havia fugido seguindo seu exemplo muitos neerlandeses refugiam-se em países vizinhos.



Figura 2 - Filipe II Rei da Espanha, Autor: desconhecido

Fonte: WORDATLASPEDIA, 2013

Guilherme de Orange, entretanto continuou a chefiar a rebelião contra Filipe II, e em 1568, ao invadir com seu exército a cidade de Heiligerlee, situada no extremo norte dos Países Baixos e pertencente à província de Groningen, deflagrou a guerra que se tornou posteriormente conhecida como a guerra dos 80 anos, pois durou até 1648.

Apesar de militarmente não ter conseguido vitórias significativas Guilherme de Orange, aproveitando-se de uma falha na sucessão dos governadores espanhóis, conseguiu um grande êxito político. Em 1576 reuniu dezessete províncias que formavam os Países Baixos na assinatura do documento chamado a “Pacificação de Gent”, cujo objetivo era a expulsão das tropas espanholas bem como a suspensão das leis causadoras da perseguição religiosa. Apesar dessa resolução católico-romanos e protestantes continuaram seu afastamento, motivado por diferenças na ideologia distinta de suas religiões.

Aproveitando-se dessa sessão religiosa que ainda persistia o governador espanhol nomeado em 1578, Alexandre Farnésio, filho de Margarida de Parma conseguiu que as províncias católicas ainda leais à Filipe II assinassem a União de Utrech, tratado que reconhecia novamente o poder real (BAIXOS, 1998). Apesar desse alinhamento, as províncias participantes exigiram que seus direitos e privilégios ameaçados pela política de Filipe II fossem mantidos. Conseguiram assim que decisões pertinentes aos Países Baixos só pudessem ser aprovadas através da unanimidade entre os governantes de todas as províncias e também suspenderam as perseguições religiosas. Apesar do caráter provisório da medida, as diretrizes da União de Utrech tornaram-se o alicerce do governo republicano posteriormente implantado.

Apesar de ter sido uma vitória para a coroa, a União de Utrech logo se voltou contra ela, pois Filipe II declarou que Guilherme de Orange era agora um proscrito e um inimigo do reino, essa atitude motivou os membros da União de Utrech a declararem o não reconhecimento de Filipe II como seu soberano (BAIXOS, 1998). Porém em 1584, Guilherme de Orange foi assassinado o que enfraqueceu a posição dos rebeldes e facilitou a ocupação de Antuérpia, na época a principal cidade e porto dos países baixos, por forças espanholas. Como haviam renegado Filipe II os Stathouders das províncias rebeldes começaram a procurar um novo soberano, e após uma sucessão de soberanos fracos e sem muita expressão política, os

governantes neerlandeses decidiram fundar a República das Províncias Unidas, proclamando assim sua independência do governo espanhol.

Em 1588 o príncipe Maurício (filho de Guilherme de Orange) assumiu o esforço de guerra, e infligindo numerosas perdas ao exército espanhol, conquistou cidades e extensões de território, obrigando assim os espanhóis a assumirem uma posição defensiva. Em 1609 a República das Províncias Unidas foi reconhecida como independente, "Em 1609, data em que se assinou um armistício com a Espanha por um período de doze anos, a Trégua dos Doze Anos, a República das Províncias Unidas foi efetivamente reconhecida como um estado independente." (BAIXOS, 1998, p. 22)

Paralelamente desde a conquista da Antuérpia, Amsterdam vinha assumindo uma posição cada vez mais importante no comércio marítimo neerlandês, e com o estabelecimento da trégua entre as partes envolvidas na guerra esse crescimento foi acelerado. Grande parte se deve a impregnação nos grandes comerciantes locais da ideia de que o mar era de todos e não cabia a ninguém controlá-lo. A importância da cidade portuária era tão grande que praticamente toda a mercadoria que chegava ou deixava os Países Baixos passava através deste porto. Controlado pela Companhia das Índias Orientais, e pela Companhia das Índias Ocidentais, o comércio marítimo gerou enormes lucros para a região, além de fazer com que os neerlandeses entrassem em contato com diversas culturas incluindo as asiáticas, o que apenas contribuía com a pluralidade da cultura local.

O crescimento da economia permitiu um enorme crescimento intelectual, "O século XVII denomina-se o Século de ouro, porque a cultura nos Países Baixos atravessou um período de florescimento, graças à prosperidade econômica." (BAIXOS, 1998, p. 27). Novas tecnologias surgiram, permitindo, por exemplo, que terras antes alagadas no interior das províncias fossem drenadas, e que novos e diques mais resistentes fossem construídos.

Enquanto o capital concentrado na mão da burguesia permitiu a artistas como Rembrandt (Figura 3) e Vermeer (Figura 4) que vivessem de sua pintura (pintando retratos, paisagens, grandes acontecimentos, etc.), desenvolvendo assim seu estilo e garantindo que seu enorme legado artístico chegasse até nós, a liberdade religiosa e de expressão atraiu pensadores do calibre de René Descartes e John Locke, que residiram na república e contribuíram para o enriquecimento e o fomento do pensamento, e da discussão filosofia local.



Figura 3 - A Lição de Anatomia do Dr. Tulp, Autor: Rembrandt
Fonte: WIKIPEDIA, 2013

A trégua durou doze anos, e em 1621 a guerra recomeçou, para ser terminada em 1639 com a derrota da armada Espanhola e a captura de navios espanhóis carregados de ouro e prata oriundos de Cuba. O legado do século XVII neerlandês, que posteriormente viria a ser conhecido como “O século de Ouro” atravessou os anos e os feitos de seus protagonistas, seja no campo das artes, da ciência, da filosofia ou da política reverberam até o nosso tempo.



Figura 4 - Rapariga com Brinco de Pérola, Autor: Johannes Vermeer
Fonte: wikipedia.org, 26 jun. 2013

Nesse momento cultural efervescente que Spinoza nasceu na província da Holanda, uma das sete províncias que formavam a República dos Países Baixos, em 1632, filho de judeus oriundos de Portugal pertencentes a um grupo conhecido como criptojudeus³.

Seus pais mudaram-se para Amsterdã para fugir da perseguição religiosa que sofriam em Portugal, praticada pela inquisição portuguesa. Buscavam com a mudança para Amsterdam o ambiente religiosamente mais tolerante que vigorava nos países baixos, para que pudessem praticar o judaísmo com mais liberdade. Ao estabelecer-se em sua nova morada se “reconverteram” a sua religião original.

Seu pai, Michael de Spinoza era um mercador relativamente bem sucedido e um membro respeitado da sociedade local, sua mãe Hanna faleceu quando Spinoza tinha apenas 6 anos. Desde cedo recebeu a educação necessária para que fosse considerado um membro da comunidade judaica, e no colégio de sua congregação teve lições de estudo religiosas que englobavam o estudo da língua Hebraica e do Torah⁴. Spinoza não chegou a se aprofundar nos estudos da religião judaica a ponto de tornar-se um rabino, sendo que após alguns anos deixou o colégio para começar a trabalhar com seu pai, eventualmente assumindo a empresa da família em conjunto com seu meio-irmão chamado Gabriel (INTERNET, 2013).

Por volta dessa época Spinoza, devido a seus contatos comerciais, começou a conhecer os trabalhos de outros pensadores, os quais não tinha tido acesso durante a sua estadia no colégio judaico, sendo que os mais significativos eram provenientes de um grupo de protestantes dissidentes do Calvinismo. Esses estudiosos discutiam uma variedade de assuntos, inclusive assuntos teológicos e encontravam-se regularmente para travar essas discussões, acredita-se que o primeiro contato de Spinoza com o pensamento Cartesiano é proveniente destes encontros.

A partir desse momento o que viria a ser a espinha dorsal de sua filosofia começou a se formar, pois mesmo não tendo abandonado o estudo da literatura de cunho judaico, Spinoza começou a entrar em contato com estudos que refutavam alguns dos ensinamentos e preceitos pregados pelos defensores do judaísmo.

³ Judeus forçados a adotar o cristianismo, mas que secretamente continuavam a praticar a fé judaica)

⁴Torah (Torá, Thora ou Thorah) é o nome dado aos cinco primeiros livros da Bíblia hebraica, que contém o essencial da lei mosaica. (GRANDE, 1998, v.23)

Segundo Blake D. Dutton (INTERNET, 2013) por volta de 1650, Spinoza passou a morar com Francisco Van den Enden, um pensador entusiasta da ciência, que se tornou um grande mestre para Spinoza e o ajudou a construir os alicerces que viriam a aprimorar ainda mais o estudo multidisciplinar de Spinoza impactando de maneira positiva no desenvolvimento do que seriam os estudos posteriores de seu pupilo. De Van den Enden, Spinoza absorveu também as tendências democráticas e o pensamento livre das amarras espirituais que permeavam o pensamento religioso, fazendo com que contestasse cada vez mais os ensinamentos recebidos através dos líderes da igreja judaica local no campo do judaísmo, o que o levou a afastar-se da comunidade da qual outrora fizera parte.

Esse novo direcionamento no pensamento de Spinoza o levou a propagar ideias que foram consideradas heréticas pela comunidade religiosa, o que levou finalmente a sua excomunhão em 1656. Esse trecho da vida de Spinoza merece atenção especial, pois denota que mesmo em uma sociedade relativamente aberta como a sociedade holandesa o filósofo desafiava o pensamento corrente de tal maneira que passou a incomodar as autoridades religiosas locais. Apesar da atitude tomada contra o filósofo ser relativamente comum na época, à excomunhão de Spinoza é notória pelo teor altamente ofensivo. O líder da sinagoga local na época, o rabino Morteira (do qual Spinoza foi um dos mais brilhantes discípulos) não apenas buscava a excomunhão de Spinoza, mas também seu banimento da cidade de Amsterdã devido a um atrito pessoal entre ideias opostas, aparentemente o que mais incomodava Morteira era a insubordinação de Spinoza perante as ameaças de excomunhão feitas por ele.

Morteira não podia suportar o fato do discípulo permanecer na mesma cidade que ele, após a afronta que ele acreditava ter recebido. Mas como expulsá-lo? Ele não era o líder da cidade, como ele era na sinagoga. Mas a raiva que ele tinha era tão poderosa, que sob um falso zelo, conseguiu por expulsá-lo. Foi assim que ele fez: Acompanhado de um rabino com a mesma opinião, ele foi até os magistrados e disse que havia excomungado o Sr. Spinoza, não por razões comuns, mas por blasfêmias terríveis contra Moisés e Deus. Ele exagerou na enganação por todos os meios que ódio santo poderia permitir para um coração endurecido, e acabou com um pedido de que o acusado fosse banido de Amsterdam. (WOLF, 2003 , p. 56, tradução nossa)⁵

⁵ Original: "Morteira especially could not stand the fact that his disciple should remain in the same city as him, after the affront he believed he had received. But how to chase him out? He was not head of the city, as he was of the synagogue. But the malice he bore was so powerful, that under cover of a false zeal, this old man managed to bring it about. Here is how he did it. Accompanied by a like-minded rabbi, he went to the magistrates and told them he had excommunicated M. de Spinoza, not

A reação de Spinoza a esse fato foi diferente do que se poderia esperar, pois tendo se desenvolvido no pensamento filosófico e no estudo da ciência, desejava se afastar dos grandes centros urbanos da época que o incomodavam, para se dedicar mais profundamente aos seus estudos. Mudou-se então para o vilarejo de Rijnsburg onde começou sua incursão na literatura, após uma breve estadia nesse lugar, mudou-se para o que se tornaria sua morada final, a cidade de Haia. Foi aqui que escreveu suas obras mais importantes, a serem destacados “Princípios da filosofia Cartesiana”, seu único trabalho publicado, e sua grande obra (SPINOZA, 2002), concluída por volta de 1675, publicada postumamente a partir dos escritos deixados pelo filósofo em sua morada.

A razão da não publicação de *Ética* pelo autor, é que Spinoza receava que o conteúdo da obra causasse uma comoção muito grande na sociedade vigente (como de fato causou, sendo inclusive incluída na lista de livros banidos na Holanda). Spinoza morreu em 1677, em decorrência de um problema respiratório que se agravou nos últimos dois anos de sua vida (INTERNET, 2013). Não deixou nenhum testamento, mas seus amigos se encarregaram de publicar suas últimas obras e garantiram assim que o legado de um dos mais brilhantes pensadores de sua época permanecesse vivo, e nos permitisse entre outras coisas formular este estudo sobre os ódios cotidianos.

Nessa busca o autor defende que para sermos realmente livres não podemos recorrer a qualquer tipo de superstição ou mistério ou ceder a influências de terceiros na geração de nossas concepções, ou seja, devemos alcançar racionalmente ou intelectualmente os motivos para que possamos acreditar em algo (seja ele real ou não) sem coerção externa.

2.2 OS AFETOS-PAIXÃO E SUA RELAÇÃO COM OS ÓDIOS COTIDIANOS

Nesse item e subitens abordaremos os conceitos primordiais na filosofia de Spinoza (2002) que nos levaram ao conceito principal de ódio. Começamos com a

for ordinary reasons, but for terrible blasphemies against Moses and against God. He exaggerated the deception by all the means that a holy hatred could suggest to a hardened heart, and finished with a request that the accused be banished from Amsterdam.”(WOLF, 2003 , p. 56)

peça fundamental o conatus (item 2.2.1), passando pelos afetos-paixão e afetos-ação (item 2.2.2) que influenciam o conatus diretamente, para enfim chegar ao conceito de ódio (item 2.2.3), preparando assim a base para o entendimento de ódios cotidianos.

2.2.1 O conatus

A compreensão relacionada a fração do estudo filosófico de Baruch Spinoza que será utilizado na construção do conceito de “Ódios Cotidianos” tem como ponto de partida a definição de como funciona, para o filósofo nossa mente e corpo, o que nos impulsiona segundo Spinoza a viver e saciar nossas necessidades e vontades. Para explicar o que nos leva a prosseguir nessa forma de existência, na parte III da sua obra, Spinoza (2002) introduz o conceito de "conatus" desta forma: “Toda coisa⁶, à medida que existe em si, esforça-se por perseverar no seu ser” (SPINOZA, 2002, p. 205)



Figura 5 - Baruch Spinoza, Autor: desconhecido

Fonte: LENDODEMASIADO, 2013

⁶ Spinoza (2002) em sua obra, usa o termo coisa diversas vezes para assim indicar tudo o que existe ou pode existir(ente, objeto inanimado),aquilo em que se pensa, acontecimento, caso, circunstância, condição, estado, fato, negócio (MICHAELIS, 2013), entre outros, basicamente todos os significados possíveis que o verbete "coisa" possui

A esse esforço para perseverar no seu ser, ou em outras palavras, continuar a sua existência, denomina-se conatus. Em uma primeira análise, essa proposição nos leva a pensar que esse esforço limita-se a apenas nos carregar através de nossa vida, tomando decisões a fim de evitar nossa morte. Mas ao analisarmos esse conceito através dessa perspectiva estamos negando o significado muito mais complexo proposto por Spinoza (2002), o conatus abrange nos afastarmos de toda e qualquer coisa que possa diminuir nossa efetividade, em todos os momentos de nossa vida. O conatus refere-se a nosso esforço em buscar maneiras de aumentar nossa capacidade de agir e de evitar o que Deleuze (2013), em uma de suas palestras sobre o trabalho de Spinoza, chama de “maus encontros” que ocasiona uma diminuição de nossa capacidade de agir e reagir ao ambiente à nossa volta, causando a supressão da nossa individualidade e nos deixando a mercê de sentimentos e ações avessas à razão.

A proposição citada acima, que define o conatus como não sendo apenas uma forma da existir, mas sim como a busca por um aumento na capacidade de agir é evidenciada por FERREIRA (2008) onde faz a análise:

O filósofo holandês define a “alegria” como uma paixão pela qual passamos a uma perfeição maior, e “tristeza” quando ocorre o contrário (Spinoza 13, EIII, P11, p. 177).³ Neste sentido, o esforço relativo ao conatus pode ser visto como um esforço em nos tornarmos cada vez mais alegres, o que implica em sempre buscarmos aquilo que nos é útil, ou seja, que convém à nossa natureza” (FERREIRA, 2008, p. 74)

Ao buscarmos aquilo que é útil, não estamos apenas saciando as funções básicas para a nossa sobrevivência (comer, dormir, ingerir líquidos, etc.) de um modo que nos permita continuar nossa rotina sem alteração, mas sim buscamos tudo o que pode aprimorar nossa capacidade ao mesmo tempo em que buscamos nos afastar das influências negativas em nosso conatus. Deleuze (2013) afirma que não podemos afirmar o que vem a ser útil para todos os indivíduos, pois, por sermos pessoas com aspirações, necessidades físicas e intelectuais diferentes, cada indivíduo busca formas distintas para saciar seus desejos e aumentar sua potência.

Essa afirmação é importante para a argumentação a respeito dos ódios cotidianos, pois nos permite evidenciar como pessoas distintas podem compartilhar da mesma experiência e apresentarem resultados divergentes entre si, por exemplo: é possível que um indivíduo ao entrar em um elevador lotado seja acometido de um desconforto momentâneo, mas que não diminua sua potência de agir de maneira

significativa, enquanto outro pode estar presente no mesmo lugar, na mesma situação e ter sua potência de agir drasticamente reduzida, pois se sente desconfortável com a situação.

Se indivíduos diferentes buscam maneiras distintas para manter ou aumentar sua potência de agir pode-se afirmar que variações étnicas, raciais, religiosas, sociais, demográficas, de gênero, bem como a opção sexual do indivíduo também influenciam de maneira direta nessa variação na busca pela potência de agir, por exemplo: um indivíduo que more em uma região onde não exista saneamento básico, possivelmente terá sua potência de agir aumentada caso, a partir de um momento tiver o serviço instalado na região onde mora, enquanto um morador de uma região que já possua o serviço há muito tempo, buscará uma situação distinta para aumentá-la. Bem como um indivíduo que está acostumado a temperaturas elevadas ao mudar-se para uma região mais fria possivelmente terá sua potência diminuída.

Essa diferenciação ocorre, pois nossa potência de agir não é afetada positivamente ou negativamente apenas por fatores de ordem fisiológica, como a alimentação, mas também através de ações que tomamos de ordem intelectual, “Esse esforço, quando se refere à alma⁷, é chamado “vontade”; mas quando se refere ao mesmo tempo à alma e ao corpo é chamado “apetite”. (SPINOZA, 2002, p. 207).

Entendemos então que a vontade da mente influi diretamente no conatus, temos de ressaltar, porém que ao nos referirmos à “mente” não estamos nos referindo unicamente às atividades de cunho intelectual, como ler um livro, resolver um problema matemático, assistir a um filme instrutivo, mas sim de todas as atividades nas quais nossas emoções tem participação efetiva no aumento ou diminuição da nossa potência de agir, como por exemplo, quando o time para qual torcemos em um esporte vence, ou a emoção que sentimos aos assistirmos uma peça de teatro, ao vermos nossos filhos, netos, irmãos, etc. desempenharem uma atividade da qual tivemos participação ativa, etc. Todas essas e muitas outras formas de interações que não pertencem à esfera “acadêmica” tem a capacidade de alterar nossa capacidade de agir (podemos inclusive experimentar variações em

⁷ Em seu livro, Spinoza (2002) a alma, posteriormente em traduções e em estudos como o de Ferreira (2008) a palavra alma é substituída por mente.

nosso conatus muito mais intensas do que as ocasionadas por eventos que envolvam apenas nosso corpo), tanto positiva quanto negativamente.

Para um melhor entendimento dos conceitos abordados até aqui tomemos como exemplo dois indivíduos, aqui denominados como A e B. O indivíduo A mora na cidade de Curitiba em um bairro de classe média enquanto o indivíduo B mora na mesma cidade, porém vive nas ruas. O indivíduo B, nem sempre tem a oportunidade de ter uma refeição, portanto sua potência de agir está sendo reprimida por um “apetite” não saciado (pois tem a vontade de comer, além da necessidade fisiológica de fazê-lo), sendo assim ao ter a oportunidade de almoçar, sua potência de agir será aumentada temporariamente. Já indivíduo A alimenta-se regularmente quatro vezes ao dia, e embora esteja satisfazendo uma necessidade fisiológica tida como básica, o ato de se alimentar não representa um aumento significativo em sua capacidade de agir, pois o faz com regularidade. O indivíduo A portanto, em ordem de aumentar no mesmo grau do indivíduo B sua potência de agir precisa então saciar uma “vontade” ou “apetite” diversa da saciada por B.

A noção do apetite nos permite compreender a ligação feita entre Spinoza entre a mente e o corpo e como a diminuição ou restrição na potência de agir de um dos dois (mente ou corpo), acarreta na diminuição da potência de ação do outro, assim como o aumento na potência de agir em uma das partes gera o mesmo efeito na outra. Isso é evidenciado em: “Se alguma coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de agir do nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de pensar da nossa alma.” (SPINOZA, 2002, p. 208):

A relação existente entre o aumento ou diminuição da capacidade no conatus ser simultânea entre mente e corpo pode ser facilmente evidenciada pelo exemplo a seguir: “um indivíduo qualquer está com dor de cabeça, portanto exclama, “minha cabeça dói, já não consigo nem ler” (DELEUZE, 2013) o exemplo apesar de simples, sintetiza o que pensava Spinoza à respeito da conexão mente e corpo.

Através do exemplo, Deleuze (2013) exemplifica como uma dor de cabeça ao afetar seu corpo negativamente, afeta a potência de agir de sua mente no mesmo momento, e a partir desse exemplo podemos concluir que apesar de simultânea, não é necessariamente proporcional, pois o indivíduo poderia estar lidando com a restrição no conatus de seu corpo até o ponto que a restrição se tornou forte o suficiente a ponto de gerar uma alteração no conatus de sua mente.

Com a definição do que é conatus e como ele é de certa forma um guia para nossas ações precisamos entender elementos que causam sua variação, tanto de maneira positiva quanto de maneira negativa, e para isso precisamos compreender que para Spinoza nossa vida tinha como elemento fundamental a sucessão de ideias, como corrobora o filósofo Deleuze (2013):

“Nos livros dois e três, ele nos faz uma espécie de retrato geométrico de nossa vida que, ao que me parece, é muito, muito convincente. Esse retrato geométrico consiste em dizer-nos, grosso modo, que nossas idéias se sucedem constantemente: uma idéia caça a outra, uma ideia substitui outra idéia, por exemplo instantaneamente. Uma percepção é um certo tipo de idéia”(DELEUZE, 2013, Não paginado)

Ideias essas que não consistem em apenas ideias que sejam provenientes do raciocínio intelectual, mas também das relações do indivíduo com o ambiente à sua volta, como por exemplo, quando olhamos para o chão estamos sendo expostos ao que Spinoza chamava de ideia (a ideia do chão) , temos, ao olhar o objeto em questão, nossa mente impregnada por questionamentos perceptivos a respeito dele, ao direcionarmos nosso olhar para um lugar distinto, em direção ao céu, por exemplo, mesmo que nossa mente ainda divague sobre as propriedades do chão somos impregnados com a percepção e as ideias em relação ao céu. Assim temos duas ideias se sucedendo; se repararmos em nosso dia-a-dia poderemos ver esse conceito de maneira prática, basta notar que a cada momento nossa atenção diverge, muda e é compartilhada por vários elementos, que geram em nós ideias distintas à respeito de cada um.

Em nossa busca do aumento do conatus não estamos isolados do ambiente a nossa volta, na verdade vamos invariavelmente interagir com outros indivíduos ou outros elementos presentes à nossa volta, e mesmo que também possamos alterar nosso conatus apenas através da reflexão solitária de nossa vida, estaremos sempre refletindo sobre alguma reação que tivemos em decorrência à um encontro com um elemento externo a nós mesmos. Esses elementos podem ser qualquer coisa, literalmente. Podem ser outras pessoas, objetos inanimados, manifestações da natureza, animais, utensílios domésticos, etc., são esses elementos que irão nos causar as ideias que gerarão nossa alteração de conatus, positiva ou negativamente. Ao levarmos em consideração o conceito de sucessão de ideias de Spinoza (2002), durante apenas um dia, seremos expostos a um enorme número elementos, que podem gerar um grande número de ideias diferentes sejam elas

ideias concretas, confusas ou até mesmo inconscientes para nós, e é através dessas ideias que a alteração no conatus acontece, como afirma Deleuze (2013) no trecho à seguir:

“Eu diria portanto que à medida que as idéias se sucedem em nós, cada qual tendo seu grau de perfeição, seu grau de realidade ou de perfeição intrínseca, aquele que tem essas idéias não pára de passar de um grau de perfeição a outro; em outras palavras, há uma variação contínua, sob a forma de aumento-diminuição-aumento-diminuição, da potência de agir ou da força de existir de alguém de acordo com as idéias que ele tem”(DELEUZE, 2013, Não paginado)

A variação do conatus mencionada por Deleuze, não é um processo necessariamente lento, rápido, intenso ou suave. O que determina a forma como somos afetados por uma dessas variações é o conatus da ideia que temos a respeito do elemento causador da ideia motriz da alteração; ou seja, se formos expostos a elementos que gerem ideias capazes de restringir severamente nossa capacidade de ação, a exposição a elementos que tenham a capacidade de aumentar um pouco nossa potência de agir não surtirá o efeito necessário para destruir o conatus da ideia restritiva. Por exemplo: o indivíduo A possui aracnofobia aguda, portanto seu conatus será severamente alterado negativamente caso seja exposto a uma aranha, por outro lado ele é um grande amante de chocolates, ao comê-los tem um aumento significativo em seu conatus. Tendo isso em mente imaginemos uma situação hipotética, o indivíduo A deseja comer uma barra de chocolates que está em sua mesa da cozinha, e ao esticar a mão para pegá-la, nota que uma aranha está descansando sobre ela. Caso o conatus negativo gerado pela aparição da aranha, seja maior que o conatus positivo que a ideia do chocolate lhe dá, provavelmente ele deixará de comer o chocolate até que consiga superar a redução de sua potência de agir provocada pela visão da aranha.

Devemos lembrar que a percepção da causa é feita de forma mecânica, através de nossos sentidos (como a visão e a audição), mas a concepção da ideia é gerada através da interpretação do estímulo visual através de nossa mente, que relaciona o que vemos ou ouvimos com o que sabemos, ou com o eu achamos que sabemos. Essa interpretação dos elementos pode ser feita de forma errônea, o que pode acarretar em ideias falsas, essas ideias falsas só serão substituídas através de sua sobreposição por outra ideia, seja ela outra falsa ou verdadeira; caso seja verdadeira a substituição da ideia anterior nos torna menos suscetíveis a retornar a concepção que tínhamos anteriormente a respeito do assunto, pois segundo

Spinoza (2002), quanto mais ideias verdadeiras possuímos, mais ativa nossa mente é, e quanto mais ativa nossa mente é, menos suscetível à ideias falsas ela se torna.

O encontro entre elementos com conatus distintos estabelecendo uma relação entre eles tem a capacidade de gerar o que Spinoza (2002) define como afetos, que são as alterações em nosso conatus e a maneira como se comportam em relação a causa dessa variação. Ou seja, ao interagirmos com um elemento que aumenta nosso conatus, nos alegamos e ao nos alegrarmos aumentamos nossa potência de agir, já ao encontramos algum elemento que nos reduz essa capacidade somos tomados de tristeza, e a tristeza reduz nossa capacidade de agir. Alegria, tristeza e o desejo são os afetos primários segundo a filosofia de Spinoza (2002), e a partir dele são gerados todos os outros afetos que nos acometem durante nossa perseguição do aumento no conatus.

Não só através do encontro de corpos e elementos que se dá a variação em nosso conatus e a geração de afetos, mas também da realização ou não de nossos desejos. Devemos salientar, porém que para Spinoza (2002) a busca desenfreada da realização de nossas vontades, invariavelmente contribui para a diminuição da nossa potência de agir, pois ao nos entregarmos às vontades e desejos do corpo e da mente sem uma análise racional da situação temos a possibilidade de tomar cursos de ação que irão nos prejudicar. Por exemplo: podemos ter vontade de jantar em um *fast-food* em todas as refeições, e se realmente tomarmos esse curso de ação, imediatamente teremos uma elevação em nossa potência de agir, pois saciamos uma vontade imediata que nos incomodava, se tivéssemos analisado racionalmente essa decisão antes de tomá-la, constataríamos que a longo prazo nosso conatus iria na verdade ser diminuído pelo consumo excessivo de alimentos que não são saudáveis, sobrepondo negativamente a elevação imediata causada pelo consumo do alimento. Isso se dá pela saciedade do nosso desejo ser dada através de uma ideia falsa, que como mencionado anteriormente, é proveniente de uma interpretação errônea de um elemento, nesse exemplo específico, é a ideia de que o consumo do *fast-food* todos os dias seria benéfico para nossa potência de agir.

Concluimos então que a busca pelo aumento do conatus leva nossa mente e corpo a estarem subordinados às nossas necessidades (podendo gerar assim ideias equivocadas para nos levar a saciá-las imediatamente, acreditando que será o melhor para nosso conatus), sejam elas de que ordem forem (intelectual, fisiológica

ou social), o que de certa forma pode, ao invés de aumentar nossa potência de agir, nos tornar escravos de nossos impulsos. O real aumento do conatus, e a verdadeira liberdade dos afetos nocivos só é possível através da análise racional de nossas vontades.

2.2.2 Afetos-paixão e Afetos-ação

Agora que já exploramos os aspectos que englobam o conceito de conatus podemos separar definitivamente o que são afetos-paixão do que são os chamados afetos-ação. Primeiramente devemos compreender que para Spinoza (2002), os afetos são gerados não através da reflexão a respeito de ideias através da razão, mas sim durante a transição da nossa capacidade de agir para um maior ou menor grau, ou seja, o afeto surge do encontro entre dois elementos distintos no qual um causa uma reação no outro, sendo que esse encontro pode gerar o afeto em todas as partes envolvidas, ou em apenas uma delas.

Para demonstrar a situação descrita nos utilizaremos do seguinte exemplo: o indivíduo “A” estaciona seu carro em uma vaga que durante o dia é exposta ao sol, pela exposição prolongada ao calor gerado pelo sol, o carro se torna extremamente quente, após certo período de tempo ele retorna ao seu carro e ao sentar-se no banco do motorista e posicionar suas mãos no volante acaba por queimar-se levemente, o encontro entre o elemento carro e o elemento A, causa dor ao indivíduo, o que diminui sua potência de agir, e durante essa diminuição o afeto de ódio ou raiva acomete a ele, enquanto o elemento carro (por ser um objeto inanimado) não sofre alteração por nenhum afeto. Caso o indivíduo A soubesse dos efeitos não seria afetado pelo afeto paixão, pois procuraria manter sua potencia de agir estacionando seu carro em outro lugar (afeto ação)

Os afetos são, portanto, sinônimos para o que chamamos de sentimentos. Essa é uma conexão estabelecida através da comprovação empírica que temos todos os dias em nossa vivência. Nosso humor, vontades e desejos são alterados através dos encontros que realizamos com outros corpos durante a vida cotidiana. Através desses encontros geramos os sentimentos que têm a capacidade de alterar

nossa potência de agir. Spinoza (2002) chama esses sentimentos de afetos, e nesse estudo continuaremos a utilizar a nomenclatura proposta pelo filósofo.

Para Spinoza os afetos não são ideias por si só, são na verdade geradas a partir de uma ideia ou durante o já mencionado encontro de elementos. Os dois afetos mais importantes para os seres vivos segundo a teoria de Spinoza são a alegria e a tristeza, como afirma o filósofo Gilles Deleuze em sua palestra a respeito de Spinoza (2002):

Spinoza irá determinar dois pólos, alegria-tristeza, que serão para ele as paixões fundamentais: a tristeza será toda paixão, não importa qual, que envolva uma diminuição de minha potência de agir, e a alegria será toda paixão envolvendo um aumento de minha potência de agir (DELEUZE, 2013, Não paginado)

Os afetos para Spinoza são gerados através do encontro entre dois elementos distintos (podendo inclusive ser ideias diferentes). Para o filósofo, o encontro sempre envolverá contato, e através desse contato o corpo afetado sempre terá sua natureza evidenciada de maneira mais clara que a natureza do corpo que afeta, pois ao fazermos a análise de um determinado objeto ou indivíduo, o fazemos através de nossa percepção ou de nossa capacidade intelectual, sendo que essa análise pode ser afetada pela maneira como reagimos à ação causada pelo corpo externo a nós.

Essa maneira de perceber as relações entre objetos é única em cada indivíduo, pois, depende da vivência de cada um, portanto, através dessa percepção revelamos muito mais a respeito de quem somos e como nos portamos com relação aos diversos encontros que fazemos. A respeito disso Deleuze (2013) nos fornece um exemplo prático:

Está claro que minha percepção do sol indica muito mais a constituição de meu corpo, a maneira pela qual meu corpo está constituído, do que a maneira pela qual o sol está constituído. Assim, eu percebo o sol em virtude do estado de minhas percepções visuais. Uma mosca perceberá o sol de maneira diferente (DELEUZE, 2013, Não paginado)

A percepção que temos do corpo que nos afeta sem que reflitamos racionalmente a respeito dele, gera segundo Spinoza, uma ideia que nos permite reconhecer apenas os efeitos de um elemento sobre nós, e não o elemento em si. Tampouco nos permite conhecer o porquê de sermos afetados da forma que fomos pelo encontro feito. As ideias geradas a partir desse tipo de análise sem reflexão são, para o filósofo, consideradas inadequadas, pois não nos é permitido produzir

um pensamento racional adequado a respeito de algo levando em consideração apenas os efeitos de sua ação em nosso corpo ou mente. Para Spinoza, precisamos entender os elementos que constituem o objeto do raciocínio bem como a maneira que interagem entre si a fim de produzirem o efeito final aos quais somos expostos.

Esse tipo de ideia, classificada por Spinoza como ideias inadequadas são a origem do que são chamados afetos-paixão.

Ao não analisarmos a causa real dos afetos ficamos à mercê dos efeitos gerados através dos encontros que travamos com outros corpos durante nossa vivência, pois ao não compreendermos o que nos afeta, não podemos nos preparar para lidar com seus efeitos, tampouco nos tornarmos definitivamente imunes à sua ação. Ao não termos o conhecimento da causa nos tornamos mais suscetíveis as alterações no conatus causadas por esse encontro.

Isso acontece porque pela falta da compreensão, tendemos a classificar esses encontros como maus e bons encontros (para o nosso conatus) baseados apenas em nossa percepção superficial dos objetos, sendo que essa percepção é única para cada indivíduo. Sendo essa percepção única, na maioria dos casos não nos é possível gerar uma análise verdadeira de uma causa baseado apenas no encontro que tivemos com um elemento. Um exemplo dessa proposição é quando o indivíduo A envia uma mensagem de texto através de um aparelho celular para o indivíduo B, sendo que o indivíduo B não responde imediatamente essa mensagem. O indivíduo A, se não realizar uma análise racional da situação, tende a gerar um julgamento de valor negativo de B, acreditando que a falta de resposta se deu por um motivo diferente do real (estava ocupado realizando outra atividade), essa análise equivocada da ideia pode gerar uma diminuição no conatus do indivíduo A.

Os afetos-paixão são, portanto os afetos gerados do encontro de elementos nos quais uma das partes não tem total entendimento do elemento pelo qual é afetado, conhecendo apenas seus efeitos, portanto é incapaz de elaborar uma ideia verdadeira a respeito da alteração ao qual está exposto. Devemos ressaltar que a classificação de afetos-paixão não abrange somente os afetos tidos como tristes (tristeza, ou afetos gerados por ela), mas sim abraça todos os afetos existentes, sendo que a diferenciação acontece na maneira dos afetos-ação ocorrerem.

Uma particularidade dos afetos-paixão é susceptibilidade do indivíduo em relação a eles, isso acontece porque como são gerados através de nossos encontros e ideias a respeito de um elemento do qual não temos conhecimento

pleno, ou de ideias das quais não somos a causa ativa como explica Spinoza (2002), somos na maioria das vezes incapazes de refreá-los.

Quando somos acometidos por afetos positivos, essa propriedade dos afetos-paixão parece nos beneficiar, mas independente dos afetos que nos acometem serem bons ou ruins, nossa impotência perante eles sempre será desvantajosa para a manutenção de nossa potência de agir ao longo prazo, pois segundo Spinoza (2002), ao cedermos a qualquer forma de afeto-paixão estamos cedendo a um afeto do qual não temos participação ativa, e ao agirmos de forma passiva, deixando-nos levar por reações impulsivas, corremos o risco de nos tornarmos cada vez mais sujeitos à ação dos afetos-paixão. Deleuze (2013) salienta que esse é o modo de vida da maioria das pessoas, contentando-se em ser levado por suas paixões nas direções em que elas conduzirem, mas tanto para ele, quanto para Spinoza (2002), esse é um caminho perigoso, pois leva à perda da individualidade do ser humano.

Essa mesma individualidade é o que leva pessoas a serem capazes de produzir determinados afetos e incapazes de produzir outros em relação a uma mesma causa. Isso acontece porque estamos inseridos em contextos sociais, étnicos, financeiros, etc. diferentes uns dos outros, o que altera nossa percepção do ambiente a nossa volta. Podemos exemplificar o perigo da passividade do indivíduo perante os afetos-paixão e a forma com que a individualidade altera a percepção de uma causa (gerando um novo afeto no processo) através do seguinte exemplo: o elemento chuva tem a capacidade de causar o afeto de alegria nos moradores de regiões áridas, e o afeto de tristeza em moradores de regiões facilmente alagáveis; Nos dois casos os moradores dessas regiões são passivos em relação ao afeto gerado pela chuva por se tratar de evento inesperado e fora de seu controle, essa passividade acabará tornando-os especialmente vulneráveis a alterações em seu conatus causadas por afetos-paixão, os habitantes de regiões áridas alegrar-se-ão quando chover e ficarão tristes quando a chuva não vier; essa espera por um evento que não tem controle os impede de tomar uma ação ativa em relação ao real alterador de seu conatus, que é a falta de água para irrigação de suas plantações ou para saciar a sede de seu gado.

Entendemos então que os afetos-paixões são afetos que devemos evitar, pois acabam nos tornando passivos em relação às alterações em nosso conatus, e ao não sermos ativos em relação à variação de nossa potência de agir tendemos a nos tornar escravos de nossas próprias paixões, mas como podemos tomar um curso de

ação favorável à nossa potência de agir de maneira ativa? Através do que Spinoza define como afetos-ação.

Os afetos-ação, segundo Spinoza (2002), são afetos dos quais somos causa ativa, são afetos gerados através da conquista da potência de agir e, ao contrário dos afetos-paixão, não são produzidos através da variação descontrolada no conatus do indivíduo ao realizar o encontro com outro corpo.

Conforme mencionado anteriormente, tanto para Spinoza, quanto para Deleuze (2013) (que comentou a obra de Spinoza (2002) em diversas ocasiões), estamos inseridos em um ambiente propício para a geração de afetos-paixão, e por consequência nosso conatus varia constantemente, ora positivamente, ora negativamente durante o decorrer de nosso cotidiano. Mesmo quando experimentamos afetos derivados do afeto da alegria, não estamos realizando uma mudança duradoura em nosso conatus, pois apesar de estarmos aumentando nossa potência de agir, o que nos causou esse aumento foi uma causa externa a nós, somos, portanto, passivos na alteração provocada em nosso conatus e a passividade pertence ao mundo da paixão. Para Spinoza (2002), não nos é possível aumentar de maneira definitiva nosso conatus através da ação de elementos externos a nós.

Para definir o afeto-ação, devemos lembrar que o afeto-paixão caracteriza-se quando compreendemos apenas efeitos ao invés da compreensão da causa. O afeto-ação por sua vez é a ideia gerada ao se obter o entendimento da inter-relação existente entre os corpos e a maneira como o corpo em questão nos afeta, entendendo, portanto, a causa do afeto, como nos evidencia Deleuze (2013) “é uma ideia que tem por objeto a conveniência ou a inconveniência das relações características entre os dois corpos”

Essa conveniência mencionada por Deleuze (2013) é o que nos fará buscar afetos favoráveis ao nosso conatus de maneira consciente ao mesmo tempo em que passamos a evitar relações que nos prejudicarão.

Podemos utilizar o mesmo exemplo utilizado anteriormente para exemplificar o que são os afetos-paixão para esclarecermos a noção de afeto-ação: o indivíduo “A” não estacionaria em uma vaga que viesse a ser iluminada pelo sol (esquentando seu carro no processo e fazendo com que se queime ao adentrar o veículo), pois já compreende a relação entre o elemento sol, o elemento carro e o seu próprio corpo, ao compreender essa relação ele conscientemente toma uma decisão que o afasta

da diminuição de seu conatus, ação essa que Spinoza (2002) considera como ativa. Ao adquirir o conhecimento através da análise de um problema, em outras palavras, ao compreender o que causava sua aflição o indivíduo A adquiriu o conhecimento necessário para realizar uma escolha racional a respeito de um problema, concluímos, portanto que apenas através do saber é que adquirimos a capacidade de aumentar nossa potência de agir de maneira ativa. Compreendemos a causa e seus efeitos.

Essa é a definição do que são os afetos-ação, o problema é sermos capazes de formular esse tipo de ideia, pois, como podemos nos distanciar do mundo dominado pelos afetos-paixão enquanto estivermos inseridos nele de maneira quase inconsciente? Primeiramente devemos compreender que para Spinoza (2002) o afeto-ação só pode ser gerado tendo como ponto de partida um afeto derivado da alegria, ou ao termos nosso conatus inalterado. Isso acontece porque segundo o filósofo, somos incapazes de formular qualquer ideia racional acerca de um objeto quando afetados por um afeto triste, pois quando nossa potência de agir está sendo constrangida queremos apenas o afastamento da causa e não sua compreensão. Podemos entender esse preceito com outro exemplo: o indivíduo “C” está andando na rua em um dia chuvoso portando um guarda chuva para sua proteção, repentinamente uma lufada de ar faz com que seu guarda-chuva vire do lado contrário fazendo com que ele se molhe pela chuva, ele então é tomado pelo afeto de raiva e tenta a todo custo fazer com que seu guarda chuva volte à posição inicial (afastando assim a causa da redução de seu conatus). O indivíduo não tem a capacidade no momento para compreender o porquê de seu guarda-chuva ter virado, apenas quando conseguiu repelir a causa de sua raiva (sendo então tomada por um afeto alegre) conseguiu compreender que seu guarda-chuva tinha um pedaço de sua estrutura quebradiça, o que o destruiu, ou seja, somente quando conseguiu dissipar alteração negativa em seu conatus é que ele conseguiu atingir a compreensão da causa do afeto-paixão. Quando defrontado com uma situação similar, a compreensão formada o tornará menos vulnerável aos afetos tristes que possam surgir através dessa situação.

Quando tomados por um afeto de alegria é mais fácil estabelecermos as relações que nos levarão a tomar decisões conscientes para o aumento de nossa potência de agir porque ao termos nosso conatus aumentado através deles, nossa potência de agir está aumentada e não constrangida, e isso nos permite estabelecer

o porque de nos beneficiarmos através da relação que estamos vivendo no momento, ou seja, compreendemos como o conatus de um corpo externo relaciona-se com nosso conatus e o aumenta através de uma relação aditiva, que opera em todos os níveis de nosso corpo e mente.

Segundo Spinoza (2002), apenas a partir da sabedoria a respeito do que nos alegra é que somos capazes de perceber as relações que não nos convém, e passamos a ser capazes de evitá-las ou até mesmo a modificá-las a nosso favor. A partir do momento que compreendemos a causa podemos nos adaptar a ela para que ao invés de restringir nosso conatus ela o aumente.

Vocês partem de paixões alegres, aumento da potência de agir, vocês se servem delas para formar noções comuns viventes, e vocês voltam a descer em direção à tristeza, desta vez com noções comuns que vocês formam para compreender em que determinado corpo não convém com o seu, em que determinada alma não convém com a sua. Nesse momento, vocês já podem dizer que estão na ideia adequada porque, com efeito, vocês entraram no conhecimento das causas (DELEUZE, 2013, Não paginado)

Por fim, a respeito dos afetos-ação, devemos compreender um último conceito, à medida que envelhecemos, vamos nos tornando mais vulneráveis aos encontros que diminuem nossa potência, isso acontece pois nossa mente e corpo vão se tornando mais fracos, e conforme isso acontece os afetos-ação tornam-se cada vez mais necessários pois é apenas através deles que podemos contornar os encontros que serão desagradáveis e potencialmente mais destrutivos para nós.

Ao analisarmos os dois conceitos, afetos-paixão e afetos-ação podemos tirar a primeira conclusão à respeito dos ódios-cotidianos. Entendemos aqui que são afetos pertencentes à definição de afetos-paixão, pois são provenientes de encontros que geram o afeto de ódio, e como ódio pertence ao grupo dos afetos derivados da tristeza não pode pertencer à classificação de afetos-ação. Com isso entendemos também que o ódio (um afeto nocivo ao nosso conatus), dentro do conceito de ódios cotidianos, não pode ser o todo, pois, os afetos-paixão surgem da variação do conatus ocorrida durante o encontro entre corpos ou ideias, não sendo a causa em si.

2.2.3 Preceitos dos afetos

Como abordado anteriormente, ao nos depararmos com elementos distintos durante nosso cotidiano podemos tanto aumentar nossa capacidade de agir, quanto diminuí-la e isso ocorre porque, de acordo com Spinoza (2002), todo e qualquer elemento com o qual nos relacionamos possui seu próprio conatus, sua própria perseverança em continuar existindo. Durante o “choque” entre conatus distintos podem ser gerados os afetos-ação e os afetos-paixão, (amor, ódio, alegria, inveja, etc.).

Apesar da similaridade na sua nomenclatura, os afetos-paixão e afetos-ação são fundamentalmente diferentes entre si, pois segundo Spinoza (2002), somos agentes passivos em relação aos afetos-paixão (eles nos afetam em decorrência a uma causa externa a nós) enquanto que os afetos-ação podem surgir apenas se os causarmos, sendo o que Spinoza (2002) chama de causa adequada ao afeto em questão.

Agora que já entendemos a diferença entre os dois afetos, podemos explorar algumas conexões existentes entre afetos e ideias que são válidos tanto para os afetos alegres quanto para os tristes, independentes de serem afetos-ação ou afetos-paixão.

Na parte III do livro *Ética* (SPINOZA, 2002, p. 195) existe à análise dos princípios básicos que regem a maneira como nos comportamos quando acometido por um ou mais afetos, portanto sua análise se faz fundamental ao objetivo de nosso estudo, é a partir dos trechos evidenciados a seguir que nos aprofundamos no entendimento dos afetos, o que é necessário para a formulação do conceito de ódios cotidianos.

A primeira das proposições que estabelece relações entre os afetos é a seguinte: “Se a alma foi afetada, uma vez, por duas paixões ao mesmo tempo, sempre que, mais tarde, for afetada por uma, sê-lo-á também pela outra.” (SPINOZA, 2002, p. 212)

Para explicar essa proposição tomemos como exemplo o indivíduo “D”. Em certo ponto de sua vida ele recebeu a notícia que seria pai (o que já vinha tentando há algum tempo) foi, portanto impregnado pelo afeto de alegria, mas no mesmo momento em que descobriu que seria pai, alguém lhe conta que seu irmão faleceu,

o que o fez ser acometido pelo afeto de pesar. Segundo Spinoza (2002), a partir desse momento, sempre que for afetado pelo afeto positivo da alegria, o indivíduo D tem a tendência a ser acometido pelo afeto negativo de pesar, mesmo que nada tenha ocorrido para que tenha se sentido dessa maneira, sendo que o inverso também é verdadeiro, ou seja, os dois afetos estabeleceram uma relação na mente dele no momento em que aconteceram. Isso acontece porque ao sentir alegria, se lembrará do momento no qual sentiu pesar, e como a lembrança é uma ideia, e ideias também possuem a capacidade de afetar o conatus do indivíduo, o indivíduo D será afetado pelos dois afetos, um por relação imediata e outro por uma lembrança.

Spinoza (2002) prossegue então estabelecendo uma relação existente entre as causas do afeto em si, de uma maneira diferente de como se relacionam os afetos: “Uma coisa qualquer pode ser, por acidente, causa de alegria, tristeza ou de desejo.” (SPINOZA, 2002, p. 212)

Apesar das similaridades com a proposição anterior, a diferença fundamental é que esta se refere à causa do afeto, não propriamente do afeto em si. Para Spinoza (2002), caso sejamos afetados por dois elementos simultaneamente, tendo em consideração que um deles não possui o poder para alterar nosso conatus enquanto o outro altera nossa potência de agir (positiva ou negativamente), tendemos a considerar o evento que não alterou em nada nossa potência também como sendo responsável por essa variação, um exemplo dessa proposição é quando estamos andando pela rua e tropeçamos em uma pedra. O fato de estarmos andando pela rua não nos afetava nem positiva, nem negativamente neste caso, enquanto em relação ao elemento pedra passamos a ter o afeto de raiva. Segundo o preceito de Spinoza (2002), por associação passaremos a atribuir ao fato de estarmos andando na rua o mesmo afeto atribuído a pedra, ou seja, sentiremos raiva do elemento rua em decorrência a alteração provocada em nosso conatus pelo elemento pedra.

Outra importante propriedade dos afetos, é que caso imaginemos um elemento que sofre a influência de algum dos afetos, mesmo que não seja a real causa dele, passaremos a atribuir o afeto em si a esse elemento, desejando-o ou o repudiando, isso pode ser notado facilmente quando o indivíduo A, por exemplo, evita envolver-se com o indivíduo B enquanto este está tomado por tristeza. Essa relação dos afetos com os elementos é evidenciada por: “Tão só, porque

consideramos uma coisa como sendo afetada por uma afecção de alegria ou tristeza de que ela não é a causa eficiente, podemos amá-la ou odiá-la” (SPINOZA, 2002, p. 213)

Da mesma maneira que atribuímos a um elemento, a propriedade do afeto pelo qual está sendo alterado, segundo Spinoza (2002), também se pode atribuir as propriedades de uma causa de um afeto a outro elemento que lhe seja similar, mesmo que o elemento similar em questão não tenha ainda nos causado nenhum tipo de afeto ou alteração em nosso conatus. Com isso Spinoza (2002) nos demonstra que ao entrarmos em contato com um elemento semelhante ao que nos causava o afeto, somos tomados por ideias pré-estabelecidas a respeito do elemento, fazendo com que esse elemento possa se tornar uma causa de alteração de conatus. Quando associamos o gosto de uma bebida a outra similar dizendo: “tomei essa bebida de uva e odiei, então essa outra bebida de uva também deve ser ruim” estamos exemplificando essa propriedade dos afetos. É importante ressaltar que nesses casos, a possibilidade de que uma ideia falsa seja gerada é maior, pois ao fazermos a associação sumária de um elemento a outro não necessariamente o estamos fazendo baseados na razão, e ao não agir no campo da razão estamos, de acordo com Spinoza (2002) mais sujeitos a sermos afetados por afetos-paixão e menos capazes de realizarmos afetos-ação, conseqüentemente diminuindo assim nossa potência de agir.

Para entender a próxima característica dos afetos, devemos compreender como Spinoza (2002) entende os elementos presentes em nosso cotidiano. Para o filósofo esses elementos são formados por inúmeras partes interdependentes entre si sendo que o mau-funcionamento de uma delas pode comprometer e até mesmo destruir o conatus do todo. Um bom exemplo para essa teoria é o ser humano, para o bom funcionamento de nosso organismo dependemos de inúmeras reações químicas, que por sua vez são elas mesmas dependentes entre si. Ao sermos acometidos por alguma doença, algumas dessas relações são comprometidas, o que por sua vez acarreta no comprometimento de nossa saúde, que segundo a filosofia de Spinoza (2002) causa a diminuição em nossa potência de agir.

Portanto, para Spinoza (2002) é possível que um mesmo elemento nos afete com alegria e tristeza simultaneamente, o que se dá devido ao fato de que uma das partes desse elemento assemelha-se ou nos causa um afeto, seja ele triste ou alegre, enquanto as demais partes podem nos causar afetos distintos. Podemos por

exemplo, amar a beleza de uma rosa, enquanto odiamos seus espinhos que nos ferem. Essa propriedade se aplica também às ideias, que podemos odiar e amar ao mesmo tempo.

Por fim Spinoza (2002) define a relação que temos com algo que nos cause um afeto em relação ao tempo em que ocorre, ou seja, como a lembrança ou a possibilidade futura do acontecimento e o afeto atrelado a ela pode nos afetar: “O homem experimenta, pela imagem de uma coisa passada ou futura, a mesma paixão de alegria ou de tristeza que pela imagem de uma coisa presente” (SPINOZA, 2002, p. 216)

Essa proposição conota que independentemente do período temporal (ao vivenciá-la no presente, sermos acometidos por uma lembrança passada ou ao projetarmos seu acontecimento ou continuidade no futuro) em que pensemos na causa de nosso afeto, tendemos a sermos acometidos pelo mesmo afeto em todos eles. Caso a causa cesse de existir, mas nosso afeto permaneça o mesmo, apenas a ideia passada da causa tem a capacidade de nos gerar a alteração no conatus, porém caso o elemento que nos afeta em algum momento pare de exercer o efeito prévio em nossa potência de agir, então nem mesmo a lembrança ou perspectiva futura tem a capacidade e produzir alguma alteração em nosso conatus. Para visualizarmos melhor essa propriedade, basta tomarmos como exemplo o falecimento de um ente querido, enquanto vivo o afeto que tínhamos em relação a ele era o mesmo, quer pensássemos no passado, presente ou futuro, caso gostássemos dele o afeto seria alegre, do contrário seria triste, ao não contarmos mais com a presença da pessoa entre nós, só nos é possível lembrar-se da pessoa em questão, fazendo com que o afeto despertado seja o mesmo que tínhamos enquanto o indivíduo ainda era vivo, mas impossibilitando que pensamos nele no presente ou futuro.

Note-se que os preceitos acerca dos afetos e causas até aqui apresentados podem acontecer a um mesmo elemento ao mesmo tempo, não sendo mutuamente excludente, o que amplia a forma como somos afetados bem como aumenta a complexidade no entendimento e análise tanto das causas como dos influenciados pelos afetos em nosso conatus.

Com a análise a respeito do conatus, a definição da diferença entre afeto-paixão e afeto ação, e com o estabelecimento das relações entre os afetos em si, entraremos agora na definição dos vários afetos exemplificados por Spinoza (2002),

começando com os mais básicos, alegria, tristeza e desejo, chegando então à definição do que vem a ser o ódio.

2.3 ALEGRIA, TRISTEZA, AMOR E ÓDIO

Como vimos nos itens 2.2.2 e 2.2.3 os afetos-paixão e afetos-ação formam-se através do encontro entre dois corpos distintos sendo que o resultado desse encontro pode acarretar tanto o aumento como a diminuição de nossa potência de agir, essa variação ocorre através dos afetos-paixão (caso sejamos alterados por uma causa externa a nós), ou dos afetos-ação (os quais buscamos e dos quais somos causa ativa), mas a pergunta que falta ser respondida é o que são as paixões ou afetos propriamente ditas? E como elas se relacionam com os Ódios cotidianos.

Na busca por essas respostas começamos pela definição de Spinoza (2002) do que são paixões:

é uma ideia confusa pela qual a alma afirma a força de existir do seu corpo, ou de parte desse, maior ou menor que antes, e por cuja presença a própria alma é determinada a pensar em tal causa em detrimento de outra. (SPINOZA, 2002, p. 196)

Nessa passagem de seu livro Spinoza (2002) deixa implícita a aplicação dos vários conceitos já abordados nesse trabalho a respeito dos afetos e do nos itens 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3. Primeiramente ao chamar a paixão de uma ideia, a caracterizamos como algo que se manifesta em primeiro lugar na mente. Uma reação com resultados físicos em nosso corpo como, por exemplo, uma doença, ou uma agressão física, não se encaixam nessa definição de paixão.

Ao atestar que essa ideia tem a capacidade de alterar a força de existir de nosso corpo, Spinoza (2002) está evidenciando que as paixões possuem a capacidade de alterar seu conatus positiva ou negativamente e quando nos diz que através da presença da paixão somos forçados a pensar em sua causa concluímos que para que uma paixão possa existir deve existir algo que a ocasione.

E por fim Spinoza (2002) evidencia que a presença de uma paixão nos determina a pensar na sua causa. Spinoza (2002) denota a característica mais importante da paixão: as paixões também possuem um conatus próprio. Nossa

impotência perante a elas ocorre porque ao sermos acometidos por paixões estamos agindo de forma passiva, portanto nossa potência de agir não é suficiente para prevalecer em relação ao conatus da paixão pela qual estamos sendo afetados.

Portanto as paixões são ideias que possuem um conatus próprio que alteram o nosso de maneira positiva ou negativa, e cuja ação direciona nosso pensamento para o que nos causa a variação em nossa potência de agir.

Para Spinoza (2002) existem três afetos que representam a espinha dorsal de todos os outros afetos que viermos a sentir em decorrência das interações que fazemos, são eles a alegria, a tristeza e o desejo. Spinoza (2002) é breve em suas definições a respeito das paixões de alegria e tristeza, pois para defini-las devemos levar em conta todos os preceitos a respeito do conatus e dos afetos bem como as relações estabelecidas entre esses elementos, enquanto o desejo é uma paixão que possui a capacidade de estabelecer associações com outros afetos, potencializando ou diminuindo sua ação sobre nós.

Começaremos então com a definição de alegria dada pelo filósofo: “A alegria (*laetitia*) é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma maior” (SPINOZA, 2002, p. 261).

A passagem de uma perfeição menor a uma maior nada mais é do que a variação positiva em nosso conatus seja partindo de uma potência de agir neutra, ou de um conatus que esteja sofrendo uma redução devido a ação de um afeto negativo, devemos nos lembrar que o afeto-paixão de alegria representa essa variação quando ela é causada por um elemento externo (o afeto-ação de alegria é produzido por nós). Já a tristeza por sua vez é o inverso dessa proposição no que concerne a maneira como nos afeta: “A tristeza (*tristitia*) é a passagem do homem de uma perfeição maior a uma menor” (SPINOZA, 2002 p. 261).

As duas paixões surgem respectivamente a partir de encontros favoráveis ou desfavoráveis que realizamos, porém são afetos que interferem prioritariamente com nossa percepção do mundo de maneira genérica, ou seja, se somos afetados por alegria, tendemos a observar o ambiente de maneira diferente do que se somos tomados por tristeza.

Para entendermos em um nível mais complexo a maneira como reagimos em relação a causa da variação em nosso conatus precisamos dos afetos derivados dos dois primordiais, sendo que os primeiros a surgirem a partir desses são o amor e o ódio.

O amor para Spinoza (2002) é: "... é uma alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior" (SPINOZA, 2002 p. 263). Ao defini-lo assim Spinoza (2002) busca afastar-se da ideia de que o amor é a vontade de juntar-se a coisa amada e de permanecer ao seu lado, para o filósofo o amor é a alegria gerada pela presença do elemento amado, seja física ou mentalmente. Por direcionar-se a uma causa exterior, a paixão em questão está sujeita a todas as alterações que possam ocorrer ao objeto amado, seja ao objeto em si ou a ideia que temos dele, essas variáveis podem alterar a maneira como percebemos a causa do amor, fazendo com que esse afeto seja instável, por exemplo: se a causa de nosso afeto comete atos que nos agridem e diminuem nossa potência de agir no processo ou se através do esquecimento deixamos de ser afetados por alegria em decorrência daquela causa, o afeto de amor pode ser alterado e suplantado por outro afeto, talvez até mesmo pelo afeto de ódio que é definido pelo filósofo como: "O ódio (odium) é uma tristeza concomitante com a ideia de uma causa exterior" (SPINOZA, 2002 p. 264).

Ao ódio aplicam-se as mesmas diretrizes relacionadas ao amor, como sua instabilidade e o fato de ser direcionado a uma causa exterior, a diferença é que o ódio produz uma redução em nossa capacidade de agir, sendo que a alteração do objeto ao qual temos ódio pode suplantá-lo por um afeto alegre.

Essa variação em nosso conatus atrelada a uma causa exterior é exemplificada por Spinoza (2002) através das proposições seguintes:

Se imaginamos que alguém causa alegria à coisa que amamos, seremos afetados de amor por ele. Se, ao contrário imaginamos que a afeta de tristeza, seremos, ao contrário, afetados de ódio contra ele (SPINOZA, 2002 p. 219).

Quem imagina possuído de tristeza aquilo que odeia, alegrar-se-á; se, ao contrário, o imagina possuído de alegria, ficará triste; e ambas essas afecções serão maiores ou menores, segundo a afecção contrária for maior ou menor na coisa odiada (SPINOZA, 2002 p. 220).

Essas duas proposições nos dão uma amostra da complexidade desses dois afetos, e da conexão entre os conatus de cada indivíduo, pois assim como somos afetados por uma causa externa a nós, essa própria causa possui suas relações e encontros, o que causa alteração em sua potência de agir e em decorrência disso altera a potência de todos os outros elementos que possuem conexões com ela, seja uma alteração positiva ou negativa, o que por sua vez alterará o conatus de quem estiver conectado a esses elementos e assim sucessivamente.

Assim como são derivados da alegria e da tristeza respectivamente, o amor e o ódio são o ponto de origem de vários afetos-paixão, além disso, caso o afeto por definição não seja diretamente derivado do amor e do ódio, sua relação pode ser aplicada a esses afetos através de sua semelhança com a alegria e a tristeza, a única diferença entre amor/ódio e alegria/tristeza é a necessidade de uma causa externa tanto ao amor quanto ao ódio.

É importante ressaltar que ao contrário do que se possa imaginar, apesar do conceito a ser explorado em nosso trabalho ser intitulado “ódios cotidianos”, o ódio é apenas um dos afetos negativos que podem surgir em decorrência de uma situação adversa que esteja inserida no conceito exposto em nosso trabalho.

Os principais afetos derivados do amor ou do ódio são respectivamente a esperança e o medo: “A esperança (spes) é uma alegria inconstante, nascida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cujo êxito, em certo grau, duvidamos” (SPINOZA, 2002 p. 261) e “O temor (metus) é uma tristeza instável, nascida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cujo êxito duvidamos em certo grau” (SPINOZA, 2002 p. 265).

Esses dois trechos são fundamentais para o entendimento do que são os ódios cotidianos, porque afastam ainda mais a noção de que são um afeto paixão, uma ideia apenas. Para que possa existir medo ou esperança, devemos pressupor uma causa, essa causa não pode ser um afeto-paixão, que por sua vez representam a variação ocorrida depois de um encontro, portanto o ódio cotidiano só poderá ser uma situação, que é o elemento necessário para realizarmos uma interação capaz de nos gerar um afeto paixão. Mais quais as circunstâncias necessárias para gerar essa situação? Isso será abordado no capítulo II, o Cotidiano.

A respeito da esperança e do medo, Amauri Ferreira (2008), em seu livro *Introdução à Filosofia de Spinoza* nos apresenta um exemplo para explicar essas proposições: suponha-se que o indivíduo chamado “F” conhece duas pessoas, “A” o qual ama e “B” que odeia, ao passear pela rua, o sujeito F tem esperança de encontrar A e tem simultaneamente o medo de encontrar B. Ao encontrar A sua esperança torna-se segurança, caso encontre B, seu medo torna-se desespero.

Por fim devemos salientar uma última e importante relação entre a esperança e o medo. Segundo Spinoza (2002), não existe um sem o outro: “não há esperança sem temor, nem temor sem esperança” *Ética III, definição dos afetos*, (SPINOZA, 2002, p. 265).

Essa proposição ressalta que a partir do momento que sofreremos um encontro, seja ele favorável ou desfavorável passaremos a alimentar as duas paixões simultaneamente ao elemento com qual fizemos a interação. Caso o evento tenha sido favorável teremos esperança que aconteça novamente, e medo que jamais vivenciemos a situação, caso o evento tenha sido desfavorável o inverso acontece, por exemplo: ao derrubarmos uma fatia de pão com manteiga no chão, temos a esperança que ela caia com a manteiga pra cima e o medo que o contrário aconteça, a partir desse momento, ao nos servirmos de outra fatia de pão teremos o medo que o pão caia de nossas mãos e a esperança que continue onde está. Essa relação medo/esperança está presente em praticamente todas as relações estabelecidas em nosso cotidiano.

2.4 O DESEJO

O terceiro afeto primário, segundo Spinoza (2002) é o desejo, porém antes de nos aprofundarmos em sua definição devemos revisitar a definição de apetite apresentada por Spinoza (2002): “O apetite não é senão a própria essência do homem, da natureza do qual se segue necessariamente o que serve a sua conservação; e o homem é assim determinado a fazê-lo.” (SPINOZA, 2002, p. 207).

Sendo assim o apetite representa as necessidades do homem para manter sua existência, em outras palavras apetite. Nada mais é que nosso conatus, nossa eterna busca em aumentar ou manter nossa potência de agir através das interações com outros elementos. Spinoza (2002) prossegue no mesmo texto com a definição de desejo:

o desejo é o apetite consciente de si mesmo. Está, pois, estabelecido por tudo isso , que não nos esforçamos por coisa alguma, não queremos, não desejamos coisa alguma porque a julgamos boa; mas, ao contrário, julgamos que uma coisa é boa porque tendemos para ela, porque a queremos e desejamos” (SPINOZA, 2002, p. 208)

Por apetite consciente, Spinoza (2002) evidencia que quando sentimos algum desejo, o sentimos em relação à alguma causa específica, e que tendemos portanto a nutrir afetos alegres quando temos nosso desejo saciado ou afetos tristes quando o temos negado. Isso acontece, pois nosso desejo, por ser apetite

consciente, está intrinsecamente ligado a nossa potência de agir. Assim desejamos manter por perto interações que nos favorecem e desejamos afastar o que nos causa a diminuição de nosso conatus.

Sendo assim o afeto de desejo estará presente quando formos afetados por outro afeto-paixão, por exemplo: quando somos afetados por alegria, o desejo nos induz a tentar conservar esse afeto (quando maior for o impacto positivo em nosso conatus, maior será o desejo para a conservação da causa dessa alteração), por outro lado, se somos afetados por tristeza, nosso desejo se direcionará a afastar a causa dessa alteração negativa.

É importante ressaltar que para Spinoza (2002) somos acometidos por vários desejos simultaneamente, desejos esses que podem ser desejos contrários. O problema gerado por essa constatação é que estamos em um eterno dilema no que tange a satisfação de nossos desejos, como selecionar as melhores interações para nosso conatus, ou como evitar interações negativas, pois da mesma maneira que uma mente passiva está sujeita a gerar os afetos-paixão durante uma interação feita com uma causa externa, também está inclinada a perseguir desejos trazidos através de ideias inadequadas. Para Spinoza (2002) é importante que não cedamos aos desejos de maneira temerária, pois dessa forma estamos nos sujeitando ao desenvolvimento de encontros inadequados cujos frutos são os afetos-paixão.

O desejo é o estopim que desencadeará os ódios cotidianos, isso porque o desejo nos leva a buscar alguma interação que favoreça nosso conatus e é durante essa busca que somos acometidos por situações que são caracterizadas como os ódios cotidianos propriamente ditos.

Ao entendermos o conatus, os afetos e as paixões, estamos visualizando uma parte do complexo conceito de ódios cotidianos, ou seja, através do conatus e do desejo entendemos o que nos move a agir, a compreensão dos afetos e das paixões nos evidencia os efeitos que nos acometem ao realizarmos um encontro desfavorável, então o que nos falta definir são em que circunstâncias ocorrem as situações que causam essas reações. O estudo de Spinoza (2002) nos permite concluir que não são situações que tomamos conscientemente de maneira a aumentar nosso conatus, pois invariavelmente os “ódios cotidianos” como evidenciados pelo próprio nome, produzem afetos tristes e, para Spinoza (2002) não é possível tomarmos conscientemente ações que diminuam nossa potência de agir.

Para definirmos quais são as situações necessárias para que se caracterize um “ódio cotidiano” devemos partir para o estudo do cotidiano analisando a obra de Agnes Heller (1985), assim conseguiremos definir todos os elementos do conceito que tem o desejo como ponto de partida, uma situação adversa e os afetos tristes como consequência.

3 O COTIDIANO SEGUNDO AGNES HELLER E UM POSSÍVEL CONCEITO DE ÓDIOS COTIDIANOS

Nesse capítulo vamos explorar a definição da filósofa Agnes Heller (figura 6) acerca do que vem ser o cotidiano e abordaremos alguns princípios de sua estrutura para que possamos avançar na definição do conceito de nosso trabalho, estabelecendo com o trabalho da autora a respeito do cotidiano a situação em que ocorrem os Ódios-cotidianos.

Para que possamos exemplificar a estrutura do cotidiano como definida por Heller (2011), devemos primeiramente visitar o conceito da filósofa a respeito da organização da sociedade, pois essa é a estrutura social na qual, segundo Agnes Heller (2011), está contida a vida cotidiana.

Após a definição a respeito da sociedade iremos partir para a definição do que Heller determina ser o “cotidiano”, começando pela abordagem de seus três princípios básicos: universalidade, diversidade e subjetividade. Com a definição da estrutura básica da vida cotidiana iremos então explorar as características expostas por Agnes Heller que mais influenciam em nosso trabalho: são elas a probabilidade, a imitação, o economicismo, a fé, a confiança e a ultrageneralização.



Figura 6 - Agnes Heller
Fonte: SALONKRITIK, 2013

Para a compreensão de Agnes Heller (2011) e de sua filosofia, utilizaremos entrevistas com a autora, seu livro “O cotidiano e a História”, a dissertação de mestrado de Maria Eugênia Alves dos Santos Maia (2006) intitulada “vida cotidiana e

educação escolar: espaços de formação humana, espaços que se completam”, além do artigo publicado por Maria Helena Souza Patto (1993), intitulado “O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação”.

A partir dessas definições e aliando o estudo de Heller com o de Spinoza seremos capazes de definir o que vêm a ser os ódios cotidianos.

3.1 O CONTEXTO HISTÓRICO ONDE SE INSERE AGNES HELLER

Antes que possamos partir para o estudo do trabalho de Heller (2011) referente ao cotidiano, precisamos saber quem é a autora. Para isso traçaremos um breve panorama de sua vida, abordando fatos que podem ter contribuído para a formação dos preceitos de sua filosofia.

Agnes Heller nasceu na Hungria em 1929, mais precisamente em Budapeste, em uma família de judeus pertencentes a classe média. Durante a segunda guerra mundial, seu pai começou a ajudar pessoas que desejavam sair da Europa nazista através da preparação de seus papéis de transferência, fazia isso, pois possuía proficiência na língua alemã.

Em 1944 o esquema de seu pai é exposto, o que acarreta em sua deportação para a Alemanha, sendo enviado posteriormente para o campo de concentração de Auschwitz onde foi morto antes do fim da guerra. A morte de seu pai nas mãos do regime nazista e o fato de morar na época em uma Hungria tomada pelo partido comunista fez surgir em Agnes Heller, questões que viriam a ter grande influência em sua vida e em seu trabalho. Em uma entrevista concedida à publicação *Left Curve* (2013), Heller expõe os questionamentos que a acometeram após a exposição que teve a esses fatos:

Eu sempre fui interessada na questão: como isso poderia acontecer, como eu poderia entender isso? Isso trouxe à tona questões muito semelhantes em minha busca pela alma e investigação no mundo: Como isso poderia acontecer? Como as pessoas poderiam fazer coisas como isso? (tradução nossa)⁸

⁸ Original: “I was always interested in the question: how could this possibly happen, how can I understand this? This brought up very similar questions in my soul-search and world investigation: how could this happen? How could people do things like this?” (LEFT CURVE, 2013, Não paginado)

Essas perguntas continuaram com Heller durante sua juventude, até que em 1947 ingressou na Universidade de Budapeste, onde começou a estudar física e química. Agnes Heller achava importante demonstrar para sociedade vigente que uma mulher tinha a mesma capacidade intelectual de um homem e, portanto, poderia destacar-se no campo científico. Agnes Heller namorava na época, e foi por insistência de seu namorado que foi a uma palestra de George Lukács, um importante filósofo marxista natural da Hungria. Essa experiência viria a alterar o curso de sua história acadêmica como descreve a própria Agnes Heller (LEFT CURVE, 2013):

Eu não entendia nada sobre o que ele estava falando. Mas havia uma coisa que eu consegui entender: o tema sobre o que ele estava falando era a coisa mais importante do mundo e isso eu precisava entender (LEFT CURVE, 2013, tradução nossa)⁹

É a partir desse momento que Agnes Heller se direciona definitivamente para filosofia, em busca de um entendimento das questões que a incomodavam e para quitar um débito auto imposto por ter sobrevivido ao holocausto (LEFT CURVE, 2013). Heller então abandona as aulas em ciências aplicadas e se junta ao grupo de estudos de Lukács.

Igualmente importante para a formação do seu pensamento filosófico foi seu ingresso no mesmo ano de 1947 no partido comunista, Heller acreditava que a ideologia do partido era capaz de responder as perguntas para as quais ainda não havia obtido respostas, como descrito pela filósofa neste trecho: "Ele me ofereceu uma explicação do porque há sofrimento no mundo e uma redenção eterna" (LEFT CURVE, 2013, tradução nossa)¹⁰

A relação de Heller com o partido durou pouco, pois para ela as respostas oferecidas pelo partido excluía uma parte importante na compreensão dos problemas que a acometiam. Essa parte era o pensamento individual, e foi essa falta de liberdade de expressão de suas ideias que a levou a entrar em choque direto com as diretrizes do partido, fazendo com que fosse expulsa em 1949, apenas dois

⁹ Original "I hadn't understood a thing about what he was talking. But there was one thing that I did understand: what he talked about was the thing that is the most important of all the things in the world an that I must understand it." (LEFT CURVE, 2013)

¹⁰ Original "It offered an explanation of why there is suffering in the world and it offered an earthly redemption" (LEFT CURVE, 2013)

anos após ter ingressado. Para Heller era importante ter uma causa comum pela qual lutar, mas era igualmente necessário que o debate através da exposição de ideias individuais a respeito dessa mesma causa fosse permitido.

Em 1955, Heller, novamente membro do partido comunista, começa a lecionar na Universidade de Budapeste, cargo que perderia em 1958 por se negar a denunciar Lukács como um dos colaboradores da revolução de 1956 acontecida na Hungria e que acabou com a derrota dos revoltosos em 1957. Após esse incidente Heller foi expulsa do partido, sendo que apenas em 1963 voltaria a trabalhar, assumindo um cargo de pesquisadora na prestigiosa Academia Húngara de Ciências.

Foi por volta dessa época que o grupo posteriormente conhecido como a Escola de Budapeste começou a se formar (movimento filosófico que buscava a renovação do Marxismo sobre a ótica humanista) começou a surgir, tendo como pilares Lukács e Agnes Heller. Esse grupo tornou-se conhecido por suas teorias e preceitos divergentes a respeito do comunismo, dos que eram empregados pelo governo, o que os tornou um objeto de preocupação do regime socialista empregado na Hungria. Essa preocupação culminou no que Agnes Heller descreve como o “Julgamento dos Filósofos”, (como viria a ser chamado posteriormente), o julgamento foi uma resolução do partido comunista que retirou do meio acadêmico as pessoas que possuíam uma visão política diferente da visão praticada pelo partido, o que incluía Agnes Heller e seus companheiros da Escola de Budapeste. Segundo a própria filósofa (LEFT CURVE, 2013):

A essência da resolução era a seguinte: desde que o Marxismo-Lenismo deveria ser praticado nas instituições científicas húngaras, aquelas pessoas que eram estranhas e hostis ao Marxismo-Lenismo não tinham lugar nas instituições científicas húngaras. Conseqüentemente essas pessoas deveriam ser removidas dos seus trabalhos (LEFT CURVE, 2013, tradução nossa)¹¹

É nessa época que Agnes Heller escreveria a obra que utilizamos para o embasamento de nosso trabalho, a obra publicada em 1972 pode ser interpretada como a visão de Heller a respeito da organização da sociedade humana sob a ótica

¹¹Original “The essence of the resolution was the following: since in Hungarian scientific institutions Marxism-Leninism should be practiced, those people who are alien and hostile to Marxism-Leninism have no place in Hungarian scientific institutions. Consequently such people have to be removed from their jobs.” (LEFT CURVE, 2013)

da escola de Budapeste, mas analisaremos esta obra com mais detalhes na próxima etapa do projeto.

Além de perder o emprego, Heller e seus companheiros passaram a ser seguidos constantemente nas ruas e tiveram seus apartamentos invadidos pelas forças do regime, isso motivou a saída de Heller da Hungria. Em 1977 ela assume o emprego de professora na universidade La Trobe em Melbourne, Austrália.

Esse período na Austrália fez com que Agnes experimentasse pela primeira vez a verdadeira liberdade de pensamento, como é descrito neste trecho da entrevista (LEFT CURVE, 2013): "Eu vim para um mundo onde havia segurança social, sindicatos fortes, grande liberdade individual, as pessoas nunca interferiam nos negócios das outras" (LEFT CURVE, 2013, tradução nossa)¹²

Após lecionar por vários anos na Austrália, em 1986, Agnes Heller mudou-se para os Estados Unidos, onde assumiu uma posição como professora de filosofia na Nova Universidade para Pesquisa Social em Nova York, foi professora nessa universidade até sua aposentadoria.

Esse breve panorama da vida de Agnes Heller nos demonstra que apesar de séculos de distância entre ela e Spinoza, que os dois tentaram em seus trabalhos analisar o mundo no qual estavam inseridos, cada um sob a ótica de suas experiências e contexto, isso os tornou párias em sua sociedade, pois seus trabalhos os colocaram em rota de colisão com o sistema "governamental" no caso de Heller e "religioso" no caso de Spinoza) vigente.

Apesar da distância cronológica entre a publicação de seus estudos, eles são complementares e ao unirmos os preceitos de Spinoza (2002) a respeito da mente e das emoções com a estrutura da sociedade e do cotidiano, proposta por Agnes Heller (2011), podemos elaborar o que vêm a serem os ódios cotidianos.

Agnes Heller é uma personalidade importante para a concepção do que vêm a ser a vida cotidiana e sua estruturação, e é esse conceito que vamos explorar agora na segunda parte deste capítulo, abordando o cotidiano.

¹² Original "I came to a world where there was social security, strong trade unions, great individual freedom, people never interfered in other people's business" (LEFT CURVE, 2013)

3.2 SOCIEDADE: A BASE PARA O ENTENDIMENTO DO COTIDIANO

Para o estudo do cotidiano segundo Agnes Heller (2011), é necessário visitar o conceito da autora a respeito do indivíduo, bem como o papel que desempenha na sociedade. Para tanto, primeiramente precisamos, ainda que brevemente, analisar como a sociedade é mantida e como ela se desenvolve através da história.

Para a autora, o homem e sua relação com outros indivíduos constitui a essência da sociedade, essência essa que segundo Heller (2011) engloba todos os aspectos da vida de cada indivíduo. Essa mistura e troca de experiências entre indivíduos torna nossa organização social heterogênea e estruturada em esferas de interesses, que não necessariamente possuem hierarquia entre si e nenhuma separação extremamente definida, sendo que cada indivíduo pode pertencer a uma ou mais esferas da sociedade sem entrar em conflito com nenhuma delas. Por exemplo: O indivíduo “A” trabalha de segunda à sexta das 08h30min às 17h30min em um escritório de contabilidade e nas terças e quintas das 18h30min às 22h00min é voluntário em um hospital infantil. Durante seu expediente (8h:30min às 17h:30min), está inserido na esfera do seu trabalho que então adquire uma prioridade hierárquica maior em relação à esfera de convivência de seu trabalho voluntário, mas mesmo que o indivíduo A considere sua atividade remunerada como mais importante para o seu cotidiano, as duas esferas (trabalho e voluntariado) não são conflitantes. É possível que o “indivíduo B” participe das mesmas esferas mas as hierarquize de maneira distinta. Através dessa propriedade do cotidiano exemplificada por Heller (2011) concluímos que a hierarquia entre as esferas de interesse pode variar entre os indivíduos, essa afirmação é explicitada por: “Essas hierarquias, seja dos conteúdos ou das significações, permitem a cada indivíduo construir para si suas escalas de importância, permitindo maior ou menor amplitude para a particularidade” (MAIA, 2006, p.148)

Essas esferas heterogêneas e hierárquicas presentes na organização da sociedade proposta por Heller (2011) são também subordinadas ao tempo:

O tempo é a irreversibilidade dos acontecimentos. O tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais. Todo acontecimento é irreversível do mesmo modo; por isso é absurdo dizer que, nas várias épocas históricas, o tempo decorre em alguns casos “lentamente” e em

outros “com maior rapidez”. O que se altera não é o tempo, mas o ritmo da alteração das estruturas sociais. (HELLER, 2011, p. 13-14)

O ritmo citado no trecho pode ser diferente entre esferas heterogêneas, o que segundo a autora, acaba por trazer a desigualdade social. Isso porque é possível que esferas de interesse e convívio dentro de uma mesma sociedade evoluam ou regridam em um ritmo diferente, gerando distinções tecnológicas ou sociais. A evolução, manutenção ou desaparecimento de práticas dentro das esferas de interesse também é influenciado pelo ritmo de alteração das estruturas sociais, pois o aumento do ritmo se dá através de introduções de novos elementos que modificam a maneira como as pessoas se relacionavam dentro de sua sociedade. Para exemplificar os preceitos acerca do ritmo podemos citar como exemplo a organização tribal arcaica: com novas formas de organização e novos elementos tecnológicos como o arado, algumas sociedades tribais foram ao longo do tempo modificando sua sociedade até chegarmos à sociedade moderna, ao mesmo tempo em que existem ainda tribos que se organizam da mesma maneira que seus antepassados através do curso de séculos, alheio ao desenvolvimento de outras sociedades.

Outra propriedade da organização da sociedade proposta por Heller (2011), é que as esferas de interesses além de serem heterogêneas uma em relação a outra, também apresentam essa propriedade entre os elementos que a compõem, o que tende a criar esferas de interesse dentro de outras esferas de interesse que tem como ponto de origem o indivíduo.

Essas esferas de interesse tendem a se agrupar ao redor de algo que Heller (2011) chama de valor, os valores de uma sociedade passam a pautá-la atraindo ou repelindo indivíduos através do grau de identificação com esses valores, a definição de valor dada por Agnes Heller (2011) em sua obra é a seguinte:

...pode-se considerar valor tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento daquelas componentes essenciais; e pode-se considerar desvalor tudo o que direta ou indiretamente rebaixe ou inverta o nível alcançado no desenvolvimento de uma determinada componente social. (HELLER, 2011, p. 15)

Para Agnes Heller (2011) nós não podemos escolher os valores propriamente ditos, escolhemos ações que acabam por expressar ou gerar esses valores, e caso essas ações sejam negativas expressam os “desvalores”. Nesse

ponto a análise a respeito do que é valor de Heller (2011) tem relação com o que Spinoza(2002) evidenciava ao tratar dos afetos; Para Agnes Heller (2011) não podemos escolher nossos valores, escolhemos apenas ideias, ações ou alternativas que venham a expressar esses valores, assim como Spinoza (2002) considera que não podemos escolher o afeto que será gerado a partir de um encontro, podemos apenas escolher a causa que nos traga aumento na potência de agir.

A partir de sua concepção de valor, Heller (2011) defende que valores que promovam o avanço de uma esfera de nossa sociedade, não necessariamente produzirão o mesmo efeito em uma esfera distinta, o que acaba por aumentar a heterogeneidade das várias esferas de interesses que compõem uma sociedade.

Para estar de acordo com os valores impostos para que se conviva em uma determinada sociedade o indivíduo tem de agir de uma determinada maneira, pois como vimos anteriormente, o valor é expresso através de uma ação. Portanto, o conjunto de valores praticado por uma das esferas de interesse gerará um conjunto de ações correspondentes aos valores para que o indivíduo venha a ser aceito nessa sociedade, a esse conjunto de ações e valores Agnes Heller (2011) dá o nome de moral.

Moral é o sistema de exigências e costumes que permitem ao homem converter mais ou menos intensamente em necessidade interior -em necessidade moral- a elevação acima das necessidades imediatas (necessidades de sua particularidade individual), [...] Essa estrutura básica compreende também o caso de sociedades portadoras de desvalores, mediante os quais resulte extremamente valorizado do ponto de vista material-não daquele estrutural- até mesmo a pretensão mais espontânea e vaga (HELLER, 2011, p. 16-17)

Para Heller (2011) o objetivo da moral é tornar a sociedade na qual é aplicada mais homogênea (contrariando sua natureza heterogênea), seja através da valorização do todo em relação ao indivíduo, ou no caso de sociedades baseadas em desvalores, a valorização do indivíduo acima do todo. A moral de uma esfera de interesse nem sempre será assimilada e aceita da mesma forma por todos os indivíduos que nela estejam inseridos, o que pode gerar conflito entre o indivíduo e o meio em que está. Isso pode levar ao afastamento do indivíduo do grupo, seja de forma compulsória ou voluntária. A sociedade pode ter, portanto, a capacidade de alterar o conatus de um indivíduo, de forma positiva caso o indivíduo identifique-se com a moral vigente, ou negativamente caso não aceite todos os valores inclusos na moral da sociedade onde está inserido.

Segundo Heller (2011), caso um indivíduo descumpra o código de conduta ditado pela moral de uma sociedade, os demais integrantes dela tendem a confrontá-lo de maneira a tentar manter a homogeneidade dessa esfera social, tomemos o exemplo do trânsito para melhor explicar esse conceito: as regras de conduta componentes da moral dessa esfera são específicas sendo que ao segui-las contribuimos para a manutenção dessa moral, contribuindo assim para o que é considerado nessa sociedade o bem do todo. Esse código de conduta, por ter sido desenvolvido de modo a beneficiar a maior parcela da população, não leva em conta fatores que possam beneficiar apenas um indivíduo, portanto é possível que alguém as desobedeça e cause uma ruptura momentânea nesse meio, gerando um conflito. A tendência dos demais membros do grupo é reprimir o comportamento nocivo do indivíduo a fim de manter o alinhamento com os valores pré-estabelecidos.

É natural em uma sociedade regida por valores e pela moral que conceitos de sociedades anteriores possam ser absorvidos ou abandonados por sociedades posteriores, segundo Heller (2011) isso não implica que os valores defendidos por sociedades atuais as tornem melhores ou piores do que as sociedades do passado:

Se, por explicitação do valor, entendêssemos simplesmente o aumento e o enriquecimento dos valores morais, seria de duvidar – para falarmos comedidamente - que pudéssemos justificar esse ponto de vista. Pois se poderia objetar que os homens não são nem melhores nem mais felizes que no passado. (HELLER, 2011, p. 19)

Para a autora (2011), essa afirmação não pode ser feita, principalmente pelo fato de não termos valores universais, ou seja, valores que sejam globalmente defendidos como corretos, essa pluralidade de interpretações a respeito dos valores é o que ocasiona sua mudança, pois, através do choque entre a moral de esferas heterogêneas é que são geradas as alterações na maneira como esses valores são interpretados por determinado grupo. Da mesma forma que os valores podem ser mudados de maneira a contribuir para o avanço de uma sociedade (tecnológico, social, etc.), segundo Heller (2011) essa mudança nem sempre será assimilada da mesma maneira por todos os indivíduos dessa sociedade, podemos utilizar como exemplo um golpe de Estado: o “grupo A” através de um golpe assume o controle da nação previamente governada pelo “grupo B”, caso a moral defendida pelo grupo A for distinta da moral do grupo B, é provável que o grupo A passe a aplicar seus valores para a nação. Esses valores podem promover avanço ou retrocesso na sociedade, e podem ser aceitos ou não pelos indivíduos que nela estejam inseridos.

Heller (2011) prossegue na definição da sociedade ressaltando que mesmo que a mudança nos valores de uma determinada sociedade seja radical ao ponto de negar completamente os valores anteriores (e as ações que os confirmavam), não é possível afirmar que os valores antigos serão eliminados de maneira absoluta, segundo Heller (2011) resquícios desses valores sempre permanecerá nas esferas de interesse componentes dessa sociedade, e caso os valores do grupo anterior sejam vantajosos para o avanço dessa organização social eles podem ser modificados, mas não abandonados.

A respeito dessa relação entre os valores de sociedades distintas, sua absorção ou não a autora exemplifica (HELLER, 2011):

No começo do feudalismo, a produção real, a quantidade de valores de uso, diminuiu em comparação com as épocas mais fecundas da Antiguidade. Mas, apesar disso, o novo tipo de produção conta entre suas possibilidades (e inclusive naquela fase inicial) com muito mais do que o estágio mais elevado da produção antiga. (HELLER, 2011, p. 21)

Para Heller (2011), na Antiguidade tínhamos um maior número de valores produtivos para a sociedade, valores esses abandonados na idade Média, apesar disso, no campo do trabalho, os valores foram se modificando, não sendo abandonados no curso da história, o que culminou com o fato de que a tecnologia utilizada na idade média, mesmo em sua forma mais básica, era muito melhor do que a utilizada na Antiguidade.

Apesar de a moral ser o fio condutor da sociedade, para Heller (2011) é importante que para a manutenção desse grupo como uma esfera de interesse, os indivíduos que a formam têm que se identificar com pelo menos uma parte dos valores que compõem a moral dessa sociedade. Assim poderá conviver com outros membros de sua esfera, caso essa identificação não ocorra, uma ruptura com o grupo no qual está inserido pode vir a ocorrer. Traçando um paralelo com a filosofia de Spinoza (2002), é necessário que suas necessidades individuais sejam saciadas de maneira satisfatória através do seguimento da moral do grupo, se essa condição não for cumprida seu conatus será reduzido pelo restrição de suas vontades, facilitando assim o surgimento dos afetos-paixão.

A sociedade para Agnes Heller (2011), é portanto heterogênea, formada por várias esferas sociais que são regidas pela moral, sendo que a moral é um conjunto de valores ou desvalores acompanhado das ações que os causam. Essas esferas,

além de serem heterogêneas entre si, possuem subdivisões internas que vão abrigando cada vez menos indivíduos até que se reduza a uma única pessoa.

A partir da definição do conceito de sociedade defendido por Heller (2011) em sua obra, podemos adentrar no campo do cotidiano, que para nosso trabalho é a parte fundamental, a partir dessa definição poderemos (em conjunto com o trabalho desenvolvido por Baruch Spinoza (2002) fundamentar o significado de ódios cotidianos.

3.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDEIA DE COTIDIANO SEGUNDO AGNES HELLER

Antes que possamos nos aprofundar no estudo das características do cotidiano definidas por Heller (2011), devemos compreender os três princípios básicos da vida cotidiana: a universalidade, a diversidade e a subjetividade. Para a explicação de cada um desses componentes vamos recorrer à definição oferecida por MAIA (2006), começando pelo princípio da universalidade:

O princípio da universalidade se refere ao fato de que toda sociedade tem uma vida cotidiana e que todo homem também a possui, independente do lugar que ocupa na sociedade em que vive. Significa que através dela é possível se referir ao gênero humano. (Maia, 2006, p. 106)

O princípio da universalidade é importante, pois é através dele que Agnes Heller (2011) defende a existência da vida cotidiana para todos os seres humanos, e é a partir desse princípio que todas as características acerca do cotidiano podem ser desenvolvidas e explicadas. Antes de prosseguirmos para o segundo princípio precisamos inserir um esclarecimento a respeito de gênero humano mencionado no trecho. Maia (2006) baseando-se nos estudos de Heller (2001) exemplifica que o homem possui características de espécie e de gênero humano. As características de espécie referem-se às ações necessárias para a manutenção das atividades biológicas de nosso corpo como, por exemplo, comer e beber, já as características do gênero humano refere-se aos aspectos sociais ou culturais adquiridos pelo indivíduo ao longo de sua vida. Maia (2006) conclui essa explicação demonstrando uma diferença importante entre as características de espécie e gênero: “Enquanto a

categoria espécie se refere ao biologicamente herdado, representando um aspecto estático da formação humana, a categoria gênero representa um aspecto dinâmico e participativo desta formação”. (MAIA, 2006, p. 89)

Portanto, sabendo que a vida cotidiana refere-se ao gênero humano, podemos concluir que a vida cotidiana não é uma característica biológica do indivíduo, mas sim que é adquirido durante nosso desenvolvimento como indivíduo e do nosso contato com outras pessoas. Esse caráter dinâmico, segundo Maia (2006), favorece as mudanças, tanto as ocorridas em um indivíduo quanto as ocorridas em uma sociedade. Essas mudanças, segundo Heller (2011) tem o potencial de saírem do âmbito cotidiano e efetivamente causar um impacto duradouro na sociedade em que ocorrem, conforme exemplificado no seguinte trecho:

As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade (HELLER, 2011, p. 34)

O segundo princípio da vida cotidiana segundo Agnes Heller (2011) é a diversidade, conforme explicado por Maia (2006): “O princípio da diversidade se refere à estrutura da vida cotidiana. Para Heller, existe diferença de estrutura nas diferentes sociedades e para os diferentes sujeitos.” (Maia, 2006, p. 106).

O princípio da diversidade define que assim como a sociedade é, segundo a autora, formada por esferas de interesse heterogêneas entre si, a vida cotidiana também o é. Essa heterogeneidade se expressa quando analisamos o cotidiano de diferentes sociedades ou indivíduos imersos em uma mesma vivência cotidiana.

Porém se a heterogeneidade na sociedade não implicava em uma organização hierárquica das diferentes esferas de interesse, o cotidiano por sua vez, é segundo Heller (2011), altamente hierárquico. Essa hierarquia é estabelecida ao priorizarmos alguns segmentos que compõem nossa vida cotidiana (trabalho, lazer, descanso, etc.) em relação a outros, segundo Heller (2011) essa organização hierárquica não é imutável, variando conforme as prioridades do indivíduo se alteram. Podemos exemplificar essa mudança na hierarquia ao analisarmos o mesmo indivíduo em pontos distintos de sua vida: quando criança a prioridade do indivíduo A era jogar futebol na rua com seus amigos, ao atingir a idade adulta sua prioridade tornou-se o trabalho.

Por fim, temos a subjetividade como o terceiro princípio da vida cotidiana, segundo Agnes Heller (2011), exemplificado aqui por Maia (2006): “Quanto ao princípio da subjetividade, a autora se refere ao fato de que cada homem tem uma forma particular de viver sua cotidianidade, que é única e irrepetível”. (MAIA, 2006, p. 106)

O terceiro princípio do cotidiano corrobora a diferença existente entre o cotidiano de indivíduos diferentes, mas aqui evidenciando a maneira como o indivíduo interpreta os elementos presentes em sua vida cotidiana, e como essa interpretação não será igual à de nenhum outro indivíduo, mesmo que estejam inseridos em um mesmo cotidiano.

Os três princípios da vida cotidiana definem o cotidiano como um elemento presente em todas as organizações sociais, sendo que sua estrutura pode ser diferente entre sociedades ou sujeitos diferentes e que a interpretação da vida cotidiana é única para cada indivíduo nela inserido.

Por estar presente em todas as sociedades, e por fazer parte da formação do indivíduo, para Heller (2011) não é possível nos desvincularmos do cotidiano: “A VIDA COTIDIANA é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico”. (HELLER, 2011, p. 31)

Para a autora, é no cotidiano que vivenciamos todas as experiências sociais que eventualmente possamos ter, e é através do cotidiano que criamos laços com outras pessoas e estabelecemos grupos de afeto. É na vida cotidiana que exercemos toda nossa capacidade física, intelectual e emocional: “...colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.” (HELLER, 2011, p. 31)

Segundo Heller (2011), ao colocarmos em funcionamento todos os aspectos de nossa personalidade na vida cotidiana, não temos a capacidade necessária para exercer nenhuma das atividades com todo seu potencial, isso significa que ao nos envolvermos em atividades características da vida cotidiana, estamos a realizando sem que tenhamos o comprometimento total de nossas capacidades durante sua execução. Para realizarmos uma atividade com toda a intensidade temos de nos distanciar do cotidiano.

Apesar de considerar que todo indivíduo já nasce inserido na vida cotidiana, Agnes Heller (2011) salienta que para considerar-se completo o indivíduo deve ser capaz de exercer seu papel no cotidiano sem o auxílio de outros indivíduos conforme evidenciado neste trecho:

O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER, 2011, p. 33)

Para que (utilizando o termo cunhado pela autora) o homem torne-se adulto, deve aprender a usar não apenas as ferramentas disponíveis para que possa exercer as atividades que compõem seu cotidiano, mas também deve ser capaz de utilizá-las da maneira esperada pela sociedade na qual está inserido, bem como compreender o porquê as utiliza. Por exemplo: o indivíduo “A” é ensinado quando criança a utilizar o utensílio garfo na hora de sua refeição, conforme vai envelhecendo, aprende a utilizá-lo da maneira correta (aprendendo, por exemplo, a forma correta de segurá-lo segundo a conduta esperada em sua sociedade), e posteriormente vêm a aprender o porquê deve utilizar o garfo. Para Heller (2011) esses ensinamentos começam em grupos menores, como a família ou a escola por exemplo. Para Heller (2011) o indivíduo só pode ser considerado independente no exercício de sua cotidianidade a partir do momento em que é capaz de transportar esse conjunto de ensinamentos para outros grupos (geralmente maiores), presentes em seu cotidiano.

Um aspecto importante desse aprendizado é que para que se torne capaz de exercer as atividades de seu cotidiano de maneira independente não é necessário conhecer a origem histórica das atividades desempenhadas nem das ferramentas utilizadas para sua execução, precisamos apenas saber exercê-la da forma que a sociedade na qual estamos inseridos entende como sendo a correta. Isso acontece porque, para Heller (2011), as atividades pertencentes ao âmbito cotidiano, bem como os utensílios nele utilizados estão em constante evolução com a finalidade de facilitar seu uso na vida cotidiana, conforme evidenciado a seguir: “O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em si” “. (HELLER, 2011, p. 34)

Apesar de predominantemente determinado pela sociedade, segundo Heller (2011) os aspectos da vida cotidiana também são influenciados pela individualidade de cada pessoa, individualidade essa que transparece na forma dos desejos de cada indivíduo. Tentamos adaptar nossa vida cotidiana de maneira a satisfazer nossos desejos, seja através do trabalho que escolhemos ou das atividades as quais nos direcionamos em busca do lazer. A vida cotidiana se baseia, portanto no aprendizado das interações básicas do ambiente no qual estamos e na busca da realização dos desejos individuais.

Durante nosso cotidiano, Heller (2011) evidencia que a busca da realização de nossos desejos pode vir a contrariar alguns aspectos da moral de nosso grupo social. Para a autora esse choque de interesses (indivíduo x sociedade) acarreta na submissão de um dos aspectos em relação ao outro, ou seja, em um momento podemos reprimir nosso desejo de modo a agir de acordo com a regra de conduta do meio, enquanto no outro podemos ignorá-las. Para Heller (2011), na estrutura cotidiana moderna a possibilidade de submetermos o aspecto social de nossa vida aos nossos desejos é maior, o que tornou o desenvolvimento da ética (como um agente limitador das ações do indivíduo) cada vez mais necessário dentro das estruturas sociais. A ética para Heller (2011) funciona como uma série de regras compartilhadas por uma sociedade que delimitam o campo de ação da particularidade de um indivíduo. Quando a ética é adotada de maneira livre pelo indivíduo é chamada pela autora de moral. Assim, como a moral de uma sociedade, a ética é um conjunto de valores que visa facilitar a convivência entre os indivíduos do mesmo grupo social.

Para Heller (2011) no exercício da vida cotidiana precisamos tomar diversas decisões, que podem ou não ter uma carga moral envolvida, como por exemplo: o indivíduo A vai a uma quitanda próxima de sua casa, lá ele pode escolher entre levar duas ou quatro maçãs, essa decisão para ele é isenta de moral. Ao efetuar o pagamento, recebe um real a mais de troco, ao optar por ficar com o troco extra, o indivíduo A realizou uma escolha baseada em sua moralidade. Para Agnes Heller, o envolvimento da moral em nossas decisões nos afasta do cotidiano, conforme exemplificado:

Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da

cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana. (HELLER, 2011, p. 39)

Uma decisão antes moralmente motivada pode vir a tornar-se cotidiana através da passagem do tempo. Isso acontece segundo Agnes Heller (2011) porque ao longo da história decisões de cunho moral em determinadas sociedades foram aos poucos se inserindo na cotidianidade de sociedades posteriores sendo assimiladas sem a reflexão moral antes nela contida. Portanto, decisões inseridas em nosso cotidiano podem ter tido origem em uma conduta previamente motivada pela moral. Ao praticar essas ações oriundas da moralidade de uma sociedade anterior, mas hoje inseridas em nossa vida cotidiana e praticadas sem reflexão, não estamos nos elevando do cotidiano de acordo com a autora.

Com base nos preceitos apresentados até aqui a respeito do cotidiano podemos afirmar que para Heller (2011), o cotidiano existe para todos os indivíduos ou sociedades, apresenta diferenças em sua estrutura de grupo para grupo e é percebido e vivido de maneira única por cada indivíduo. Seu aprendizado tem início assim que nascemos, sendo que só podemos nos considerar indivíduos independentes a partir do momento em que manipulamos os elementos necessários ao nosso cotidiano da maneira esperada pela sociedade na qual nos encontramos, bem como quando entendemos a razão pela qual os utilizamos. Esses são as características gerais do cotidiano segundo Agnes Heller (2011), iremos avançar agora para características da vida cotidiana que nos permitem ampliar a compreensão a respeito da estruturação dessa organização e por consequência, nos aproximar da definição de ódios cotidianos.

A primeira das características a ser evidenciada na observação do cotidiano é a sua espontaneidade, como definida por:

A característica dominante da vida cotidiana é a espontaneidade. É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim como tampouco uma mesma atividade é espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado. Mas, em todos os casos, a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana. (HELLER, 2011, p. 47)

A espontaneidade no cotidiano de Heller (2011) não é negada pela rotina característica da vida cotidiana. Maia (2006) em seu trabalho evidencia que para Agnes Heller a espontaneidade significa que tomamos ações de maneira automática e sem reflexão moral, a partir da assimilação e procurando evitar conflitos a fim de

evitar a saída da cotidianidade. Para exemplificar o conceito de espontaneidade podemos utilizar o seguinte exemplo: um dia típico na vida do indivíduo “A” começa quando acorda às 06h30min da manhã, então prossegue para o banho, toma café, sai de casa, pega o ônibus; às 09h00min entra no trabalho, 12h00min sai para o almoço, volta ao trabalho às 13h00min, às 17h30min vai para sua casa, onde toma banho, assiste televisão e por volta das 10h00min vai se deitar. Toda essa rotina, por mais monótona e rigorosa que pareça, reflete o princípio da espontaneidade, pois o indivíduo A realiza todas essas atividades de maneira espontânea, sem refletir a respeito de nenhuma delas. Se ao sair para almoçar tivesse, por exemplo, pedido ao garçom que sua carne fosse bem passada, mas recebesse mal passada, poderia refletir sobre a situação, sendo então por um breve momento elevado de sua cotidianidade. A reflexão sobre uma determinada atividade gera o distanciamento da vida cotidiana.

A espontaneidade tem de acordo com Maia (2006), sua base firmada no princípio da probabilidade. A probabilidade é exemplificada por Heller (2011) através deste trecho: “...entre suas atividades e as consequências delas, existe uma relação objetiva de probabilidade. Jamais é possível, na vida cotidiana, calcular com segurança científica a consequência possível de uma ação.”. (HELLER, 2011, p.49)

No cotidiano somos confrontados constantemente com pequenas escolhas (qual ônibus pegar, quando atravessar a rua, qual pedido faremos no restaurante, etc.), ao tomarmos nossa decisão, de acordo com Maia (2006), agimos de forma a buscar a segurança na realização da atividade. Para tomarmos a decisão mais segura, fazemos uma análise probabilística, tomando como base nossas referências a respeito da realização desse evento anteriormente, seja por nós mesmos ou por outros indivíduos. Essa rápida análise pode resultar em um acontecimento adverso, nomeado por Heller (2011) como catástrofe da vida cotidiana. Um exemplo de uma situação probabilística na qual podemos falhar é a seguinte: o indivíduo “A” tem uma entrevista para um emprego marcada para as 13h00min, decide então comer um lanche rápido na padaria próxima de sua casa, ao chegar lá pede um cachorro quente com maionese e mostarda. O atendente da lanchonete oferece um guardanapo para “A”, que rapidamente faz uma análise probabilística e recusa, ao dar a primeira mordida derruba mostarda em sua camisa branca, configurando assim esse evento como uma catástrofe da vida cotidiana, pois ao pesar a decisão de pegar ou não um guardanapo, fez a escolha incorreta e acabou por se sujar. O

conceito da catástrofe cotidiana é relevante para nosso trabalho, porque nos ajuda a definir o momento em que os ódios cotidianos acontecem, o momento em que a variação negativa em nosso conatus aparece, despertando nos indivíduos os afetos tristes.

Esses erros de cálculo acontecem, pois segundo Heller (2011), o indivíduo não possui, na cotidianidade, o tempo necessário para analisar todas as possibilidades envolvidas na tomada ou não de uma decisão, caso se dispusesse a fazer essa análise, se afastaria do cotidiano, não tomando a decisão no momento em que precisava executá-la.

Quando exercemos o conceito da probabilidade em nosso cotidiano, segundo Maia (2006) frequentemente nos apoiamos em outra característica da vida cotidiana, denominada por Heller (2011) como imitação: “Não há vida cotidiana sem imitação. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente “segundo preceitos”, mas imitamos os outros;”, (HELLER, 2011, p. 55)

Como Heller (2011) define o homem já nasce inserido em sua cotidianidade, e segundo a autora, a primeira relação que temos com nosso cotidiano é a de imitação. Isso acontece, pois ao nascer, somos inseridos em uma sociedade já estabelecida, com suas ações adequadas, sua moral e ética já delimitada. Para aprendermos a nos comportar da maneira como nossa sociedade espera, tendemos a imitar as atitudes de nosso núcleo familiar, escolar ou em qualquer grupo que estamos inseridos a fim de desenvolvermos nossa maneira própria de vivenciar o cotidiano. Importante ressaltar que não é apenas durante nosso desenvolvimento que buscamos a característica da imitação no exercício de nossa cotidianidade. Para Maia (2006), também recorremos a imitação quando não sabemos como lidar com um elemento de nosso cotidiano. É por essa razão que a imitação e a probabilidade têm uma relação próxima.

As ações tomadas em nosso cotidiano (com apoio das características da probabilidade e da imitação) são também realizadas baseadas tendo como apoio a característica chamada por Heller (2011) de economicismo: “Toda categoria de ação e do pensamento manifesta-se e funciona exclusivamente enquanto é imprescindível para a simples continuação da cotidianidade;”. (HELLER, 2011, p. 49)

Através do princípio da probabilidade Heller (2011) definiu que para uma ação pertencer ao campo da vida cotidiana não pode ser exercida mediante uma reflexão profunda, deve ser espontânea. O princípio do economicismo complementa

essa afirmação evidenciando que além de isenta de reflexão, uma ação pertencente ao campo do cotidiano deve ser também essencial para o prosseguimento da vida cotidiana do indivíduo. Ou seja, praticamos uma ação durante nosso cotidiano apenas enquanto for necessária para a manutenção de nossa cotidianidade, por exemplo: o indivíduo A utiliza o transporte público para se locomover até seu local de trabalho. Certo dia suspende sua cotidianidade por alguns momentos e reflete que seria melhor utilizar uma bicicleta para se dirigir até lá, essa mudança gera uma alteração em seu cotidiano. O “indivíduo A” subtrai as atividades relacionadas ao transporte público (esperar o ônibus chegar, cumprimentar o motorista e sentar-se) ao mesmo tempo em que adiciona outras (retirar sua bicicleta do lugar onde a guarda, pedalar até o trabalho). Para nosso trabalho, o princípio do economicismo é um importante fator para definir que a situação causadora do ódio cotidiano não está normalmente inserida em nossa cotidianidade, pois não a praticamos regularmente em nosso cotidiano.

Para Heller (2011), ao agirmos baseados nos princípios da probabilidade, imitação e economicismo, não podemos refletir a respeito das ações tomadas em nosso cotidiano, o cotidiano para Heller(2011) é pragmático. Esse pragmatismo empregado na execução das atividades cotidianas nos impede de definir a diferença entre o que é correto (para o prosseguimento da vida cotidiana) do que é verdadeiro.

Quando nos auxilia na vivência de nosso cotidiano, o correto é também verdadeiro, conforme a autora exemplifica:

Até mesmo os juízos e pensamentos objetivamente menos verdadeiros podem resultar corretos na atividade social, quando representarem os interesses da camada ou classe a que pertence o indivíduo e, desse modo, facilitarem a esse a orientação ou a ação correspondente às exigências cotidianas da classe ou camada em questão. (HELLER, 2011 p. 51)

Essa falta de discernimento entre o que é correto e verdadeiro leva ao aparecimento de outras duas características do cotidiano, são elas a fé e a confiança. Para Agnes Heller (2011) essas características têm, no exercício da vida cotidiana mais importância do que a atribuída a elas em outras esferas de nossa vida. A respeito disso a autora faz uma ressalva:

Isso não significa, de modo algum que a fé e a confiança sejam aqui mais intensas que em outros campos: a fé religiosa costuma ser mais intensa e mais incondicional, assim como a confiança tem significação mais intensa e emocionalmente maior na ética ou na atividade política. (HELLER, 2011, p. 51)

Esses conceitos de fé e confiança, são para Heller (2011), um elemento importante na manutenção do indivíduo em sua cotidianidade, porque segundo a autora, não é possível para o indivíduo imerso em sua vida cotidiana analisar todos os aspectos de uma situação, vemos apenas uma fração do todo, portanto para tomarmos um determinado curso de ação muitas vezes agimos com base na confiança ou na fé em relatos de terceiros ou de teses ainda não comprovadas por nossa própria experiência. Quando o indivíduo passa a questionar as bases nas quais se sustentam essa confiança ou fé e acaba por refutá-las através da experiência prática, o indivíduo eleva-se, mesmo que por um momento, da esfera do cotidiano.

Para Heller (2011) ao tomarmos ações baseadas na fé ou na confiança, tendemos a ceder a uma característica do pensamento cotidiano definida pela autora como a ultrageneralização: “Os juízos ultrageneralizadores são todos eles juízos provisórios que a prática confirma ou, pelo menos, não refuta, durante o tempo em que, baseados neles, formos capazes de atuar e de nos orientar”. (HELLER, 2011, p. 53)

O que Agnes Heller (2011) exemplifica com o conceito da ultrageneralização, é que baseados na confiança e na fé desenvolvemos maneiras de abordar situações pelas quais passamos durante o exercício de nossa vida cotidiana que não são necessariamente as mais indicadas ou eficientes para a conclusão desta tarefa. Por exemplo: o indivíduo “A” aprendeu através da convivência com membros de sua sociedade a abrir um alimento enlatado com a utilização de uma faca de cozinha, esse método atende a necessidade de abrir a lata, mas utilizar um utensílio próprio para a tarefa (como um abridor de latas, por exemplo) seria mais eficaz, mas por ter confiança em seu método para a conclusão da tarefa não recorre a outro.

Para Heller (2011) as ações resultantes da ultrageneralização quando baseadas na confiança podem ser refutadas através de uma experiência que refute a maneira como agíamos anteriormente face a um problema, sem prejuízo para nossa integridade moral. A ultrageneralização baseada na fé, por outro lado, não pode ser abandonada através da experiência contrária, isso porque, segundo Heller (2011) ela é mais diretamente ligada a nossa individualidade e a conceitos abstratos formados por ela, o que torna a linha entre o cotidiano e o não cotidiano mais tênue. A ultrageneralização baseada na fé pode gerar preconceitos: “Os juízos provisórios

que se enraízam na particularidade e, por conseguinte, se baseiam na fé são pré-juízos ou preconceitos.”. (HELLER, 2011, p. 53)

Similar ao preconceito, temos o que Heller (2011) chama de precedente. O precedente consiste em tomarmos um curso de ação quando nos deparamos com uma decisão típica do cotidiano baseado em impressões, sem termos a vivido em algum ponto de nossa vida cotidiana. Para Heller (2011) essa ultrageneralização influencia de maneira positiva nossa cotidianidade, isso por se referir a um conhecimento prévio a respeito das situações podendo, portanto, ser abandonada quando nos depararmos com novas maneiras mais eficazes de exercer a atividade em relação a qual agimos baseados em precedentes. O risco da utilização de precedentes segundo a autora (2011) é que ao utilizá-los podemos não perceber as nuances específicas de uma determinada situação, fazendo com que possamos sofrer uma catástrofe da vida cotidiana.

Para Agnes Heller (2011) a ultrageneralização é um componente fundamental na manutenção da vida cotidiana, pois segundo a autora, é através das ultrageneralizações que podemos nos manter inseridos em nosso cotidiano, tomando as decisões de maneira espontânea. Para Heller (2011), as situações são singulares e por sua vez os estímulos que recebemos durante essas situações são também singulares, o que nos permite lidar com essas situações, mas ainda assim nos mantermos na cotidianidade é a aplicação das ultrageneralizações a essas situações. Heller (2011) apresenta um motivo para tomarmos essa atitude:

Para podemos reagir, temos de subsumir o singular, do modo mais rápido possível, sob alguma universalidade; temos de organizá-lo em nossa atividade cotidiana, no conjunto de nossa atividade vital; em suma, temos de resolver o problema. (HELLER, 2011, p. 55)

As ultrageneralizações nos permitem categorizar o problema com o qual estamos lidando de acordo com alguma situação similar pela qual passamos ou pela qual possuímos algum tipo de ultrageneralização (como um precedente ou preconceito):

Os princípios (universalidade, diversidade, subjetividade) e características (espontaneidade, probabilidade, imitação, economicismo, fé, confiança e ultrageneralização) representam para Heller (2011) uma maneira de classificar a vida cotidiana, e não um manual de regras, porque para a autora o homem deve sempre buscar a elevação de sua cotidianidade:

...as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutos, mas têm de deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidade de explicitação. Se essas formas se absolutizam, deixando de possibilitar uma margem de movimento, encontramos-nos diante da alienação da vida cotidiana. (HELLER, 2011, p. 56)

Entendemos que para Heller (2011) o cotidiano heterogêneo e hierárquico, tem como base três princípios, o da universalidade, diversidade e subjetividade, juntos esses conceitos determinam a existência da vida cotidiana para todos os indivíduos, bem como a diferença estrutural entre cotidianos vividos por indivíduos ou sociedades distintas além de evidenciar que cada indivíduo percebe seu cotidiano de uma maneira única.

O aprendizado do cotidiano começa quando nascemos, e só através da manipulação correta de seus elementos (de acordo com a sociedade onde está o indivíduo), é que o ser humano pode ser considerado um adulto.

É no cotidiano que segundo Heller (2011) colocamos em funcionamento todos os aspectos de nossa personalidade, o que nos impede dedicar todo nosso esforço a uma das atividades exercidas na vida cotidiana, para fazermos isso temos de nos distanciar do cotidiano. Para Heller (2011), portanto, o cotidiano tem como traço principal sua espontaneidade, no sentido de que as ações nele presentes são realizadas sem uma reflexão aprofundada a seu respeito.

Para que possamos nos manter em nossa vida cotidiana utilizamos algumas características para guiar nossas decisões, entre elas a probabilidade, a imitação, o economicismo, a fé, a confiança e a ultrageneralização. Essas características nos permitem a tomada rápida de decisões baseadas em experiências próprias para evitar nossa saída do cotidiano, ou em conceitos assimilados através da experiência ou relato alheio.

Tendo fundamentado, portanto como Agnes Heller define os princípios básicos da organização da sociedade bem como as propriedades que caracterizam a vida cotidiana, podemos definir o que vêm a ser os ódios cotidianos. A definição do conceito central de nosso trabalho nos permitirá selecionar situações que se encaixam nessa definição para que posteriormente sejam produzidas ilustração a respeito de cada uma delas.

3.4 AFINAL O QUE SÃO OS ÓDIOS COTIDIANOS?

Ódios cotidianos são situações ocorridas na nossa vida cotidiana, que possuem a capacidade de reduzir nossa potência de agir produzindo afetos tristes como a raiva, o ódio, a tristeza, o medo, a frustração, etc. Para que uma situação se encaixe nesse conceito ela deve ser decorrente de uma atividade presente em nosso cotidiano e seus efeitos negativos têm de ser efêmeros, de modo que ao sermos acometidos por ela, tanto a suspensão do cotidiano, quanto a diminuição de nosso conatus são rapidamente superadas.

Para a definição detalhada do que são ódios cotidianos devemos fazer uma rápida recapitulação dos conceitos expostos até aqui no capítulo 2 e 3 de nosso trabalho, pois, é a partir da intersecção da obra dos dois filósofos, Spinoza (2002) e Agnes Heller (2011) que seremos capazes de gerar o conceito em qual nos basearemos para elaborar as ilustrações do próximo capítulo.

Ao iniciarmos nosso trabalho, imaginávamos que através do estudo da obra de Baruch Spinoza (2002) chegaríamos ao conceito do que são “Ódios Cotidianos” por completo, sendo que o fundamento na obra de Agnes Heller (2011) seria necessário apenas para situar nossa definição na estrutura social compreendida como cotidiano.

Mas, ao nos aprofundarmos no estudo da filosofia de Spinoza (2002), entendemos que, para nosso trabalho, o sentimento de “Ódio” conforme explicado por Spinoza (2002), era apenas uma fração do que são os “Ódios cotidianos”, sendo que apenas ao complementarmos a teoria acerca dos afetos, com a teoria do cotidiano de Heller (2011) é que chegaríamos a formulação de um conceito concreto a respeito do que são.

Partindo do pressuposto de que não são apenas os afetos, vamos fazer uma análise dos conceitos de Spinoza (2002) em relação a sua função no desenvolvimento do conceito de nosso trabalho.

O primeiro conceito explorado por Spinoza (2002) foi o conatus, que conforme exposto no item 2.2.1 de nosso trabalho, é definido pelo autor como o esforço em aumentar nossa potência de agir, o que significa que estamos constantemente procurando aumentar nosso conatus. É importante ressaltar que todas as coisas para Spinoza (2002) possuem conatus, sejam elas concretas ou

abstratas, conscientes ou inanimadas. A situação motivadora dos ódios cotidianos é gerada do choque entre nosso conatus com o conatus contrário de outro elemento, e nesse choque a potência de agir do elemento contrário prevalece sobre o nosso. Por terem sua origem na vida cotidiana, a potência de agir dos ódios cotidianos não tem a capacidade de reprimir nosso conatus por muito tempo. Seus efeitos são rapidamente dissipados por nossa potência de agir.

Os Ódios Cotidianos tem sua gênese no que Spinoza (2002) define como desejo, isso acontece porque quando é acometido por um desejo, a tendência do indivíduo é, para Spinoza (2002), buscar interações que nos permitam saciá-lo, e é durante essa busca que somos expostos a situações que podem causar uma alteração negativa em nosso conatus. Propomos aqui um exemplo para melhor situar essa afirmação: o “indivíduo A” é acometido pelo desejo repentino de comer um sorvete, dirige-se então à geladeira de sua casa, pois, lembra-se de ter visto lá um pote de sorvete fechado. Ao abrir a geladeira acha o pote que procurava, é acometido então por alegria porque entende que terá seu desejo realizado, ao abrir o pote constata que seu conteúdo é o feijão preparado no almoço, nesse momento seu afeto de alegria é substituído pelo afeto de tristeza, o que diminui seu conatus. Seu desejo acabou por ocasionar uma redução em sua potência de agir.

O desejo nos leva a querer aumentar nossa potência de agir através de interações com o ambiente, e são essas interações que acabam por gerar variações em nosso conatus. É durante essa variação que são gerados o que Spinoza (2002) denomina como afetos. Esses afetos são divididos em afetos-paixão e afetos-ação. Os afetos-ação geram apenas variações positivas em nosso conatus, então, portanto, fora do conceito de ódios cotidianos.

São os afetos-paixão que têm relevância para nosso trabalho, os afetos-paixão podem ser tanto afetos alegres, quanto tristes, sendo que para o conceito de ódios-cotidianos levamos em consideração os afetos tristes. Para Spinoza (2002) os principais afetos tristes são a própria tristeza e o ódio (que é a tristeza com a ideia de uma causa exterior).

Segundo Spinoza (2002) somos especialmente suscetíveis aos afetos-paixões, isso acontece devido ao nosso despreparo em lidar com a causa do problema, pois o afeto paixão surge do fato de apenas compreendermos os efeitos ao invés de entender a causa da redução de nosso conatus, para o filósofo(2002),

ao sofrermos a ação de uma afeto-paixão temos apenas uma visão superficial do problema.

Importante ressaltar que a cada vez que somos afetados pelo mesmo ódio-cotidiano, a capacidade que ele tem de nos causar uma diminuição no conatus vai perdendo a força, isso se dá porque começamos a compreender a causa do ódio cotidiano, e não apenas seu efeito.

Se o desejo é a gênese dos Ódios Cotidianos, os afetos-paixão são o resultado gerado a partir de interações feitas com outros objetos que possuem o conatus contrário ao nosso. Esse encontro tem como motivação o desejo. Os afetos paixão são, portanto o elemento final no conceito do nosso trabalho. A tristeza, bem como os afetos dela derivados (como o ódio e o medo), são uma parte importante do conceito, não por conterem em si toda a definição do que são os ódios cotidianos, mas por representarem o resultado da interação em nosso conatus, esse resultado será sempre uma diminuição em nossa potência de agir no caso de nosso conceito.

Acerca dos afetos e sua relação entre si ou entre os indivíduos, Spinoza (2002) estabeleceu uma série de preceitos úteis para a definição que estamos buscando determinar a respeito de ódios cotidianos. Analisaremos agora as principais características e princípios a respeito dos afetos.

Podemos pensar juntamente com Spinoza (2002) primeiramente no preceito de que (conforme visto no item 2.2.3 de nosso trabalho) podemos atribuir alegria, tristeza ou desejo a um objeto mesmo que não seja a causa específica desses afetos. Nos Ódios Cotidianos esse preceito demonstra como podemos em alguns casos atribuir um afeto triste a um elemento que não causou alteração em nosso conatus. Isso acontece no momento em que estamos sendo afetados por dois elementos simultaneamente sendo que apenas um deles produz uma redução em nossa capacidade de agir, por exemplo: o indivíduo A está no trânsito, preso em uma fila que não está andando tão rápido quanto a fila do lado, decide então trocar de faixa, sendo que ao fazê-lo, a fila para qual mudou é que para de se mover. O indivíduo A é então acometido pelo afeto de frustração em relação ao elemento trânsito e pode transmitir essa frustração a outros elementos, como o elemento rua. Podemos portanto, devido a uma situação de Ódios Cotidianos atribuímos a várias causas a nossa redução do conatus.

Outro ponto importante citado por Spinoza (2002) é que podemos atribuir as propriedades de uma causa de um afeto a outro elemento que lhe seja similar, o que

nos leva a atribuir a esse outro elemento o status de causa de um afeto triste, mesmo que não nos afete dessa maneira. Por exemplo: ao tentar abrir uma embalagem de batata frita, o “indivíduo A” acabou por derramar o conteúdo do pacote todo no chão devido a sua dificuldade em utilizar as instruções para sua abertura, fazendo com que fosse acometido pelo afeto de ódio. Ao deparar-se com outra embalagem que possua uma forma de abrir similar tende, segundo Spinoza (2002), a atribuir a ela as mesmas características da outra, sendo assim irá considerá-la uma causa de afeto negativo, antes mesmo de abri-la.

O preceito anterior nos apresenta uma maneira de nos prevenirmos contra a ação dos ódios cotidianos, porque ao abordarmos um elemento similar a outro que nos causou um afeto triste, tendemos a agir com mais cautela, procurando minimizar os efeitos adversos do encontro com o elemento.

O último dos preceitos de Spinoza (2002) a respeito da relação entre os afetos demonstra como a memória contribui para a variação de conatus, conforme demonstrado no item 2.2.3 de nosso trabalho. Através deste trecho podemos afirmar que após sofrermos a ação de um ódio cotidiano passaremos a temer seu acontecimento, isso porque sabemos que ao realizarmos determinado encontro, seremos afetados por uma paixão triste. Aqui devemos salientar a importância também do medo e da esperança no conceito de ódios cotidianos.

A esperança e o medo nos ajudam a comprovar o fato de que os Ódios cotidianos não são apenas afetos. Isso porque tanto a esperança e o medo consistem em afetos, e como Spinoza (2002) define, o afeto é uma forma de ideia, para que possamos ser afetados por essa ideia devemos ter uma causa a ela atrelada. Além disso, o filósofo expõe em seu trabalho que somos afetados pela esperança e o medo simultaneamente. No conceito de ódios cotidianos a dinâmica entre esperança e medo é essa: temos o medo que uma situação venha a se repetir e alterar nosso conatus negativamente no mesmo momento em que temos esperança que esse evento não ocorra.

A partir das definições de Spinoza (2002) a respeito do conatus e dos afetos paixões relacionam-se com nosso conceito de ódios cotidianos, podemos estabelecer então que os ódios cotidianos tem origem no que o filósofo chama de desejo, pois é o desejo que nos motiva a buscar interações com elementos externos a nós a fim de aumentar nossa potência de agir. Nessa busca realizamos encontros com outros elementos, esses encontros no conceito de ódios cotidianos geram

situações com efeitos negativos em nosso conatus, sendo que originam afetos-paixão tristes como a tristeza, o ódio, a raiva, o medo e a frustração por exemplo.

Para fundamentar a segunda parte do nosso conceito, devemos recorrer ao estudo de Heller (2011) a respeito do cotidiano, assim como fizemos com o trabalho de Spinoza (2002), relacionando seus preceitos com o dos ódios cotidianos.

Para Heller (2011) o nosso cotidiano está inserido dentro da organização de uma sociedade e segue três princípios básicos: o da universalidade, diversidade e subjetividade como dito no item 3.3 O princípio da universalidade, define segundo Heller (2011) a existência da vida cotidiana para todos os indivíduos, sendo assim podemos afirmar que todos os indivíduos estão sujeitos à ação dos ódios cotidianos, isso porque é durante a realização de atividades características da vida cotidiana de um indivíduo que acontecem as situações capazes de gerar os ódios cotidianos.

Por sua vez o princípio da diversidade define a diferença estrutural do cotidiano de diferentes indivíduos ou sociedades, com o apoio desse princípio podemos supor que indivíduos com cotidianos distintos podem também ser afetados por diferentes ódios cotidianos de maneira diversa, exemplificando: o indivíduo “A” e o indivíduo “B” decidem ir ao cinema, compram os ingressos antecipadamente. Ao chegarem à sala onde será exibido o filme notam que seus assentos marcados estão ocupados por outras pessoas, para o indivíduo A essa situação configura-se como um ódio cotidiano, é acometido então pelo afeto de raiva, pede então para que seu assento seja desocupado, ao ter seu desejo atendido seu conatus rapidamente volta ao ponto anterior à atuação do ódio cotidiano. O indivíduo B por outro lado, não encara essa situação como um ódio cotidiano, então não experimenta a mesma variação de conatus pela qual passa o indivíduo A.

Por fim o princípio da subjetividade refere-se à maneira como cada indivíduo vive e interpreta seu cotidiano de maneira única, além de reforçar que indivíduos diferentes podem ter ódios diferentes, a partir desse princípio podemos estabelecer que pode existir uma diferença na interpretação e na reação gerada por um mesmo ódio cotidiano em indivíduos diferentes, ou seja, é possível que indivíduos que partilhem um mesmo ódio cotidiano o interpretem de maneira diferente, é possível por exemplo que um mesmo ódio quando vivenciado pelo indivíduo A gere o afeto de raiva e quando vivenciado pelo indivíduo B gere o afeto de desespero.

Esses três princípios nos permitem afirmar que os ódios cotidianos podem afetar todos os indivíduos porque acontecem durante o cotidiano, e para Heller

(2011) todos os indivíduos possuem um cotidiano, além disso, os ódios cotidianos podem ser diferentes entre os indivíduos e um mesmo ódio pode também ser interpretado de maneira diferente por pessoas distintas.

Assim como delimitam as bases da organização da vida cotidiana, os três princípios (universalidade, diversidade e subjetividade) representam também as bases dos ódios cotidianos. Podemos então analisar as características da vida cotidiana como definidas por Heller em sua obra (2011) sob a ótica dos ódios cotidianos.

O princípio da espontaneidade é para Heller (2011) o mais importante para a definição de cotidiano, através dele, Heller (2011) expõe a teoria de que nosso cotidiano é automático, ou seja, não refletimos a respeito das ações que tomamos. Para nosso trabalho esse preceito é importante, porque como os ódios cotidianos são situações adversas, é de nossa natureza tentar evitá-los, mas por estarem inseridos em nosso cotidiano muitas vezes não podemos refletir a respeito deles até que já tenham acontecido. Por exemplo: o “indivíduo A” tentava atravessar uma rua em um dia chuvoso, um carro passa por uma poça de água próxima do meio fio e o encharca. Isso aconteceu porque o indivíduo A, imerso em sua cotidianidade, não refletiu a respeito do lugar onde estava parado, e ao ser molhado pelo carro foi acometido pelo afeto de ódio, pois essa situação é para ele um ódio cotidiano.

Para a tomada de decisões sem uma reflexão extensa sobre cada possibilidade, utilizamos o princípio da probabilidade, ou seja, em nossa vida cotidiana a cada momento temos de fazer pequenas escolhas (qual ônibus pegar, atravessar ou não a rua, etc.), para escolhermos utilizamos referências a respeito desse evento ou de eventos similares que nos permitam realizar essa escolha. Caso a escolha seja equivocada pode ocorrer o que Heller (2011), chama de catástrofe cotidiana.

A situação necessária para que o conceito de ódios cotidianos seja completo é uma catástrofe cotidiana. Ou seja, quando tomamos uma decisão e somos bem sucedidos, nos mantemos em nossa cotidianidade, mas se falharmos temos nosso cotidiano interrompido. Devido à natureza das ações inseridas no conceito de ódios cotidianos essa interrupção é breve, por exemplo: o “indivíduo A” está utilizando o banheiro, e após o fim de suas necessidades biológicas nota que acabou o papel higiênico, nesse momento ocorre uma catástrofe da vida cotidiana, o indivíduo A tem seu cotidiano interrompido. Através de uma breve reflexão, lembra-se que possui um

rolo de papel extra no armário, após pegá-lo retorna normalmente a suas atividades cotidianas.

A organização do conceito de ódios cotidianos, com a adição da catástrofe cotidiana, pode ser apresentado desta forma: começam com um desejo (atravessar a rua), um erro probabilístico ocorre e sofremos uma catástrofe cotidiana (um carro nos molha enquanto esperamos para atravessar), temos então nosso conatus diminuído e somos acometido por um afeto triste (raiva), e após um breve momento retornamos a cotidianidade (atravessamos a rua).

Outra das características da vida cotidiana que possui influência nos ódios cotidianos é a imitação, através dela podemos tanto adquirir, quando evitar situações propícias para o surgimento dos ódios, pois é através da imitação que, segundo Heller (2011) temos o primeiro aprendizado a respeito de como vivenciarmos nosso cotidiano, então podemos ser impregnados com noções a respeito de situações causadoras de ódios cotidianos, adquiridas por nós através da observação do comportamento de outros indivíduos, como por exemplo: o indivíduo A tenta abrir uma lata de refrigerante, mas acaba arrancando o anel da lata sem conseguir abri-la, é então acometido de raiva e arremessa a lata no chão. O “indivíduo B”, ao observar essa cena pode compreender que aquela é uma situação a ser evitada. Importante ressaltar, baseando-se no princípio da subjetividade do cotidiano exposto por Heller (2011), que enquanto o indivíduo B não vivenciar a mesma situação em seu cotidiano, não seremos capazes de fazer qualquer suposição a respeito da reação que terá, e se será acometido por um ódio cotidiano.

O economicismo, que segundo Heller (2011), determina que só praticamos em nosso cotidiano, ações que tenham utilidade para sua manutenção. Essa característica confirma que a situação presente no conceito de ódios cotidianos, é originada em nossa vida cotidiana, bem como evidencia que só podemos ser afetados por ódios cotidianos originados através de catástrofes cotidianas que possam acontecer durante a execução de uma atividade pertencente a nossa vida cotidiana.

Por fim iremos analisar o papel das ultrageneralizações no conceito de ódios cotidianos. Agnes Heller (2011) demonstra que para que possamos viver nossa cotidianidade temos de basear nossas decisões em características como a probabilidade, imitação, no economicismo, na fé e na confiança, essas duas últimas características geram o que é chamado pela autora de ultrageneralizações, que são

decisões que tomamos para a manutenção de nossa cotidianidade, mas que não são as mais eficazes para a situação com a qual nos deparamos. Em nosso trabalho, a fé e a confiança não tem tanta relevância, pois visam manter o indivíduo na vida cotidiana, enquanto que os ódios cotidianos o retiram dessa imersão. Para nosso conceito a ultrageneralização mais importante é o precedente, pois é através dele que ódios cotidianos podem ser propagados, segundo Heller (2011), os precedentes nos permitem tomar decisões cotidianas baseando-se em conceitos prévios adquiridos de outra maneira que não seja a experiência própria, isso afeta o conceito de ódios cotidianos da seguinte maneira: é possível que o indivíduo A tome uma decisão que não afeta sua cotidianidade, ele então transmite essa decisão para B, que quando se vê diante da mesma situação, toma o mesmo curso de ação de A, devido aos princípios da diversidade e da subjetividade, a ação produz um efeito diferente no cotidiano de A, o efeito pode ser uma catástrofe cotidiana que pode acarretar no desenvolvimento de um ódio cotidiano pelo indivíduo A.

Com a análise tanto do trabalho de Spinoza (2002) quanto do trabalho de Agnes Heller (2011) podemos compreender o conceito de Ódios cotidiano como uma situação cotidiana (as características da espontaneidade e economicismo corroboram essa teoria) que tem origem em um desejo, que por um erro de cálculo probabilístico acaba se tornando uma catástrofe cotidiana, diminuindo nosso conatus, tendo como resultado o surgimento de um afeto paixão e interrompendo nossa cotidianidade por um breve momento. Ao afirmarmos que o indivíduo possui um ódio cotidiano, queremos dizer que a situação que causou sua alteração no conatus segue essa estrutura (desejo, catástrofe cotidiana, afeto triste e retorno a cotidianidade)

Os princípios da universalidade, diversidade e subjetividade da teoria do cotidiano de Agnes Heller (2011), determinam que todos estão sujeitos a ação de ódios cotidianos, que indivíduos podem possuir ódios cotidianos diferentes e que indivíduos que possuam o mesmo ódio cotidiano não serão necessariamente afetados da mesma maneira, a propagação desses ódios entre indivíduos pode ser feita através da observação ou do relato de outro indivíduo.

Agora que temos fundamentado o conceito de ódios cotidianos como uma situação adversa motivada por um desejo causada durante a realização de uma tarefa cotidiana que tem como resultado a diminuição de nossa potência de agir,

bem como a geração de um afeto triste, iremos prosseguir para a demonstração de exemplo na forma de cartazes.

4 ILUSTRAÇÃO: REPRESENTAÇÃO DE UMA IDEIA ATRAVÉS DE IMAGENS

Nos capítulos anteriores exploramos o conceito de conatus e dos afetos paixão defendidos por Spinoza (2002) e a conceituação de como é estruturada a vida cotidiana através da ótica de Agnes Heller (2011), o que nos permitiu desenvolver o conceito de ódios cotidianos, que conforme evidenciado anteriormente, são situações com as quais nos deparamos durante a nossa vida cotidiana que tem a capacidade de reduzir nossa potência de agir e nos causar um afeto triste como a raiva, o ódio ou a tristeza por exemplo.

Em nosso trabalho iremos retratar através de ilustrações algumas situações que se encaixam no conceito de “ódios cotidianos” proposto no capítulo anterior, bem como fundamentar teoricamente a situação ilustrada, explorando o ambiente na qual acontece e a maneira como ela pode afetar nosso conatus. Iremos também explicar a técnica e o método utilizado para o desenvolvimento de cada ilustração, mas para que possamos prosseguir para essa etapa, precisamos primeiramente delimitar o conceito de ilustração, para melhor fundamentar essa análise teórica a respeito da produção das imagens.

O processo para definir o que vem a ser uma ilustração envolve-se diretamente com a história da arte, portanto para elaborarmos um conceito de ilustração precisamos começar traçando um panorama da evolução das representações gráficas desenvolvidas por seres humanos através da história conhecida. O ponto de partida para essa análise são as pinturas nas paredes de cavernas denominadas como arte rupestre, que consistiam em representações de seres humanos e de elementos inseridos na vida cotidiana desses indivíduos, como animais, utensílios e paisagens (Figura 7). Os primeiros sinais dessas representações possuem por volta de 200 mil anos de idade (MEGGS; PURVIS, 2009), sendo que não podemos afirmar que consistem nas representações artísticas da forma que conhecemos hoje, mas são os primeiros vestígios de uma comunicação visual entre seres humanos.

Esses desenhos gravados nas paredes das cavernas onde habitavam, tinham o propósito de representar não apenas elementos presentes em seu ambiente, mas também atividades como caça, pesca e coleta de mantimentos, não se tratando portanto de elementos isolados, mas sim como uma forma de registrar

os hábitos praticados por um determinado grupo. Ao retratar atividades cotidianas e não apenas objetos isolados, os desenhos rupestres tornam-se demonstrações do cotidiano desses grupos. A arte rupestre é conhecida pelo alto grau pictográfico e representa a origem de duas formas de expressão utilizadas pela raça humana, a arte figurativa e a escrita, conforme evidenciado no trecho a seguir: “Primeiro, forma o começo da arte figurativa – os objetos e eventos do mundo eram registrados com crescente fidelidade e exatidão no decurso dos séculos; segundo, formaram a base da escrita” (MEGGS; PURVIS, 2009, p.20). Essa forma de representação pictórica é o primeiro marco do que viriam a se tornar as ilustrações.



Figura 7 - Pintura rupestre
Fonte: 360GRAUS, 2013

A representação através de imagens do comportamento humano e do ambiente no qual estavam inseridos, foi se desenvolvendo ao longo da história e adquirindo uma importância cada vez maior no ensinamento de atividades cotidianas bem como na transmissão de conceitos de uma sociedade para seus indivíduos, conforme salientado no trecho a seguir:

O Papa Gregório, o Grande, que viveu no final do século VI D.C., seguiu essa orientação. Lembrou àqueles que eram contra todas as pinturas que muitos membros da Igreja não podiam ler nem escrever, e que, para ensiná-los, essas imagens eram tão úteis quanto os desenhos de um livro ilustrado para crianças. Disse ele: "A pintura pode fazer pelos analfabetos o que a escrita faz para os que sabem ler". (GOMBRIECH, 1999, p.133)

Até a adoção de processos gráficos como a xilografia, documentos como contratos, mapas e livros eram feitos manualmente, sendo que as representações

gráficas existentes nesses documentos eram importantes para exemplificar o conteúdo do texto e auxiliar em sua compreensão.

Conforme evidenciado por Meggs (MEGGS; PURVIS, 2009), durante a idade média esses documentos manuscritos eram criados por dois profissionais distintos, o primeiro deles, conhecido como *copisti*, tinha como função copiar fielmente todo o texto de um manuscrito original para suas cópias. O *copisti* tinha de deixar espaços em branco para que o outro profissional conhecido como iluminator, pudesse preenchê-los com representações gráficas acerca do conteúdo, ou seja, utilizando-se de uma terminologia atual, o trabalho desenvolvido pelo *iluminator* era o de ilustrar o conteúdo do texto de maneira que pelo menos uma fração dele fosse compreendida através das imagens. O trabalho dos dois profissionais era supervisionado por um terceiro profissional, conhecido como *scrittore* que agregava as funções de diretor de projeto, diretor de arte e também tradutor. Segundo Meggs, (MEGGS; PURVIS, 2009) a tradução do termo em italiano *iluminator* é iluminador, que remetia a esclarecer, ou explicar. Para Meggs (MEGGS; PURVIS, 2009), essa é a origem do termo ilustrador. Importante ressaltar que esses livros e documentos ilustrados e confeccionados manualmente no início da era cristã eram conhecidos pelo termo de “manuscritos iluminados”, posteriormente esse termo viria a ser aplicado a todos os documentos decorados que foram produzidos desde o final do Império Romano até a invenção da prensa de Gutenberg (MEGGS; PURVIS, 2009).

Entendemos, portanto com a análise a respeito da arte rupestre e dos manuscritos medievais que a ilustração não se configurava apenas como um desenho desprovido de conceito, mas sim carregava em si um significado, um contexto, e visava transmitir uma mensagem ou explicar algo, seja um objeto ou uma situação,

A afirmação de que a ilustração visa transmitir um significado é corroborada por Oliveira (2008) no trecho: “as duas funções mais frequentemente atribuídas às ilustrações são as de explicar e ornar um texto” (OLIVEIRA, 2008, p. 113). Note-se que este trecho específico se refere à imagem acompanhada de um texto, mas podemos ampliar esse conceito para objetos ou situações.

A ilustração para Oliveira (2008) tem como função traduzir para a linguagem das imagens, mensagens antes transmitidas apenas através de palavras ou da escrita. A mensagem representada através da ilustração pode apresentar distorções conforme for interpretada por diferentes indivíduos, conforme evidenciado por

Manguel (2009) através de um exemplo que iremos apresentar aqui de forma reduzida: o indivíduo “A” mora em uma caverna, e pela abertura da caverna observa todos os dias o pôr do sol, e com o passar do tempo passa a aceitar esse acontecimento como o fim de um ciclo, em certo momento ao rever o fim desse ciclo coloca suas mãos na lama e o representa em uma parede. O indivíduo “B” em outro dia se depara com aquela representação e passa a contar o que viu na imagem adiante, sem ter o conhecimento exato da motivação da representação gráfica, em algum momento a representação referia-se ao pôr do sol, mas a imagem concebida pelo segundo indivíduo a partir da imagem não é a mesma vivenciada pelo primeiro.

Essa distorção acontece porque a tradução de algo em uma imagem é feita utilizando-se de signos próprios de cada época e sociedade retratada na ilustração (podemos tomar como exemplo a evolução da representação da forma humana nas imagens cujo vestuário e forma física se altera de maneira a retratar a sociedade e o contexto vigentes), sendo que a técnica utilizada para a produção da imagem também traduz este elemento temporal da ilustração.

Essas técnicas utilizadas para a confecção de materiais gráficos foram se alterando com o passar do tempo, e evoluindo de modo a acelerar o processo de produção desses materiais. Foi a partir da adoção da técnica da xilografia, “termo técnico para a impressão a partir de uma superfície de madeira” (MEGGS; PURVIS, 2009, p. 90), que uma real expansão na produção de ilustrações ocorreu.

A revolução técnica no modo de produção das imagens, bem como a mudança no estilo das ilustrações, permitiu que um retrato mais fiel do cotidiano de uma sociedade fosse representado, chegando, por exemplo, à geração de várias ilustrações representando um mesmo indivíduo, demonstrando uma sequência de atividades por ele exercidas durante sua vida que a sociedade pudesse ser produzida.

A xilografia permitia a reprodução de uma mesma imagem várias vezes, fato que contribuiu para a disseminação da ilustração em camadas da sociedade que normalmente não tinham acesso fácil a essa forma de representação gráfica. Um exemplo da disseminação da ilustração para a grande massa que compunha as camadas mais baixas da população é para Meggs (2009), o baralho.

Antes da utilização da impressão tipográfica, o baralho utilizado por camponeses consistia em cartas feitas de papel desgastado com as informações da carta transferidas através de um estêncil, enquanto o baralho ilustrado era um privilégio dos nobres, sendo que as cartas eram feitas de materiais distintos do papel

além de serem decoradas com pinturas produzidas por artistas da época, conforme evidenciado por Meggs (2009) no trecho a seguir: “o duque de Milão jogava cartas com tabuinhas de marfim que traziam imagens pintadas por artistas famosos, e nobres flamengos usavam lâminas de prata entalhadas”. Para Meggs (2009) com o advento da impressão xilográfica o baralho ilustrado (Figura 8) tornou-se um material acessível para todas as castas sociais e contribuiu para fazer com que a massa predominantemente iletrada passasse a reconhecer símbolos e desenhos e os significados atrelados a cada um deles. A partir desse momento a ilustração passa a rivalizar no seu grau de disseminação como forma de comunicação com a escrita, sendo que as mensagens que utilizam essa forma de representação gráfica passam a ser mais recorrentes.



Figura 8 - Valete de Ouros, carta de baralho em xilogravura, c. 1400
Fonte: MEGGS; PURVIS, 2009, p. 92

Outro importante salto tecnológico que contribuiu de maneira indireta para o desenvolvimento da ilustração como uma maneira de representar nosso ambiente foi o desenvolvimento da impressora de tipos móveis, apresentada por Gutenberg em meados do século XV. Segundo Meggs (2009), essa invenção permitia a diminuição de custos além da rápida reprodução de materiais gráficos, o que fez com que o

acesso a livros e outros materiais culturais fossem difundidos para parcelas maiores da população, o que contribuiu diretamente para a diminuição do analfabetismo. Nessa época também surge o embrião dos cartazes atuais, era o prospecto, que consistia em uma folha na qual apenas um dos lados era impresso sendo então distribuído gratuitamente entre a população como uma forma de divulgação de festas e outros eventos.

É importante ressaltarmos que no início da disseminação dos livros e outras peças gráficas, os gravadores e impressores que se utilizam a técnica da tipografia enxergavam a impressão tipográfica como uma ameaça para seu ofício, mas como a tipografia contemplava apenas a produção do texto, a xilografia passou a ser utilizada para “iluminar” o texto. Segundo Meggs (2009) é nessa época que o termo ilustrador é empregado pela primeira vez para se referir do artista responsável pela produção das imagens de um livro: “O primeiro ilustrador a ser identificado como tal em um livro foi Erhard Reuwich, por seu trabalho em *Peregrinationes in Montem Syon* (Peregrinações em Monte Sião)” (MEGGS; PURVIS, 2009, p.109).

Vemos então durante a idade média um desenvolvimento das técnicas utilizadas para a produção de imagens, bem como um amadurecimento do conceito de ilustração, pois é nesse período histórico que se intensifica o emprego de imagens como uma representação do cotidiano, e da linguagem falada e escrita.

A chegada do período histórico conhecido como Renascimento agrega uma nova função à produção de imagens, a ilustração técnica, que tinha como principal expoente o artista italiano Leonardo da Vinci (Figura 9). As ilustrações técnicas tinham como função representar detalhadamente peças e construções a fim de documentá-los para que fosse possível sua reprodução baseando-se apenas nas ilustrações. As ilustrações técnicas também eram usadas para retratar detalhadamente o corpo humano, movimentos astrais e para documentar descobertas e até mesmo representar modelos químicos imaginados.

O renascimento contribuiu para a consolidação da ilustração como um importante meio de divulgação de ideias, e documentação de novas descobertas científicas, mesmo porque consistia na única forma de representar o que deveria ser informado sem a utilização de texto (OFF BOOK, 2013). Mas outra função importante da ilustração através da história é a de representar personalidades e fatos históricos principalmente no período que antecede a invenção da fotografia.

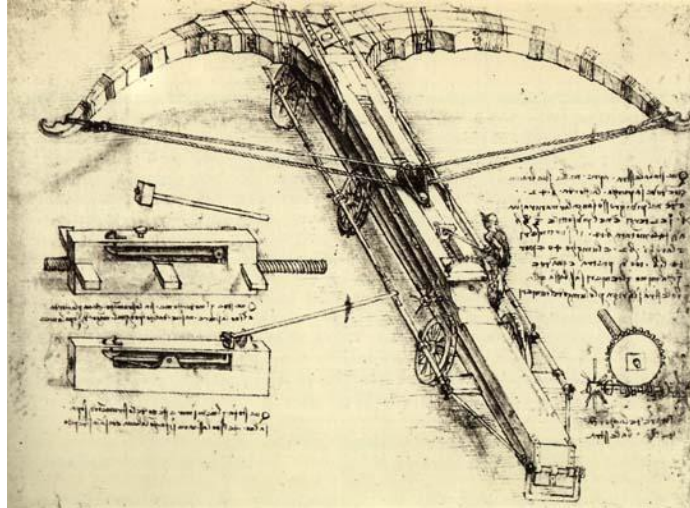


Figura 9 - Ilustração técnica de Leonardo da Vinci de uma besta

Fonte: LEONARDODAVINCISINVENTIONS, 2013

Tomemos como exemplo uma figura conhecida: Abraham Lincoln (Figura 10). Existe uma imagem visual no inconsciente coletivo dele, alto, esguio, com barba e muitas vezes com uma cartola, porém não existe nenhum registro histórico de como sua voz era (MCGRATH, 2013).

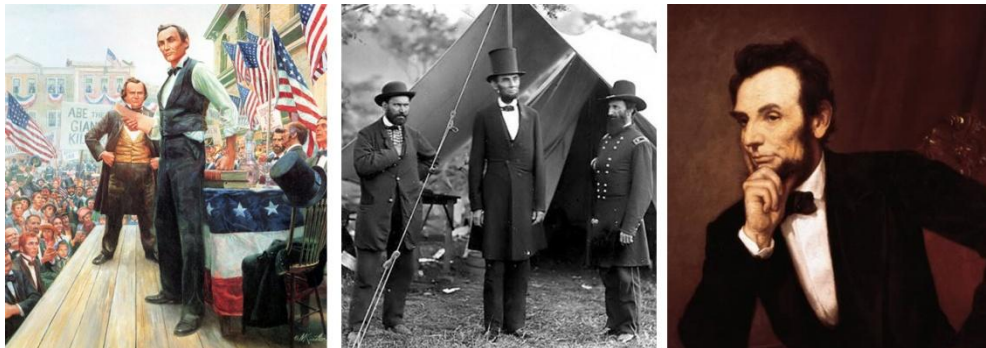


Figura 10 - Abraham Lincoln
Fonte: THESTORYOFLIBERTY, 2013

Tomando Lincoln como exemplo novamente, temos uma referência visual formada por vários anos de representações (como podemos ver na Figura 10), nas imagens contemporâneas ao presidente podemos citar pinturas com tinta óleo, calco gravuras e até mesmo fotografias, e na atualidade além dessas temos filmes, esculturas, além de inúmeras técnicas de desenho. Através dos anos, diferentes indivíduos utilizaram sua ótica para gerar representações diversas do presidente norte americano (morto em 1865). Ou seja, a concepção de como o presidente americano era na época em que era vivo é fundamentada nos relatos históricos do período bem como nas imagens que o retratavam, independente da técnica utilizada

para essa representação, sendo que nossa percepção da figura presidencial era influenciada pela ótica do autor tanto do relato escrito, quanto pelo autor da ilustração

Construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. (MANGUEL, 2009, p. 28)

A ilustração configura-se portanto, como uma importante ferramenta para representar o meio no qual estamos inseridos, podendo ou não ser acompanhada de texto. Como vimos até aqui, durante a história a ilustração teve como principal função explicar, exemplificar e fundamentar visualmente ideias, situações, objetos, pessoas, momentos históricos, dentre outros. Configura-se, portanto como uma importante ferramenta de comunicação entre indivíduos, estejam eles inseridos no mesmo contexto ou não. Testemunhamos também através da passagem do tempo o desenvolvimento de novas técnicas de representação de imagens, desde as mais primitivas como as pinturas rupestres até as empregadas na nossa época como a serigrafia e a fotografia por exemplo. O emprego de diferentes técnicas através da história na produção das ilustrações nos permite afirmar que a ilustração não está atrelada à utilização de uma técnica específica, mas sim na efetividade dessa técnica para representar uma ideia. Cabe ao ilustrador, portanto diagnosticar qual a melhor maneira de representar o objeto que se propõe a retratar na forma de imagem, combinando recursos disponíveis para a execução da ilustração.

O conceito de ilustração explorado neste momento de nosso trabalho (representação através de imagens de uma ideia) será aliado ao nosso conceito de ódios cotidianos (situações adversas presentes em nosso cotidiano que diminuem nossa potência de agir) para que possamos produzir ilustrações que representem situações inseridas em nosso cotidiano, evidenciando além da situação em si, a alteração gerada em nosso conatus quando somos acometidos por um ódio cotidiano.

5 ILUSTRAÇÕES ÓDIOS COTIDIANOS

Nesse capítulo serão apresentadas as ilustrações produzidas para nosso trabalho. Foram desenvolvidas tendo como tema o conceito de ódios cotidianos, desenvolvido a partir dos conceitos acerca do conatus e dos afetos-paixão de Spinoza (2002) aliados a estruturação da vida cotidiana apresentada por Heller (2011) em sua obra.

Assim como no projeto *The Indie Rock Posters Book* (Figura 11, LLC, 2011) utilizaremos para o desenvolvimento das ilustrações diferentes estilos de ilustração tendo como referências visuais a expressão visual de diversos movimentos artísticos e de design existentes ao longo de nossa história, como o movimento pop-art e os cartazes psicodélicos dos anos 1960, por exemplo. Além de estilos visuais distintos, no desenvolvimento das ilustrações, serão empregadas também técnicas distintas no desenvolvimento de cada imagem, de maneira a utilizar a técnica que mais se adapta a representação do “ódio cotidiano” a ser ilustrado.

Apesar da não uniformidade no estilo e na técnica entre as ilustrações, em cada uma delas temos representados os elementos que compõem o “ódio cotidiano” demonstrado na ilustração. Por vezes os elementos que provocam os ódios cotidianos são alterados a fim de causar maior impacto visual, ou de adicionar elementos de humor a composição e apesar de não existir uma unidade visual entre as imagens, possuímos uma coesão conceitual entre todas elas.



Figura 11 - Projeto The indie Rock Poster Book
Fonte: YELLOWBIRDPROJECT, 2013

Todos os cartazes serão posteriormente impressos no A3 (297 mm x 420 mm), em policromia no formato CMYK, sendo que em casos específicos os cartazes podem, também, ser impressos em técnicas diferentes.

Podemos prosseguir agora para a apresentação das ilustrações a respeito dos ódios cotidianos, que são o resultado final de nosso trabalho. A descrição a respeito das ilustrações está estruturada de maneira a apresentar primeiramente o embasamento teórico a respeito do ódio cotidiano e a maneira como acontece e afeta nosso conatus, em seguida temos um detalhamento da técnica utilizada para a produção da ilustração e por fim temos a ilustração desenvolvida para representar o ódio cotidiano abordado.

5.1 ODEIO QUANDO MEU GUARDA-CHUVA VIRA

O fato de chover por si só é primeiramente, um fator de diminuição do nosso conatus, seja com a chuva já iniciada ao sair de casa, ou quando ela nos pega de surpresa na rua, o nosso conatus tende a diminuir a ponto de desanimar os futuros planos e desmarcá-los. Porém nos deslocarmos na chuva, às vezes, não é uma opção, e esse ambiente inóspito, tende a testar o nosso conatus de diferentes formas.

No momento em que realizamos que precisaremos enfrentar a chuva, logo na primeira fase podemos ter nosso conatus diminuído pelo fato de não termos um guarda-chuva próximo, a partir daí podemos colocar na lista de agressões ao nosso conatus: carro passando em poças de água e respingando nos pedestres, frio causado por roupas molhadas, transporte público abafado e lotado e em casos extremos chegando a enchentes, alagamentos, desmoronamentos etc.

Mas no meio dessas situações todas existe uma que representa bem os Ódios cotidianos, apesar da diminuição do nosso conatus, nos vemos obrigados a enfrentar a chuva, e sabendo que temos um guarda-chuva, essa situação torna-se mais um fator do cotidiano, acabamos por nos acostumar por situações como essa. Porém em certo momento uma rajada de vento forte acaba por virar o guarda-chuva (muitas vezes quebrando-o), nos tirando momentaneamente do cotidiano,

diminuindo drasticamente nosso conatus por alguns segundos, e isso configura uma situação de ódios cotidianos.

5.1.1 A ilustração "Odeio quando meu guarda-chuva vira"

A peça gráfica foi realizada na medida de uma folha A3 (297 mm x 420 mm), usando técnica de pintura digital. Primeiramente foram feitos croquis a lápis traçando a ideia principal do cartaz (Figura 12). Após foi definido qual estilo de ilustração seria usado, e como seria o traçado. Uma das referências artísticas para essa peça foi o artista Francês Blexbolex (2011, Figura 13), através de formas definidas e cores chapadas. Outra característica para essa peça foi o *Brush* utilizado no programa escolhido (*photoshop*), trata-se do *brush* inicial *Hard Round* com aplicação de textura *fine grain* variações de tamanho, sendo assim o traço fica com aspecto granulado, lembrando o traço feito com giz pastel.



Figura 12 - Croqui para a Ilustração Odeio quando meu guarda-chuva vira

Fonte: Autoria própria

Sobre a ilustração foram tomadas algumas medidas para referenciar o ódio como se é visto e sentido. O personagem principal, cujo guarda-chuva foi virado possui características diferentes dos outros transeuntes, a começar pelas roupas, é

o único que possui duas cores nas vestes, a calça e uma jaqueta amarela, referenciando aqui o filme cantando na chuva (Figura 14). Em dado momento no filme o personagem principal (interpretado por Gene Kelly) acometido por um afeto-paixão de alegria dança na chuva sem se preocupar em se molhar, ficar doente ou qualquer coisa. Nosso personagem expressa através desse símbolo exatamente o contrário, pois se apega ao guarda-chuva e mesmo assim se molha. Além disso, é o único cujos olhos são visíveis, olhos esses que são vermelhos, novamente referenciando uma expressão popular "vermelho de raiva".



Figura 13 - Ilustração de Blebolex
Fonte: BLEBOLEX, 2011

Os outros transeuntes possuem cores mais pastéis em tons de verde e violeta misturados ao preto, essas cores trabalham como cores complementares (Figura 15) fazendo com que todos os pedestres formem uma massa uniforme, que não se preocupa com o nosso protagonista.



Figura 14 - Capa e
Cartaz filme cantando
na chuva
Fonte: IMDB, 2013

A tipografia representa a ligação entre os dois conatus, o vento junto com a chuva que vem do céu se ligando ao guarda chuva virado, transformando em nosso ódio cotidiano.

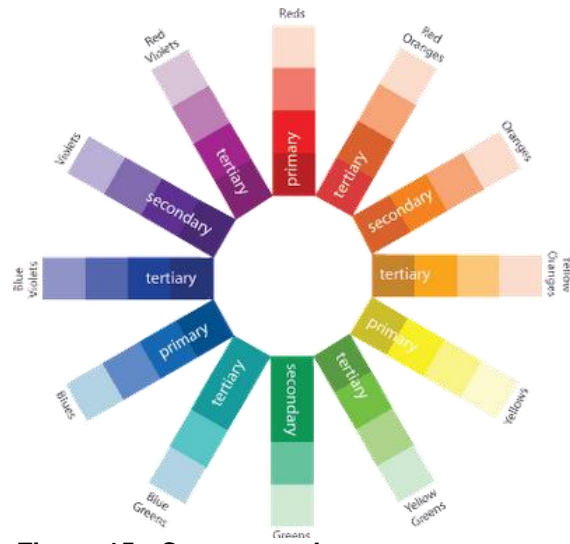


Figura 15 - Cores complementares
Fonte: BEKISVISCOM, 2013



Figura 16 - Ódios cotidianos - Odeio quando o guarda-chuva vira
Fonte: Autoria própria

5.2 ODEIO BATER O DEDO MÍNIMO DO PÉ EM ALGUMA QUINA

Ao procurarmos exemplos para demonstrar o conceito desenvolvido para definir o que são “ódios cotidianos” o ódio “bater o dedo mínimo do pé em uma quina”, exemplificado pela ilustração a seguir, é um dos mais rapidamente lembrado, por exigir poucos elementos para que ocorra. Poucos de nós nunca fomos acometidos por ele.

Esse ódio cotidiano tem um potencial de alteração em nosso conatus elevado, pois ocorre no momento em que estamos inseridos plenamente na cotidianidade, não sendo gerado através de um risco que tomamos ao executar alguma ação como dirigir um carro, ou andar de bicicleta, mas sim pelo fato de estarmos andando com o pé descoberto, ou com uma proteção anti-choques não tão eficiente (chinelos abertos, pantufas, sandálias, etc.)

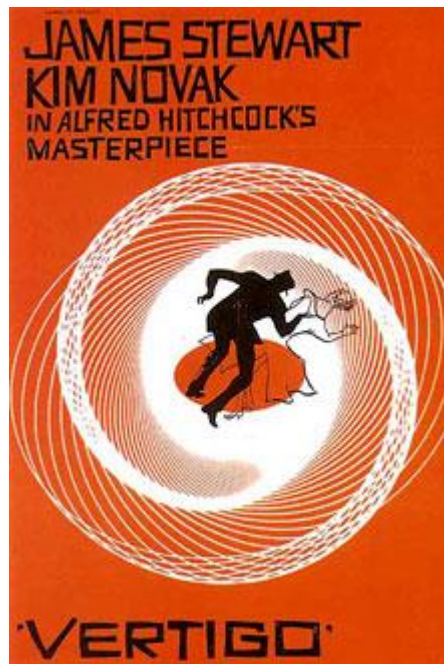
Andar, por si só, já é um elemento pertencente à cotidianidade exemplificada por Heller (2011) em sua análise do cotidiano, pelo fato de que o praticamos todos os dias de maneira inconsciente. Ao andarmos em nosso momento de relaxamento estamos ainda mais desarmados em relação à ação de um ódio cotidiano. Ao nos locomovermos (seja de um cômodo a outro de nossa casa, ou durante um passeio na praia por exemplo) com os pés desprotegidos corremos o risco de bater nosso dedo em algum objeto rígido, cujo conatus seja maior do que o de nosso dedo, o objeto no qual batermos nos causará o efeito de dor, o que constringirá o conatus de todo nosso corpo, e por nos infligir dor esse ódio cotidiano tem o potencial de reduzir nossa potência de agir por um tempo prolongado (pelo tempo em que tivermos de conviver com a dor gerada) Esse encontro gerará um afeto-paixão de ordem triste em nós, o que fará que atribuamos a causa desse afeto ao objeto com o qual interagimos.

Esse ódio cotidiano tem também a característica de ser imprevisível porque não esperamos que aconteça em momento algum, sabemos portanto os efeitos que causa em nosso corpo e sabemos a situação em que pode ocorrer, mas por estar inserido no desenvolvimento de uma ação tão intrínseca a cotidianidade (andar) não temos a capacidade para evitá-lo conscientemente. O que podemos evitar é a geração de um afeto-paixão no momento em que ocorre.

5.2.1 A ilustração "Odeio bater o dedo mínimo do pé em alguma quina"

A peça gráfica foi realizada na medida de uma folha A3 (297 x 420cm), usando técnicas mista de ilustração, como a vetorização e a pintura digital. A primeira etapa no desenvolvimento dessa ilustração foi a definição dos elementos presentes na imagem, foi decidido que seriam representados um pé humano prestes a se chocar com outro elemento.

Nesse momento a decisão a respeito do estilo foi tomada, sendo que optamos por utilizar como principal referência no desenvolvimento dos elementos o trabalho do designer gráfico norte americano Saul Bass (Figura 17), devido a predominância de retas e ângulos no desenvolvimento de suas imagens.



**Figura 17 - ilustração de Saul Bass
Cartaz para o filme
Vertigo (Um corpo que
cai) de Alfred
Hitchcock (1958)
Fonte: DESIGNMUSEUM, 2013**

Foram então elaborados croquis, que foram posteriormente digitalizados (Figura 18), então começou o processo de vetorização digital das imagens desenvolvidas manualmente. Foram vetorizadas nessa etapa a imagem do pé humano e do elemento que interagiria com o pé. Para a vetorização foi utilizado o software *Adobe Illustrator*.

As imagens vetorizadas foram então passadas para um novo documento (dimensões 297mmx420mm) no software *Adobe Photoshop*. Nesse software a imagem recebe uma camada de sombra através do filtro *Curves*, para que a sensação de volume em toda a composição seja maior. Também é adicionada a tipografia, que assim como os outros elementos da imagem é angulosa.



**Figura 18 - Croqui para a ilustração
"Odeio bater o dedo mínimo
do pé em alguma quina"**

Fonte: Aatoria própria

Acerca da composição da ilustração podemos afirmar que procuramos evidenciar a tensão entre os elementos presentes na situação. Para que conseguíssemos impregnar o espectador com essa tensão utilizamos linhas retas para desenhar tanto o pé, quanto o objeto que irá afetar negativamente o componente humano da ilustração. A maneira como estão organizados os elementos no cartaz também buscam evidenciar essa tensão, para fazer isso decidimos centralizar a imagem do pé, e colocar o objeto com o qual irá reagir no canto superior direito da ilustração, deixando o canto esquerdo sem nenhum elemento a fim de causar um desequilíbrio na composição. Ao afastarmos o pé do objeto, optamos por não demonstrar o exato momento do ódio cotidiano, representando assim o evento no instante imediatamente anterior à concretização da interação do pé com o objeto localizado no canto superior direito, instante esse

que não vemos conscientemente na maioria dos casos, isso faz com que o espectador crie uma expectativa sobre o desfecho da situação representada na ilustração, procurando despertar no espectador além disso trás a lembrança de uma situação igual que tenha vivido. Tanto a forma, quanto a composição fazem com que os elementos presentes na ilustração tenham entre si relações dissonantes.

Para que houvesse uma maior identificação com a situação, o elemento no canto superior direito não possui uma forma que lembre diretamente um utensílio presente em nosso cotidiano (mesa, cadeira, etc.), isso faz com que o observador não limite-se a definir o ódio cotidiano em questão como a interação entre o fator humano e um objeto específico, mas sim generaliza a situação para a interação entre um pé, e um objeto rígido.

As cores escolhidas, tons de vermelho e laranja, contribuem para aumentar a tensão do espectador em relação a obra sendo que a utilização do branco para o texto e as unhas é utilizado para atrair o olhar na direção destes dois elementos e para oferecer um descanso visual em uma composição onde o vermelho é o tom predominante. O título serve como um guia textual para a imagem, pois com o título “Rota de Colisão” estamos descrevendo a ilustração com poucas palavras, conseguimos assim facilitar o entendimento da obra e a relação com a situação contida nela.



Figura 19 - Ódios cotidianos - Odeio bater o dedo mínimo do pé em alguma quina
Fonte: Autoria própria

5.3 ODEIO QUANDO O PÃO CAI COM A GELEIA PRA BAIXO

Esse ódio cotidiano tem origem em uma situação comum, e por descuido do próprio indivíduo. Ao passar algum produto em uma fatia de pão (tomamos o pão como referência, mas poderiam ser outros itens, como uma bolacha, por exemplo), o sujeito por descuido acaba por derrubar a fatia no chão.

Apesar do indivíduo poder tomar algumas medidas para evitar o ódio, como usar um suporte para evitar a queda da fatia de pão, ainda existe a possibilidade da queda. De certa forma a percepção se altera a partir do momento que a fatia perde o contato com a mão e começa a trajetória em direção ao chão. Nos poucos segundos onde a fatia encontra-se no ar, antes de atingir o solo, alguns afetos-paixão de sentidos opostos agem sobre o sujeito, por exemplo: a esperança de que o pão caia com a geleia para cima, e o medo que caia com ela para baixo, juntamente com isso uma sensação de incapacidade de alterar o que irá acontecer a seguir.

Se por um acaso a fatia de pão cai com a geleia para cima, uma sensação de alívio e o afeto-paixão da felicidade ira agir sobre o sujeito. Caso o contrário aconteça, o afeto-paixão do medo transforma-se em raiva, e cria-se o ódio cotidiano. Além de o produto ser descartado, o indivíduo ainda vai ter que limpar o chão, que se torna mais trabalhoso, pois a geleia e a manteiga tendem a se espalhar mais, e terá que passar o produto novamente em outra fatia de pão para assim poder degustá-lo.

5.3.1 A ilustração "Odeio quando o pão cai com a geleia pra baixo"

Para a criação dessa ilustração pensamos em referenciá-la a um universo de comunicação, como informação para quando acontecer. Pensou-se nos folhetos de comunicação de casos de emergência em aviões, por exemplo, onde são explicados em forma de ilustrações como os passageiros devem reagir em situações extremas (Figura 20). Para tanto a ideia era reproduzir de alguma forma a situação e transformá-la em desenho.

Primeiramente convidamos alguns amigos e produzimos fotos (Figura 21) reproduzindo a situação de um pão caído no chão e tentando uma interpretação dramática, como se naquele momento o pão caído no chão representa-se algum ente querido sofrendo um acidente. Tentamos transformar um acidente corriqueiro em uma tragédia.

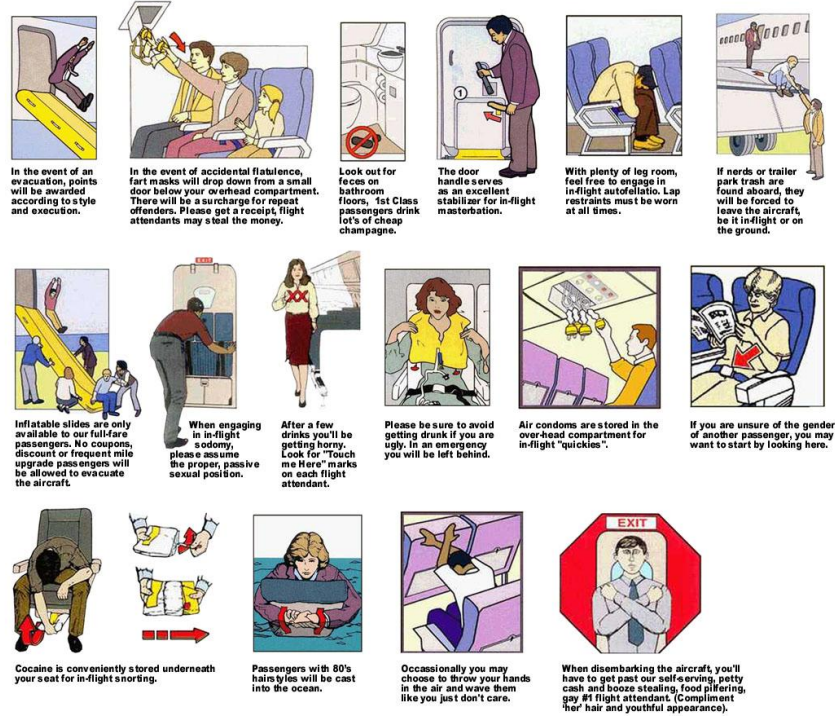


Figura 20 - Informações de segurança em aviões
Fonte: DOBLELOL, 2013

Após a realização das fotos desenhamos os personagens no programa *Adobe Photoshop* usando a ferramenta caneta para criar os contornos, e o pincel para colorir. Foram usadas cores chapadas simulando a colorização realizada nos folhetins de segurança.



Figura 21 - Fotos produzidas representando a situação
Fonte: Autoria própria

Para a finalização do desenho decidimos alterar a escala da fatia de pão, bem como a quantidade de geléia, tirando assim a situação da normalidade, pois quando o pão cai com a geléia para baixo, a diminuição grande do conatus, faz parecer com que a situação seja irreversível e de uma gravidade superior a que realmente é, o que só conseguimos perceber quando nos distanciamos da realidade. Além disso, ao fundo adicionamos em várias línguas a expressão "por quê?", remetendo novamente a uma situação irreversível e universal, onde o conhecido está ajoelhado aos prantos próximo ao ente querido morto.



Figura 22 - Ódios cotidianos - Odeio quando o pão cai com a geleia pra baixo
Fonte: Autoria própria

5.4 ODEIO QUANDO TROCO DE FAIXA NO TRÂNSITO E ESSA FAIXA PARA DE ANDAR

Esse ódio cotidiano tem como pré-requisito para acontecer a inserção do indivíduo na esfera social conhecida como trânsito, isso porque para que sofra a ação desse ódio cotidiano, o indivíduo tem de ter um como um elemento de sua vida cotidiana a interação com os elementos componentes dessa esfera como carros, ruas, semáforos, etc.

O ódio cotidiano acontece quando o indivíduo está parado em um congestionamento em uma via que possua mais de uma faixa de tráfego (Figura 23), começa então a observar que a fila ao lado está movendo-se a uma velocidade maior e decide trocar de faixa para que possa também avançar. Porém ao tomar essa atitude, a faixa de onde saiu começa a andar e a faixa na qual está fica parada, é nesse momento que ocorre a ruptura com a cotidianidade e o indivíduo é acometido por um ódio cotidiano, tendo então seu conatus diminuído pela ação de um afeto triste. O efeito dessa situação no conatus do indivíduo pode ser potencializado por fatores como a temperatura do ambiente (pode ser mais ou menos desconfortável permanecer no carro), a pressa do indivíduo em chegar ao seu destino, dentre outros fatores que compõem ou influenciam a esfera social do trânsito. A redução no conatus do indivíduo permanecerá até o momento em que se verá livre do congestionamento, ou devido ao conformismo perante a situação.



Figura 23 - Tráfego de São Paulo
Fonte: UOL, 2013

Esse ódio pode afetar o indivíduo repetidamente em um curto espaço de tempo, levando em conta o fato de que ele pode trocar de faixas diversas vezes, podendo assim experimentar um grande número de variações em seu conatus em um curto espaço de tempo.

5.4.1 A ilustração "Ódio quando troco de faixa no trânsito e essa faixa para de andar"

O cartaz foi confeccionado nas medidas 297 mm x 420 mm, utilizando a técnica de desenho manual e pintura digital. Para essa ilustração a dificuldade enfrentada é que o ódio cotidiano não é causado por um objeto específico, mas numa interação feita no ambiente no qual estamos exercendo nossa cotidianidade. Portanto, o primeiro passo na elaboração da ilustração, foi a definição da forma como seria representada essa variação no conatus. Escolhida essa forma, foram produzidos alguns esboços para que pudesse ser definida com a melhor técnica para a execução da obra.

A partir de um dos esboços uma ilustração a lápis no tamanho A3 (Figura 24) foi produzida com todos os elementos da composição, uma camada de nanquim foi aplicada no desenho, utilizando-se dos tamanhos 03, 04 e 08 para diferentes espessuras no traço.

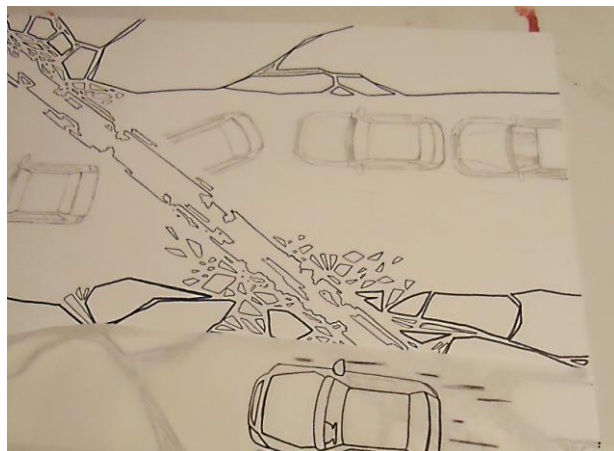


Figura 24 - Croqui para a ilustração "Ódio quando troco de faixa no trânsito e essa faixa para de andar"

Fonte: Autoria própria

Esse desenho foi então digitalizado e inserido em um documento do *Adobe Photoshop* com as medidas 297 mm x 420 mm. O carro presente na ilustração original foi então reproduzido diversas vezes de maneira a criar a impressão da monotonia do trânsito. O resultado é uma imagem em preto e branco com uma frota de carros representando o trânsito.

A essa imagem foram aplicados diversos filtros para reduzir as imperfeições do traço e limpar alguma eventual imperfeição, tanto no processo de produção do desenho, como no processo de digitalização.

A partir dessa imagem já editada é que começou o processo de colorização, e nesse momento que a escolha das cores que viriam a compor as imagens foram decididas. A intenção com a paleta determinada é evidenciar o momento no qual acontece a ruptura desse cotidiano, utilizando cores frias para a representação dos carros e cores complementares para os elementos interagindo entre si. Para complementar o trabalho de colorização foram utilizadas texturas, gradientes e sombras para destacar os elementos nela presentes.

Com os componentes da técnica de produção explicados, podemos avançar para a explicação da composição da imagem, para isso vamos analisar primeiramente os carros. Na ilustração (Figura 25) todos são iguais para evidenciar a repetição e monotonia do trânsito, sendo que a faixa localizada mais para a esquerda está parada, enquanto a da direita avança mais rapidamente. Próximo ao centro da ilustração temos um dos carros cruzando de faixas, e é a troca de faixa que gera o ódio cotidiano.

A variação em nosso conatus que é gerada a partir da troca de faixas é representada pela faixa verde que cruza toda a composição e tira o indivíduo de sua cotidianidade. A vida cotidiana é representada pelos elementos predominantemente magenta que atuam como um delimitador da rua, e que com a variação do conatus causada pela ação de um ódio cotidiano sofrem uma ruptura. Portanto, nessa imagem temos representado o momento no qual ocorre a variação do conatus.

Para a representação desses dois elementos (a variação e o cotidiano) foram escolhidas cores complementares, que quando inseridas em uma mesma composição geram o que é chamado por Michel-Eugène de Chevreul de contraste misto, conforme evidenciado por Luciana Martha Silveira (SILVEIRA, 2011) em sua obra. Ao nos utilizarmos desta técnica de utilização das cores procuramos evidenciar a tensão ocorrida no momento em que somos retirados da cotidianidade. A faixa que

representa a variação também procura definir a sequência de acontecimentos no decorrer desse ódio cotidiano. Pois, temos no topo da imagem a fila de carros da esquerda parada e a da direita se locomovendo, no momento em que troca de faixa o carro cruza o elemento verde, representando o momento de alteração de seu conatus, e após a troca temos a faixa da direita parada e a da esquerda se locomovendo.

Temos então nessa imagem, a representação do momento no qual nosso conatus é afetado.

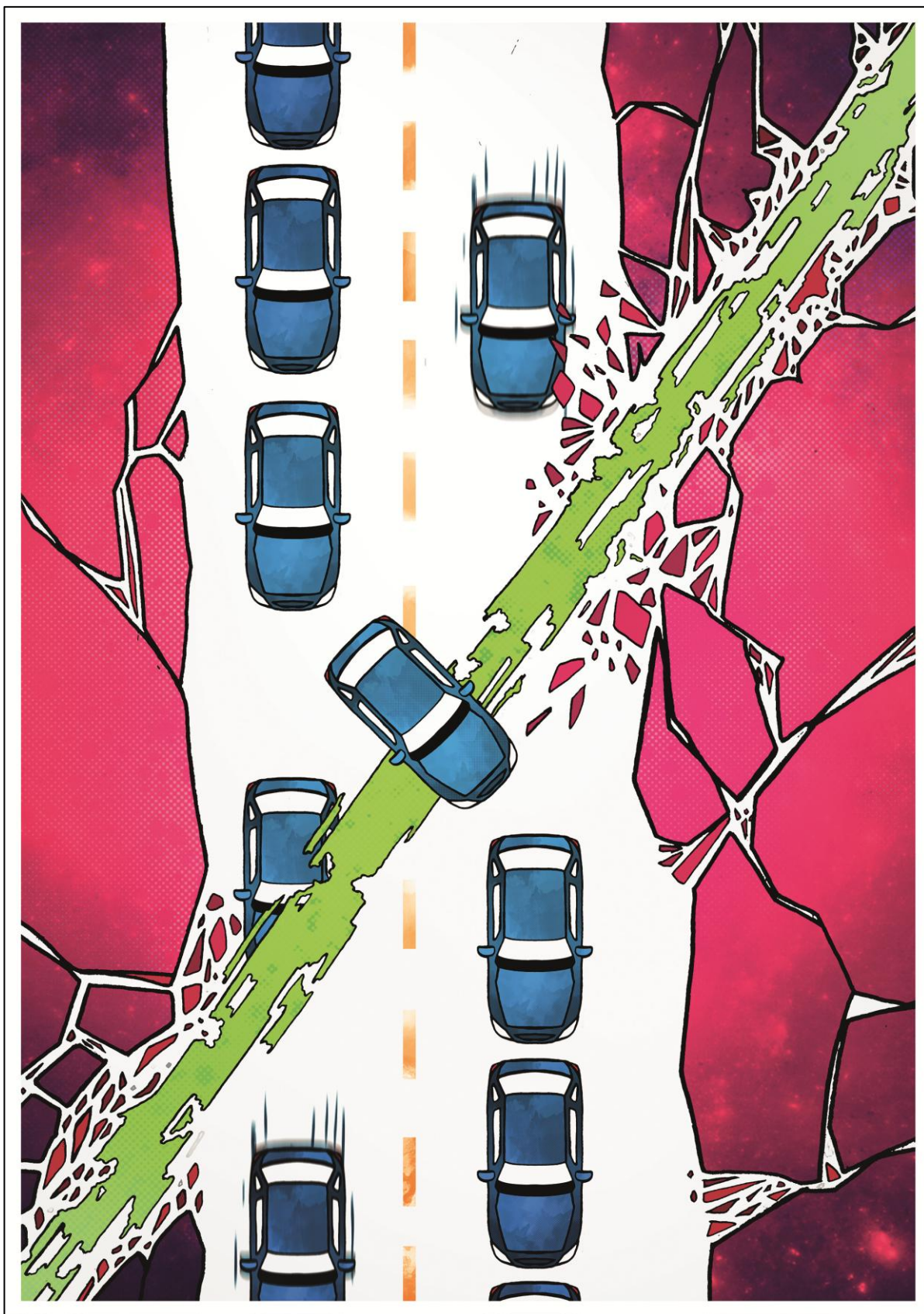


Figura 25 - Ódios cotidianos - Odeio quando troco de faixa no trânsito e essa faixa para de andar

Fonte: Autoria própria

5.5 ODEIO QUANDO CAI UM PINGO DE CHUVA NO MEU CIGARRO

A situação que gera esse ódio depende de vários fatores, mas mesmo assim acaba por ser muito comum. O indivíduo "A" fumante, decide acender um cigarro, nesse momento ele dirige-se a um lugar aberto para assim não incomodar os não fumantes. Entende-se aqui que, para um fumante, o cigarro gera uma variação do conatus positiva, ou seja, um relaxamento e possível afeto-paixão de felicidade, nesse momento do seu cotidiano o fumante tenta sair do próprio ambiente cotidiano e dedicar um tempo para o cigarro.

O cigarro possui uma grande quantidade de substâncias que além de psicologicamente afetam fisicamente o usuário, o que gera uma situação onde o fumante está com o seu conatus positivo, ou basicamente neutro. Por motivos inesperados pode acontecer de uma gota de água cair no cigarro do fumante, seja por chuva ou goteira. Essa gota pode apagar a brasa, ou tornar a estrutura do cigarro frágil, e quebradiça. Nesse momento o conatus pode sofrer uma diminuição aguda, pois o fumante tende a confrontar a realidade com probabilidade, como por exemplo, a superfície do cigarro ser muito pequena.

Após isso acontecer o fumante tende descartar o cigarro afetado pela gota de água, e acender mais um, criando assim um afeto-paixão de esperança de que possa terminar o cigarro sem que nenhuma gota de água interfira.

5.5.1 A ilustração "Ódio quando cai um pingo de chuva no meu cigarro"

O cigarro apesar de ter sua venda controlada, mas livre, possui toxinas prejudiciais a saúde, inclusive substâncias cancerígenas. Sendo assim pensamos que deveríamos junto com a ilustração do ódio cotidiano, buscar alguma informação extra, para agregar valor à ilustração. Decidimos assim fazer um infográfico sobre o cigarro podendo assim também explicar o desenho para o observador. É comum usar-se de artifícios visuais para explicar os males do cigarro, seja nas embalagens ou em próprios gráficos demonstrativos e percentuais, a imagem do cigarro é sempre referenciada (Figura 26).

Mesmo com as referências visuais sobre cigarro, e o tema ódio, decidimos não usar imagens pesadas na ilustração. Como referência de estilo pensamos nos infográficos da designer chinesa Jing Zhang. Em seus infográficos (Figura 27), a designer coloca um ar lúdico em conjunto com as informações transformando os objetos em mini-estruturas onde personagens imaginários vivem e realizam trabalhos, além de aplicar a composição cores vivas e adicionar o aspecto de três dimensões.



Figura 26 - Infográficos usando cigarros
Fonte: UMA, 2013

Para a ilustração foi então feito um croqui e a vetorização do desenho, representando o cigarro como uma usina onde existe a combustão e transporte de materiais. Nas camadas externas do cigarro o bastonete continua sendo do material original (tabaco e papel), mas nas camadas internas é a onde a usina funciona.

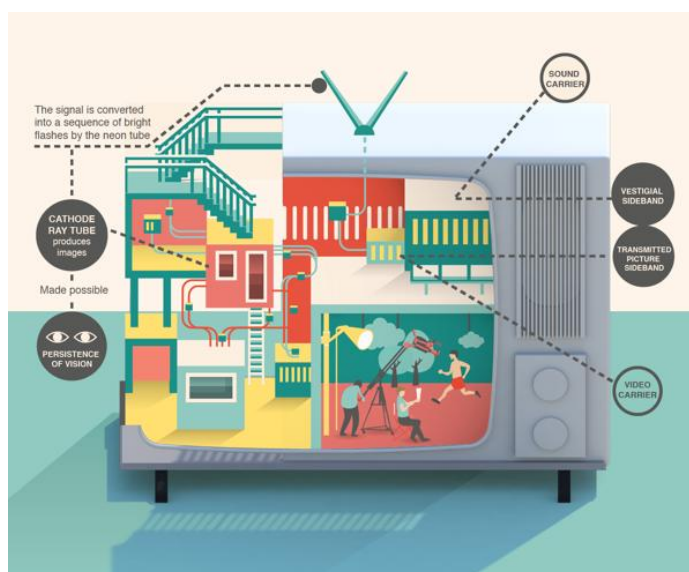


Figura 27 - Infográfico de uma televisão feito por Jing Zhang
Fonte: BEHANCE, 2013

A partir dessa imagem realizou-se a conceituação da situação, a água entra no cigarro e causa a infiltração na usina, transformando a rotina cotidiana em caos, com água nos andares, não há combustão e o trabalho é interrompido.

Além do ódio em si foram adicionadas informações reais sobre a queima do tabaco no cigarro, informações retiradas do site da revista Super Interessante (2013). Foi usado o cigarro como divisória das informações reais, e as relacionadas aos “ódios cotidianos”.

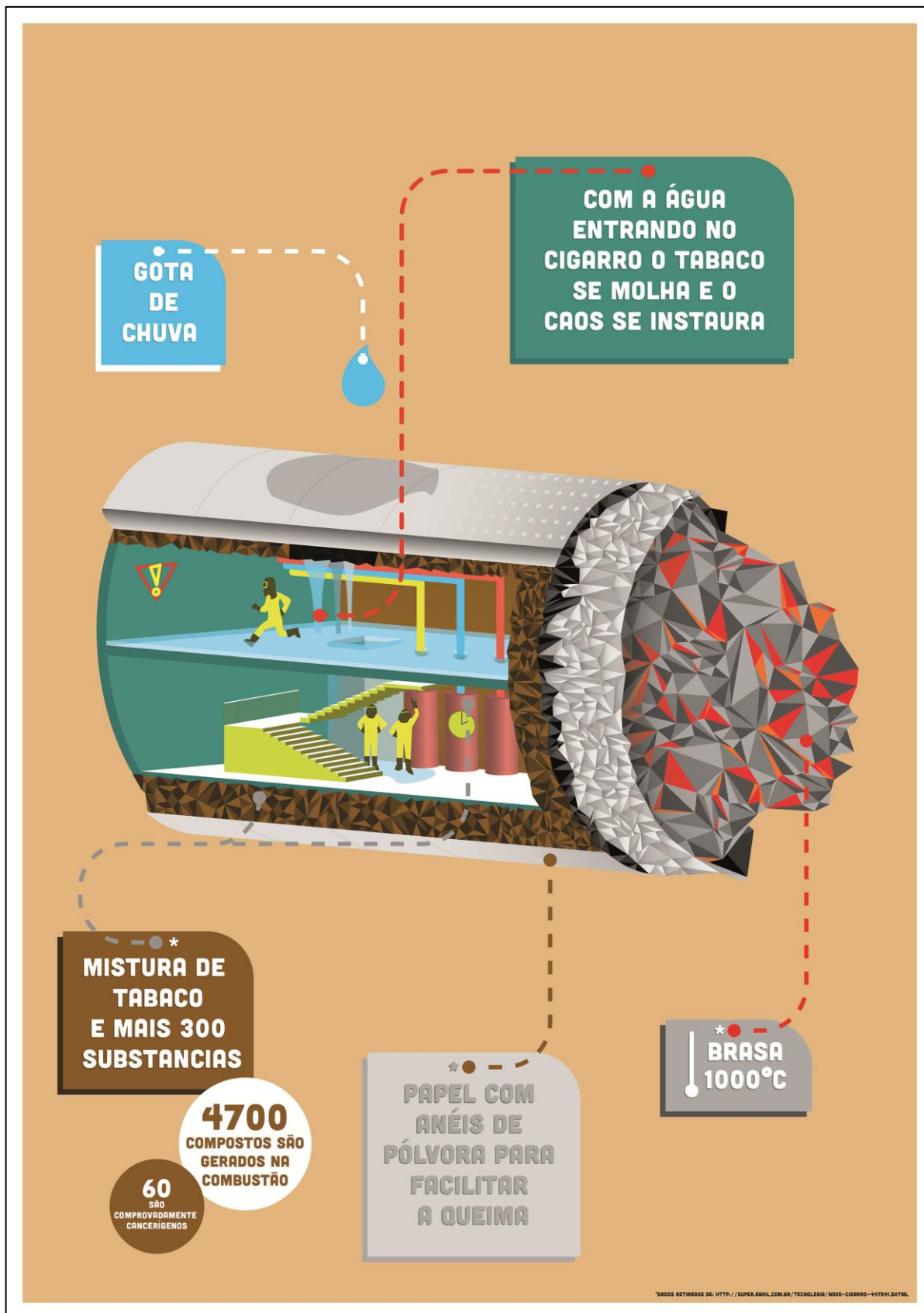


Figura 28 - Ódios cotidianos - Odeio quando cai um pingo de chuva no meu cigarro
 Fonte: Autoria própria

5.6 ODEIO QUANDO O PAPEL HIGIÊNICO ACABA

O ódio cotidiano “odeio quando o papel higiênico acaba” acontece quando após a utilização do banheiro notamos a ausência desse material de higiene pessoal do ambiente no qual estamos, importante ressaltar que as pessoas só serão afetadas pela ausência do papel higiênico caso façam o uso regular desse utensílio, então em sociedades onde é substituído por outros elementos, o ódio em questão não existe.

O momento de alteração do conatus é quando o indivíduo percebe a ausência do material, e a variação pode ser mais intensa ou mais branda dependendo de fatores como o ambiente onde está o indivíduo, a possibilidade de métodos alternativos para a mesma função, a existência de mais rolos de papel higiênico em algum lugar próximo, por exemplo: o “indivíduo A” percebe que o papel higiênico de seu banheiro acabou, por estar inserido em um ambiente no qual se sente confortável a variação de seu conatus é menor, mas ao lembrar-se de que não tem mais rolos de papel higiênico e que a água de sua casa foi cortada experimenta uma variação bem mais aguda em sua potência de agir.

A variação em seu conatus tende a durar até o momento no qual resolver seu problema de higiene pessoal, isso porque se não considerar a falta de higiene um problema, não seria afetado por esse ódio específico.

5.6.1 A ilustração "Odeio quando o papel higiênico acaba"

A ilustração para o ódio “odeio quando acaba o papel higiênico” foi desenvolvida para o tamanho A3 (297 mm x 420 mm), utilizando a técnica de desenho manual e pintura digital. A ideia inicial foi definida e os elementos que iriam compor a ilustração foram selecionados (um rolo de papel higiênico e uma mão humana). A partir desse momento começaram a ser desenvolvidos croquis para estabelecer o estilo no qual a ilustração seria feita. Para evidenciar o afeto triste causado pela situação, bem como focar os elementos da ilustração, foi decidido pela utilização apenas das cores preto e branco, com essa definição feita o

direcionamento estilístico foi afunilado sendo que as principais inspirações são as obras de Robert Crumb, um quadrinista dos Estados Unidos da América que tem como característica marcante seu trabalho com ilustrações em preto e branco (Figura 29).



Figura 29 - Obras de Robert Crumb "América" e "American Splendor"
Fonte: Autorial própria

A versão final do desenho a lápis recebeu uma camada de nanquim para as linhas, e os detalhes da mão e do rolo de papel higiênico foram feitos utilizando-se das técnicas de pontilhismo e hachuras, nesse caso a arte final do desenho foi feita com uma caneta nanquim com ponta tamanho 04 e 02 dependendo do tamanho da área a ser preenchida.

Essa imagem foi então digitalizada, recebendo uma série de filtros para eliminar imperfeições e pequenos erros na arte final do desenho. A ilustração final teria a palavra “Não” repetidas vezes, fazendo uma ligação entre o rolo de papel higiênico e a mão, porém, no desenho final essa repetição de palavras foi substituída por uma tira de papel, bem como o suporte do rolo de papel higiênico foi aprimorado (Figura 30).



Figura 30 - Croquis para a ilustração "Odeio quando o papel higiênico acaba"
Fonte: Autorial própria

Esses elementos foram então digitalizados e inseridos em um documento do software *Adobe Photoshop* com as proporções de 297 mm x 420 mm, O fundo da ilustração foi então pintado de preto, sendo que a região onde o papel é rasgado foi deixada em branco, para ajudar a construir a tensão da situação demonstrada. Essa faixa da cor branca foi feita com o auxílio da ferramenta “*brush*” do photoshop, programada de maneira a simular uma pincelada de um pincel. Posteriormente foram aplicadas sombras na cor cinza no papel esvoaçante, na mão e no rolo de papel higiênico para aumentar a sensação de volume dos objetos.

Na representação do rolo de papel higiênico, uma face com feições humanas foi inserida a fim de representar uma expressão de aflição, essa escolha visa evidenciar o desconforto durante o acontecimento desse ódio cotidiano, além de adicionar um elemento de humor à ilustração. A escolha de adicionar um rosto a um objeto inanimado também procura evidenciar a teoria de Spinoza (2002) de que todos os elementos com os quais interagimos durante nossa vida possuem um *conatus* próprio. Baseados nesse preceito acerca do *conatus*, podemos entender que assim como a falta de papel higiênico altera o *conatus* do indivíduo, também reduz o *conatus* do rolo de papel, que perde sua função e é descartado.

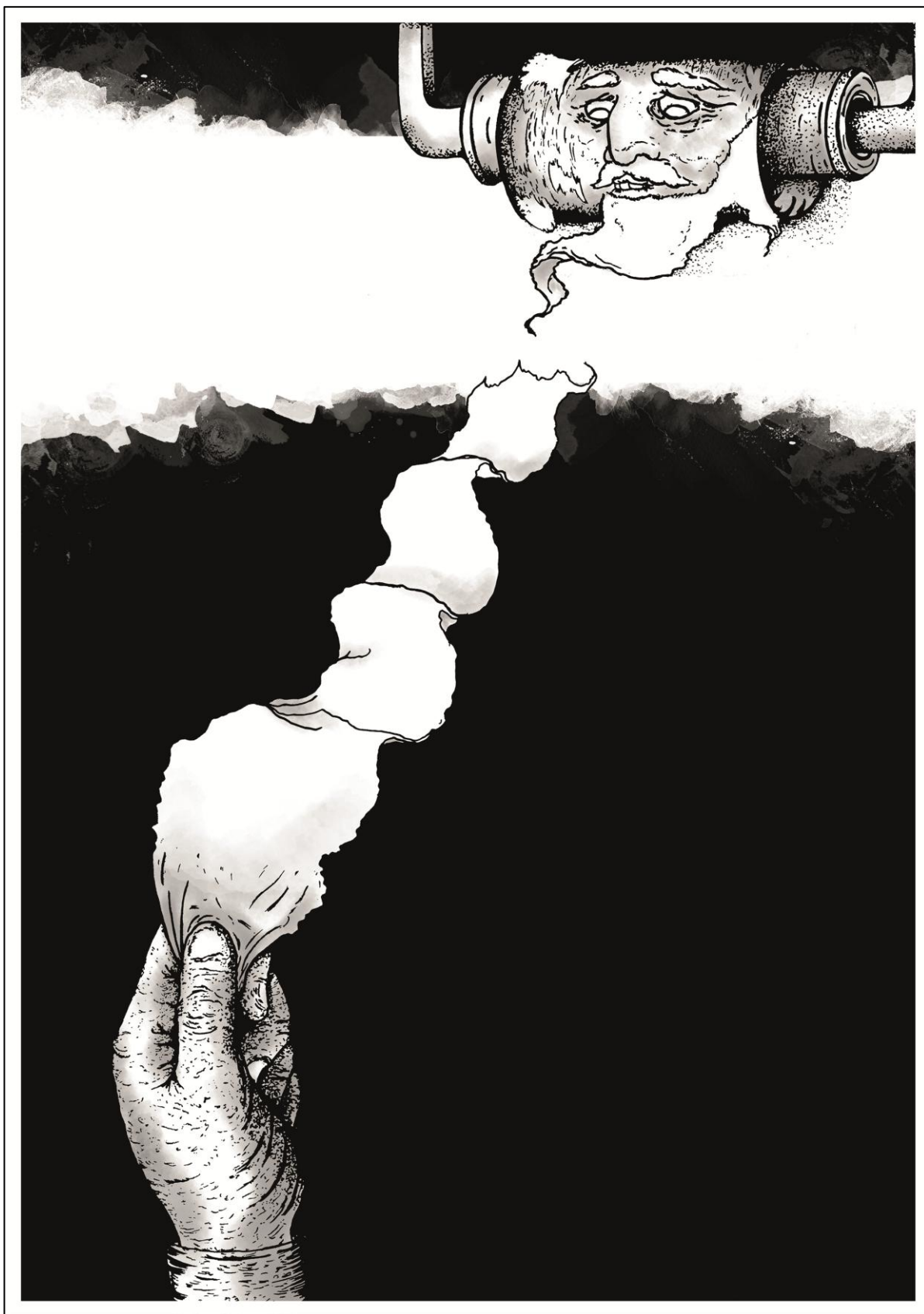


Figura 31 - Ódios cotidianos - Odeio quando o papel higiênico acaba
Fonte: Autoria própria

5.7 ODEIO PEGAR ELEVADOR LOTADO

Presente no cotidiano de muitas pessoas seja no trabalho ou na moradia o elevador pode causar variação no conatus de uma pessoa naturalmente, o ambiente fechado, por exemplo, pode gerar claustrofobia¹³ em algumas pessoas, além do medo de ficar trancado nele em caso de queda de energia, ou, em caso dele ser aberto, medo de altura (Figura 32). Mas uma das situações mais corriqueiras é simplesmente o elevador estar lotado.



Figura 32 - Elevador de vidro no maior arranha-céu de Chicago
Fonte: VOCÊ REALMENTE SABIA, 2013

A alteração do conatus nessa situação pode ocorrer de varias formas, o fato de você ter que socializar com outras pessoas pode ser um incomodo, ter que se "espremer" para entrar, ou ainda ter que esperar um próximo elevador o que pode gerar, como vimos no item 2.3, o afeto da esperança, de que ele esteja vazio, ou o medo, de que esteja novamente cheio. Em todas essas situações o conatus não só do passageiro que deseja entrar é alterado, nesse caso como existem outras pessoas envolvidas, vários conatus serão alterados.

¹³ Claustrofobia: Medo mórbido da clausura ou dos pequenos espaços. (MICHAELIS, 2013)

5.7.1 A ilustração "Odeio pegar elevador lotado"

O cartaz (Figura 36) foi produzido no tamanho A3 (297 mm x 420 mm), utilizando apenas o croqui no papel (Figura 33) e finalizando-o através da ferramenta *Adobe Photoshop* o primeiro pensamento ao se pensar em um elevador cheio foi a expressão "apertado como uma lata de sardinha" (Figura 34), que conota um lugar extremamente apertado e cheio, de onde só se pode retirar coisas.

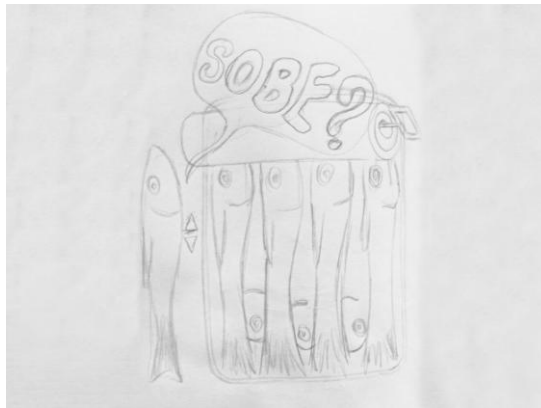


Figura 33 - Croqui para o cartaz Odeio pegar elevador lotado
Fonte: Autoria própria

Nesse aspecto, apesar da variação de conatus ser negativa, a expressão citada referencia a algo com tom cômico se for levada ao pé da letra. A partir daí imaginamos criar a ilustração com um ar de Pop art, movimento artístico que brinca com referências da cultura pop, muitas vezes retiradas do seu contexto, para representar e criticar a produção contínua e repetitiva.



Figura 34 - Lata de sardinha
Fonte: BEMSIMPLES, 2013

Como expoente nesse estilo Podemos citar Roy Lichtenstein (Figura 35), artista Estadunidense que tem como características relevantes em sua obra cores bem definidas (assim como elas expressas em retículas), contornos bem definidos, e balões de textos (muitas vezes com onomatopeias), representando um momento de uma historia em quadrinhos.



Figura 35 - Obra de Roy Lichtenstein
Fonte: WALART101, 2013

Decidimos então expressar esse ódio como uma obra de pop art, onde o individuo que deseja pegar o elevador é só mais uma sardinha tentando entrar na lata. Para isso após o croqui (Figura 33) digitalizado, foi usado a ferramenta caneta no *Adobe Photoshop* para vetorizar os contornos, e depois de feita a colorização foi aplicado o filtro meio tom em cores, para assim termos a noção de retículas aparente.

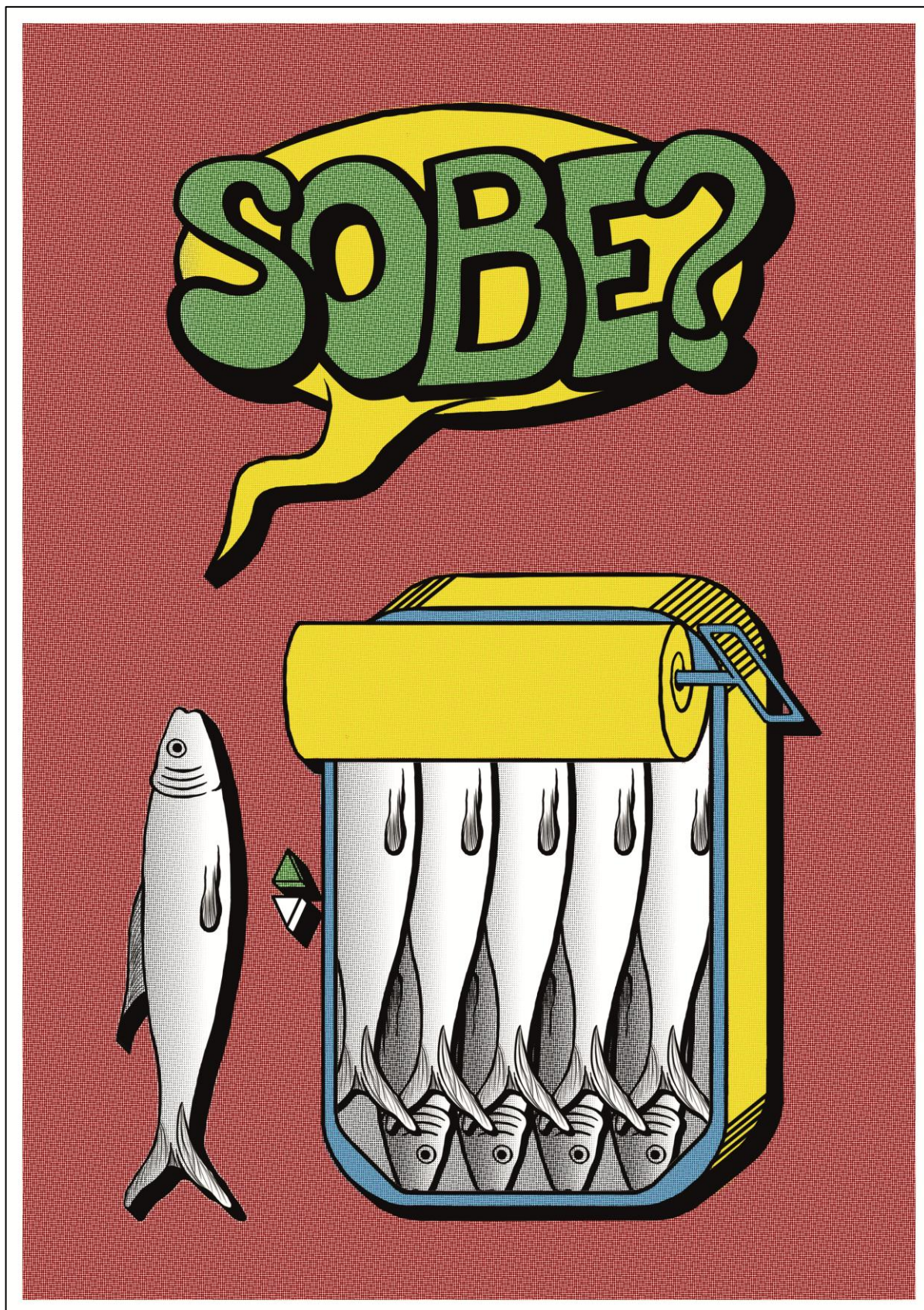


Figura 36 - Ódios cotidianos - Odeio pegar elevador lotado
Fonte: Autoria própria

5.8 ODEIO QUANDO NÃO PERCEBO UMA SUJEIRA EM MEU DENTE

O acontecimento desse ódio se dá no momento em que um indivíduo com o qual estamos interagindo repara na existência de alguma sujeira em nossa dentição e nos comunica do acontecido, podemos então ser tomados por uma série de afetos tristes como a raiva, o constrangimento, o ódio, a tristeza, entre outros. Note-se que para Spinoza (2002) não podemos direcionar um afeto triste a nós mesmos, então tendemos a atribuir a causa da redução em nosso conatus ao elemento que fez o indivíduo reparar em nossa boca, por exemplo: o indivíduo “A”, come um bombom recheado com chocolate cremoso, e um resíduo desse chocolate fica em um de seus dentes, então o indivíduo “B” se aproxima e os dois começam um diálogo, o indivíduo B comunica o indivíduo A da sujeira em seu dente, nesse ponto o conatus de A é reduzido, e o afeto triste será gerado em relação ao chocolate que comeu (que acabou por grudar em seu dente), e não em relação ao próprio indivíduo A, que não havia visto a sujeira.

Esse ódio pode ter origens diferentes presentes em nossa vida cotidiana, sendo algumas delas listadas aqui: podemos comer algum alimento que deixe um resíduo em nossos dentes, podemos tentar abrir algo com o dente e terminar com um pedaço desse objeto exposto em nossa dentição, ou sujar acidentalmente ao passarmos a mão suja com alguma substância em nossa boca.

A redução no conatus do indivíduo pode se manter por um tempo curto ou mais prolongado, dependendo da relação do indivíduo em relação ao interlocutor. O indivíduo que seja acometido por esse “ódio cotidiano” pode tanto limpar seu dente sujo e se ver livre da redução imposta em seu conatus, ou caso sinta-se constrangido na presença do indivíduo que reparou em sua boca pode ter seu conatus reduzido por um tempo maior.

5.8.1 A ilustração “Ódio quando não percebo uma sujeira no meu dente”

Para a realização da ilustração a respeito do ódio “Ódio quando não percebo uma sujeira no dente”, o primeiro passo foi a elaboração de esboços com

algumas ideias. Algumas opções envolvendo interações entre dois humanos foram levantadas, mas decidimos explorar um viés diferente, mostrando esse ódio cotidiano do ponto de vista de dois tubarões aos quais atribuímos as características humanas como o raciocínio e a comunicação através da fala (um tubarão branco e um tubarão martelo).

Um croqui da composição dos animais no cartaz foi feito, e imagens dos animais que estivesse em posições compatíveis com as representadas no esboço foram utilizadas como referência para a realização das ilustrações. Essas fotografias foram utilizadas para definir a forma geral dos animais, bem como o modo como a luz incidia em seu corpo em um ambiente subaquático.

Após a finalização dos desenhos a lápis, uma camada de nanquim foi aplicada às imagens. Enquanto para a forma dos animais foram utilizadas referências fotográficas, para a arte final a inspiração utilizada foi a obra do quadrinista Joe Sacco, que utiliza em suas ilustrações contornos grossos para a delimitação das imagens e hachuras para adicionar volume (Figura 37).



Figura 37 - Ilustração de Joe Sacco
Fonte: SACCO, 2005, p. 48

Os elementos foram desenhados separadamente (Figura 38) e posteriormente digitalizados e inseridos em um arquivo do software *Adobe Photoshop* do tamanho de 297 mm x 420 mm. Nesse documento, foram organizados

da maneira correspondente ao planejado no croqui, e pequenas alterações foram feitas para retirar algum erro ocorrido no processo de digitalização, ou algum borrão ocorrido na hora da arte finalização.



Figura 38 - Desenho em papel para a ilustração "Odeio quando não percebo uma sujeira no meu dente"
Fonte: Autoria própria

A partir da imagem gerada no *Adobe Photoshop* começamos a colorização, a primeira opção havia sido uma colorização em um tom apenas de vermelho (Figura 39), mas notamos que ao utilizarmos essa cor, acabávamos por perder o contraste entre ilustração e fundo, o que causava uma dificuldade na detecção dos elementos da composição.



Figura 39 - Primeira opção com cores
Fonte: Autoria própria

Optamos então pela técnica de pintura digital para a colorização dos tubarões, utilizando fotos de referência para a aplicação das sombras no corpo dos animais. Para a pintura da imagem foi utilizada a ferramenta *brush* com as configurações para se assemelhar a uma mancha de tinta, sendo que o efeito da textura da pele do tubarão foi feito utilizando essa ferramenta em conjunto com a técnica de pontilhismo.

O elemento preso nos dentes do tubarão martelo é um braço humano com um resto de tecido, a partir da boca do tubarão temos também uma mancha representando o sangue do braço. Para atrairmos o olhar do espectador para esse elemento de humor mórbido da imagem (que é o elemento que causa o ódio cotidiano no tubarão) utilizamos a cor vermelha. Seu contraste contra os tons de cinza e azul do tubarão e com o fundo na cor preta da imagem gera a tensão e o contraste necessários para definir o ponto inicial do ódio cotidiano retratado.

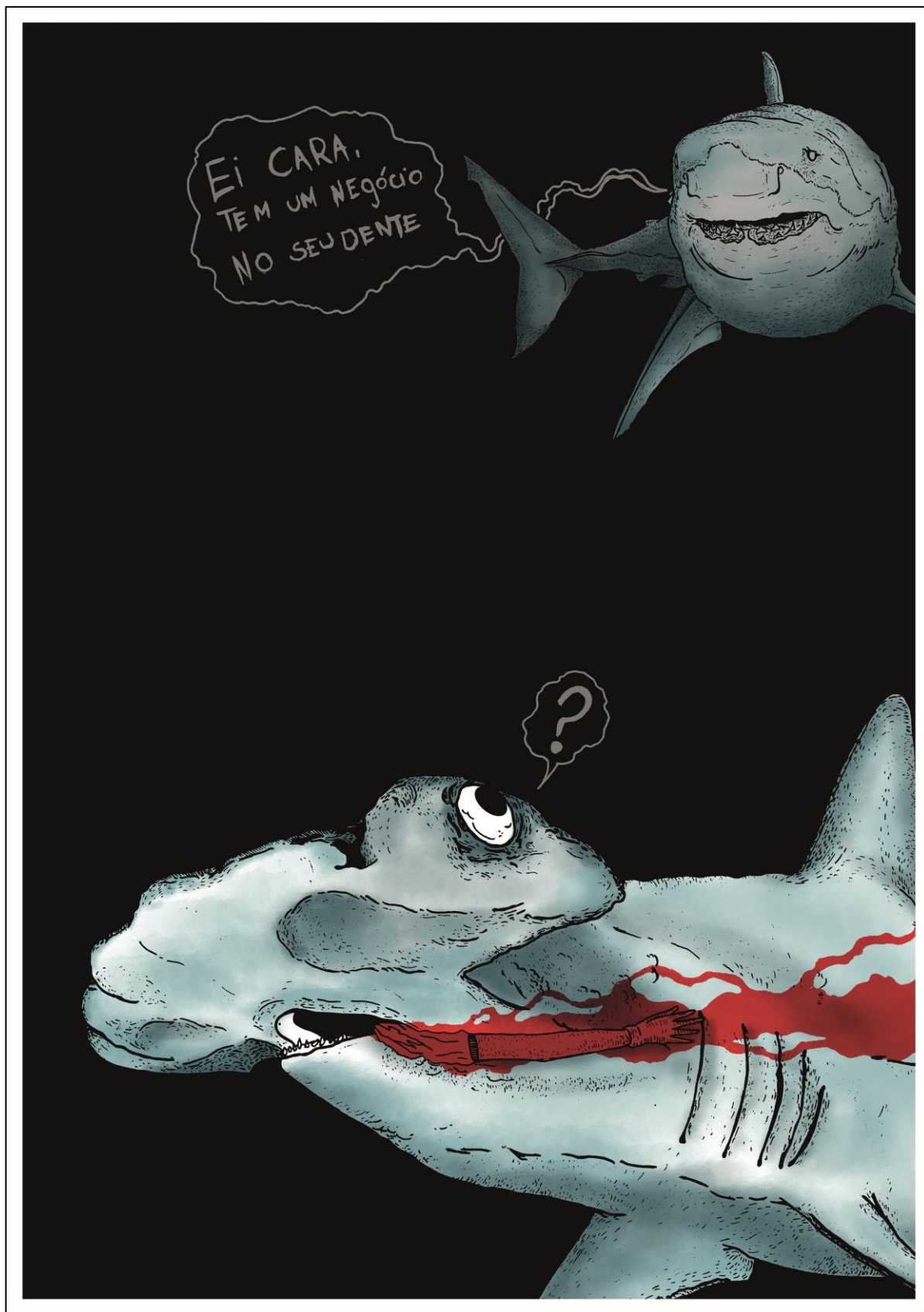


Figura 40 - Ódios cotidianos - Odeio quando não percebo uma sujeira no meu dente
Fonte: Autoria própria

5.9 ODEIO QUANDO ALGUÉM LIGA EU NÃO ATENDO, E QUANDO RETORNO A LIGAÇÃO A PESSOA NÃO ATENDE

Os celulares estão presentes no cotidiano a mais de uma década, e é por esse período de tempo longo que, apesar de útil em muitas circunstâncias, ele acaba por ser um diminuidor de nosso conatus. Os aparelhos de telefonia móvel foram inventados basicamente com essa função, ligar sem precisar de uma linha física, com o tempo e a evolução da tecnologia os aparelhos passaram a desempenhar outras funções, que começaram com o envio de mensagens de texto, mas se expandiram para gravações de áudio, captação de imagens através de fotos e vídeos, e na atual época com acessibilidade remota a internet podem ser considerados estações de trabalho remotas.

Devido a enorme quantidade de funções e a variabilidade de customizações que o usuário pode fazer em seu aparelho, as variações de conatus envolvendo os celulares são de uma significativa quantidade, que podem ir da mais simples perda de sinal para uma ligação, até a queda do aparelho no chão. Focalizando na função primordial do celular, a ligação, temos, por exemplo, a perda de sinal (como citado), ligação com estática, ruído, interferência, ou queda da própria ligação, uma ligação em um ambiente silencioso, como igrejas ou cinemas, etc.

Pegamos como situação de interesse para essa ilustração algo que acontece naturalmente e que afeta o conatus progressivamente do usuário, imaginemos dois indivíduos, "A" e "B" o primeiro deseja falar com o segundo portanto, liga para B no celular, ele, por sua vez, não pode atender o telefone naquele momento, e deixa tocar. Nessa situação temos que o sujeito A possuía o afeto-paixão de esperança que B atende-se, o que seria substituído por felicidade se isso acontece-se, mas como isso não aconteceu o afeto-paixão pode ter sido substituído por raiva, e de certa forma por um ódio cotidiano. Mesmo que essa situação irrite o sujeito A, não ter o telefonema respondido acaba por ser uma situação cotidiana também, e talvez o conatus do mesmo não seja tão afetado.

Continuando com o mesmo exemplo, o individuo B apanha o celular e percebe a chamada perdida, nessa situação vários afetos paixões podem acometê-lo. Se B, por exemplo, estava esperando a ligação, pode ser acometido por tristeza, se ao identificar a chamada perceber que não era alguém que gostaria de falar mas

era necessário, pode ser acometido por raiva, ou, digamos que, era uma ligação inesperada uma certa surpresa e curiosidade o afeta. Nesse momento B decide retornar a ligação, da mesma forma que o Indivíduo A na primeira ligação, o sujeito B é acometido por uma esperança que seja atendido, ao não ser atendido B acaba por transformar todos os afetos paixões envolvidos, como esperança, curiosidade, ou alegria, em desânimo, tristeza, inquietude, e até raiva.

De certa forma ao ligar e não ser atendido B fecha um ciclo, pois o indivíduo A irá perceber a chamada perdida e irá tentar entrar em contato novamente através de uma outra ligação recomeçando o ciclo. Apesar de vários afetos-paixões estarem envolvidos nessa situação configuramos como Ódio Cotidiano, todo o ciclo envolvido no exemplo, o fato de você saber que a pessoa quer falar com você, você desprender um tempo retornando a ligação e não obter sucesso na ação. Esse ciclo afeta o conatus dos dois envolvidos, podendo alterar de positivo para negativo em questões de segundos.

5.9.1 A ilustração “Ódio quando alguém liga eu não atendo, e quando retorno a ligação a pessoa não atende

Para representarmos o ódio que esse ciclo representa decidimos por não usarmos nenhuma forma muito abstrata, e sim tentar ilustrar da forma mais coesa todo o ciclo envolvendo os dois indivíduos. Ao analisarmos mais profundamente a situação, como fizemos no exemplo do item anterior, percebemos que o conatus dos dois envolvidos, sofre constantes alterações em todo o ciclo, sendo que há uma "troca" de afetos-paixões entre os dois. A esperança vira rapidamente tristeza, a felicidade se transforma em raiva, e essa troca irá continuar até que o telefonema seja atendido, ou outro método de comunicação seja escolhido.

Analisando novamente essa situação percebemos que existe uma dualidade inerente aos dois indivíduos, nenhum dos dois está totalmente afetado por um afeto-paixão, e o ódio cotidiano não está em não ser atendido, mas sim em todo o ciclo. Esse ciclo de dualidades remeteu ao símbolo taoista Yin-Yang (Figura 41), que descreve as duas forças fundamentais e complementares, que existem em todas as coisas. O Yin-Yang é usado para demonstrar que cada parte possui um

complemento e ao mesmo tempo ele é inerente a parte; por exemplo: o principio Yin representa a mulher, e o Yang o homem. O homem e a mulher são complementares se juntam para criar, por exemplo, a vida, mas ao mesmo tempo eles não são completos, o homem tem a sua parte mulher, vindo da sua mãe, e a mulher tem a sua parte Homem, vindo do seu pai.



Figura 41 - Representação gráfica do símbolo Yin-Yang
Fonte: Autoria própria

Partindo dessa referencia visual pensou-se na ilustração representando dois indivíduos, que de certa maneira tentam se comunicar, mas são infelizes na tarefa, sendo acometidos por afetos-paixões mais negativos do que o conatus atual. Pensou-se então em uma pessoa com uma chamada perdida no celular retornando a ligação. Saindo de um croqui digital foi vetorizado no programa *Adobe Illustrator* uma mão segurando um aparelho celular, pensando no próprio símbolo Yin-Yang decidimos que seria interessante se existissem dois celulares na ilustração representando os dois indivíduos (A e B) tentando se comunicar, e somando que os aparelhos de celular identificam as chamadas, pensamos em nomear a partir desse momento os dois personagens como Yin e Yang. Podemos ver essa evolução na Figura 42.

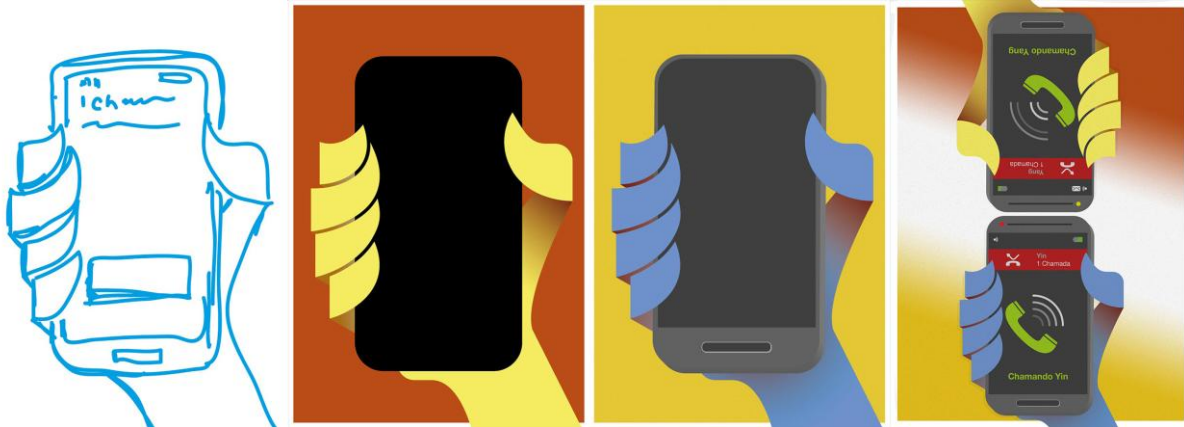


Figura 42 - Croqui digital e evolução da ilustração “Odeio quando alguém liga eu não atendo, e quando retorno a ligação a pessoa não atende”
Fonte: Autoria própria

Como podemos ver no ultimo estagio da Figura 42 pensava-se em colocar cores para dar um tom mais lúdico para a ilustração e os personagens, essas cores foram alteradas na versão final remetendo diretamente ao símbolo Yin-Yang. Entretanto outras características foram mantidas na versão final do cartaz: a ilustração funciona nos dois sentidos, ou seja, não existe um lado certo para ela, desde que ela esteja na vertical. E, estando na vertical, o observador pode reparar que as mãos saem da moldura, fazendo que no momento em que ele veja a ilustração ele faça parte do ciclo, com uma chamada perdida, e fazendo uma ligação, mas não sabendo exatamente o que se passa no sentido oposto.

Para finalizar foi aplicado uma camada de filtro *noise*, para dar o aspecto granulado e agregar mais valor ao branco na ilustração, seja no fundo, na moldura ou mão.

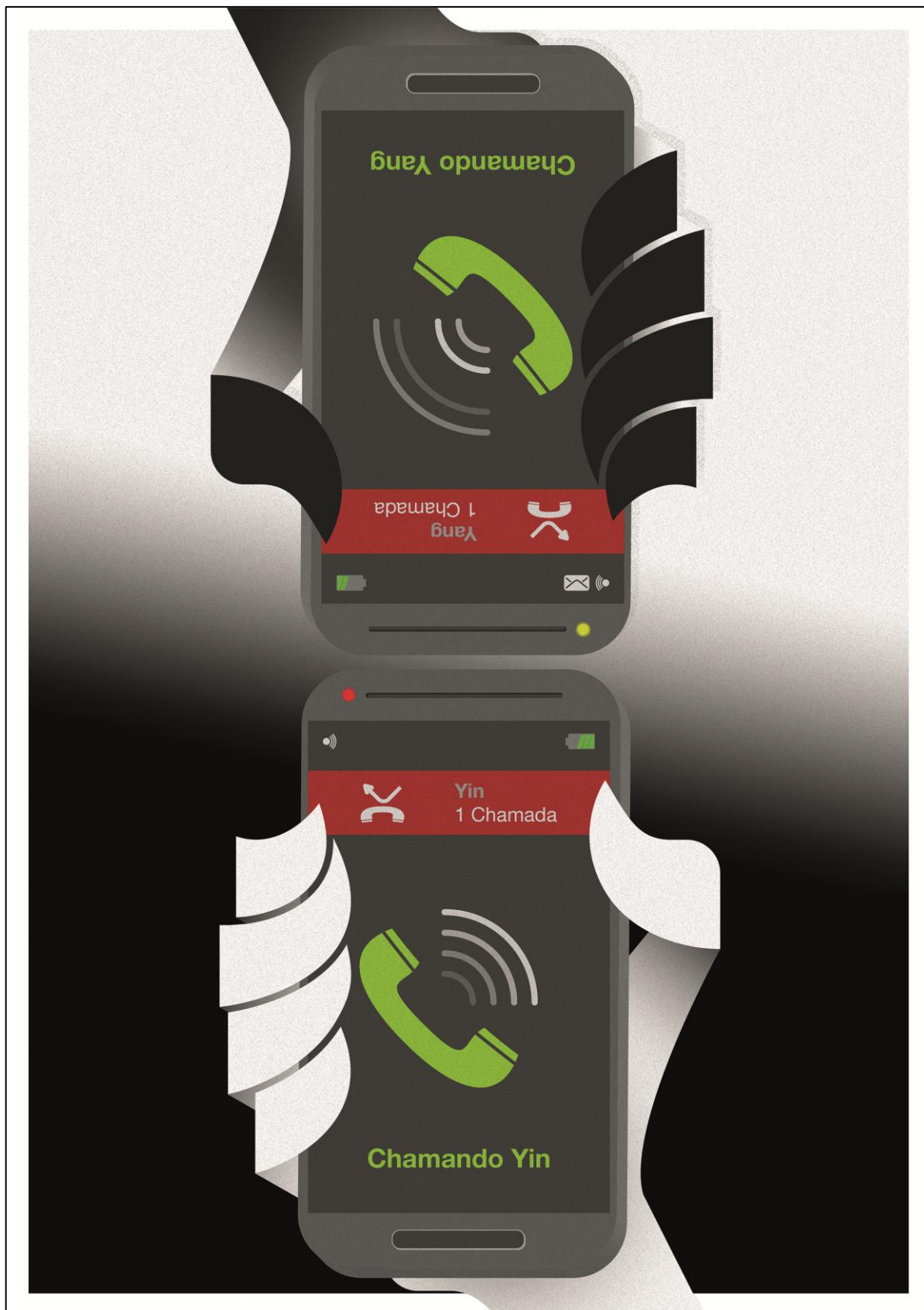


Figura 43 - Ódios cotidianos - Odeio quando alguém liga eu não atendo, e quando retorno a ligação a pessoa não atende

Fonte: Autoria própria

5.10 ODEIO QUANDO PEÇO CARNE AO PONTO E ELA VEM MAL PASSADA

Primeiramente devemos salientar que a descrição e explicação do “ódio cotidiano” em questão a ser exposta neste trecho de nosso trabalho se aplicam a qualquer cenário no qual você solicita a carne preparada de uma maneira, mas recebe outra, por exemplo: os preceitos gerais acerca desse ódio específico se aplicariam também ao ódio “odeio quando peço carne mal passada e me servem carne bem passada”. Com esse ponto salientado podemos prosseguir para a descrição desse ódio.

O requisito para o acontecimento desse “ódio” é que o indivíduo esteja inserido em um ambiente no qual possa solicitar seu alimento para um terceiro (garçom, familiar, amigo, etc.), portanto, seu surgimento depende da interação entre dois indivíduos. Somos acometidos desse ódio quando solicitamos o preparo de um pedaço de carne de uma maneira, mas somos servidos com outra, sendo que no ódio ilustrado em nosso trabalho o cenário era o seguinte: o “indivíduo A” solicita um pedaço de carne no ponto médio de preparo e é servido com um pedaço de carne mal passada.

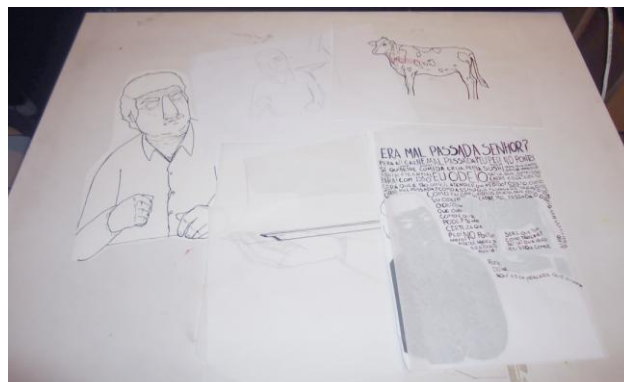
O surgimento desse “ódio” começa com o desejo da alimentação, o que nos motiva a solicitar um pedaço de carne, e baseado no gosto pessoal, solicitamos o ponto de preparo da carne (mal passada, no ponto médio de preparo e bem passada). A partir do momento no qual efetuamos o pedido, podemos ser tomados por afetos de medo e esperança ao mesmo tempo: medo de que nosso alimento não venha da maneira como solicitado, e a esperança de que atenda todas nossas expectativas, quando a carne nos é servida, podemos confirmar um dos dois afetos. Caso a esperança seja confirmada, somos tomados de alegria e nos mantemos inseridos na cotidianidade, mas em nosso trabalho essa situação não será explorada. Se por outro lado nosso medo é confirmado, somos retirados da vida cotidiana através de um ódio cotidiano, podendo então ser tomados por um afeto triste, o que acarretará em uma redução de nossa potência de agir.

A redução no conatus do indivíduo pode ter uma duração variável dependendo da ação que tomar após ser confrontado com o ódio em questão, exemplificaremos duas que são recorrentes: o indivíduo “A” ao receber seu pedaço de carne, e constatar a disparidade do que recebeu com o que pediu, sofre uma

redução em seu conatus, solicita então a troca de seu alimento por outro que atenda suas necessidades. Essa ação de troca tende a fazer com que o conatus do indivíduo A pare de ser constrangido a partir do momento no qual ingere a carne preparada conforme havia solicitado no momento anterior à redução em seu conatus, é importante ressaltar que caso tenha sofrido uma redução muito aguda em sua potência de agir, é possível que ao se alimentar, seu conatus não seja aumentado de maneira a sobrepujar a redução. Por outro lado, caso o indivíduo “A” opte por comer o alimento que não está em conformidade com o que foi solicitado, seu conatus tende a permanecer reduzido, porque mesmo que seu desejo de se alimentar tenha sido saciado, o desejo referente ao modo de preparo da carne não foi atendido.

5.10.1 A ilustração “Odeio quando peço carne no ponto e ela vem mal passada”

O desenvolvimento da ilustração a respeito do ódio “Odeio quando peço carne no ponto médio de preparo e me servem carne mal passada” começa com a concepção da ideia e o posterior desenvolvimento de um croqui (Figura 44). Nesse croqui estão presentes apenas os elementos principais contidos na obra, um ser humano, uma mão e um animal bovino. A escolha por representar a carne mal passada através da figura de uma vaca ou boi procura relembrar a hipérbole: “essa carne está tão mal passada que o boi ainda está vivo”.



**Figura 44 - Desenho em papel para a ilustração
"Odeio quando peço carne no ponto e
ela vem mal passada"**

Fonte: Autoria própria

A partir da definição dos elementos da ilustração, produzimos os elementos componentes da imagem separadamente. Com a utilização de papel manteiga e uma mesa de luz, as imagens foram redesenhadas com canetas nanquins com pontas dos tamanhos 02, 04 e 08. As ilustrações foram então digitalizadas e inseridas em um documento do *Adobe Photoshop* no tamanho de 297 mm x 420 mm, e arranjadas da maneira definida através dos esboços.

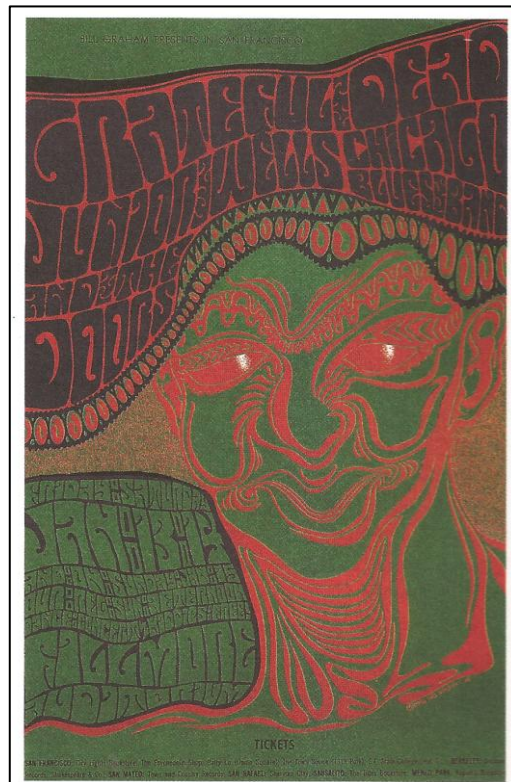


Figura 45 - Cartaz de concerto para o Greatfull Dead, Junior Wells Chicago Blues Band e The Doors, 1966

Fonte: MEGGS; PURVIS, 2005, p. 565

Para o início do processo de colorização, buscamos a inspiração para as cores que viriam a ser utilizadas no cartaz nos cartazes psicodélicos desenvolvidos em meados da década de 1960 feitos nos Estados Unidos. (Figura 45) Nesse momento decidimos por representar o ser humano com cores mais frias (tons de azul e branco), enquanto os elementos causadores da ruptura em nosso conatus (a frase “era mal passada senhor” e o elemento bovino da imagem) foram destacados com a aplicação da cor magenta. A utilização desse padrão cromático, conforme evidenciado por Silveira (2011), acaba por aumentar o contraste entre as duas

cores, aumentando, portanto a tensão passada pela imagem. Com as cores definidas e aplicadas, uma fotografia de um restaurante foi aplicada como *background* da imagem. Essa fotografia era originalmente em cores, mas tornamos a imagem preto e branco e a modificamos através de filtros do software *Adobe Photoshop* (*pattern*, *gradient* e *color halftone*) para melhor atender o estilo proposto para nossa ilustração.

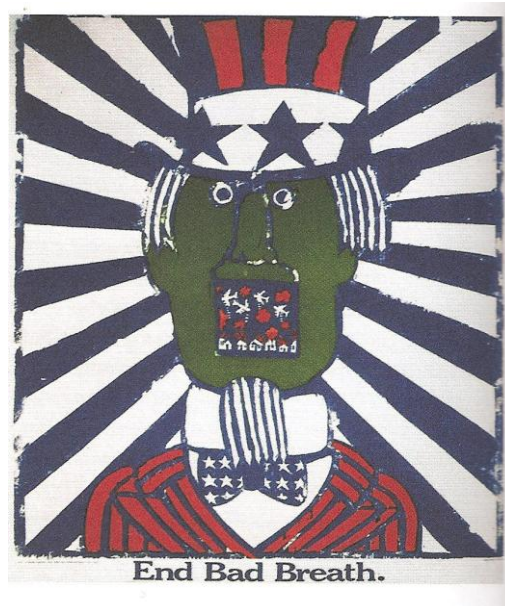


Figura 46 - Cartaz de protesto contra o bombardeio de Hanói, 1968
Fonte: MEGGS; PURVIS, 2005, p. 558

Essa composição foi então impressa em uma impressora jato de tinta, e colada em uma mesa de luz. Um papel manteiga foi sobreposto sobre a impressão e a mancha tipográfica foi desenhada de maneira a preencher os espaços da imagem. A mancha tipográfica visa representar o fluxo de pensamento do indivíduo representado na imagem quando confrontado com a situação causadora de ódio cotidiano. Para essa tipografia decidimos aproveitar a referência dos cartazes psicodélicos, utilizando a maneira ocupavam o espaço livre da composição com a inserção das informações do cartaz. Para mantermos as palavras em nosso cartaz legíveis, utilizamos letras sem serifa e apenas na horizontal. As letras foram digitalizadas, sendo que a frase “Era mal passada senhor?” foi colorida com o magenta, pois é também um elemento causador da ruptura do conatus, enquanto as demais frases da mancha tipográfica ganharam a tonalidade de azul escuro para melhor se mesclar com o fundo.

Por fim toda a imagem foi editada com a aplicação dos filtros do *Adobe Photoshop*, *curves*, *color lookup* e *photo filter*, para adquirir a aparência final.

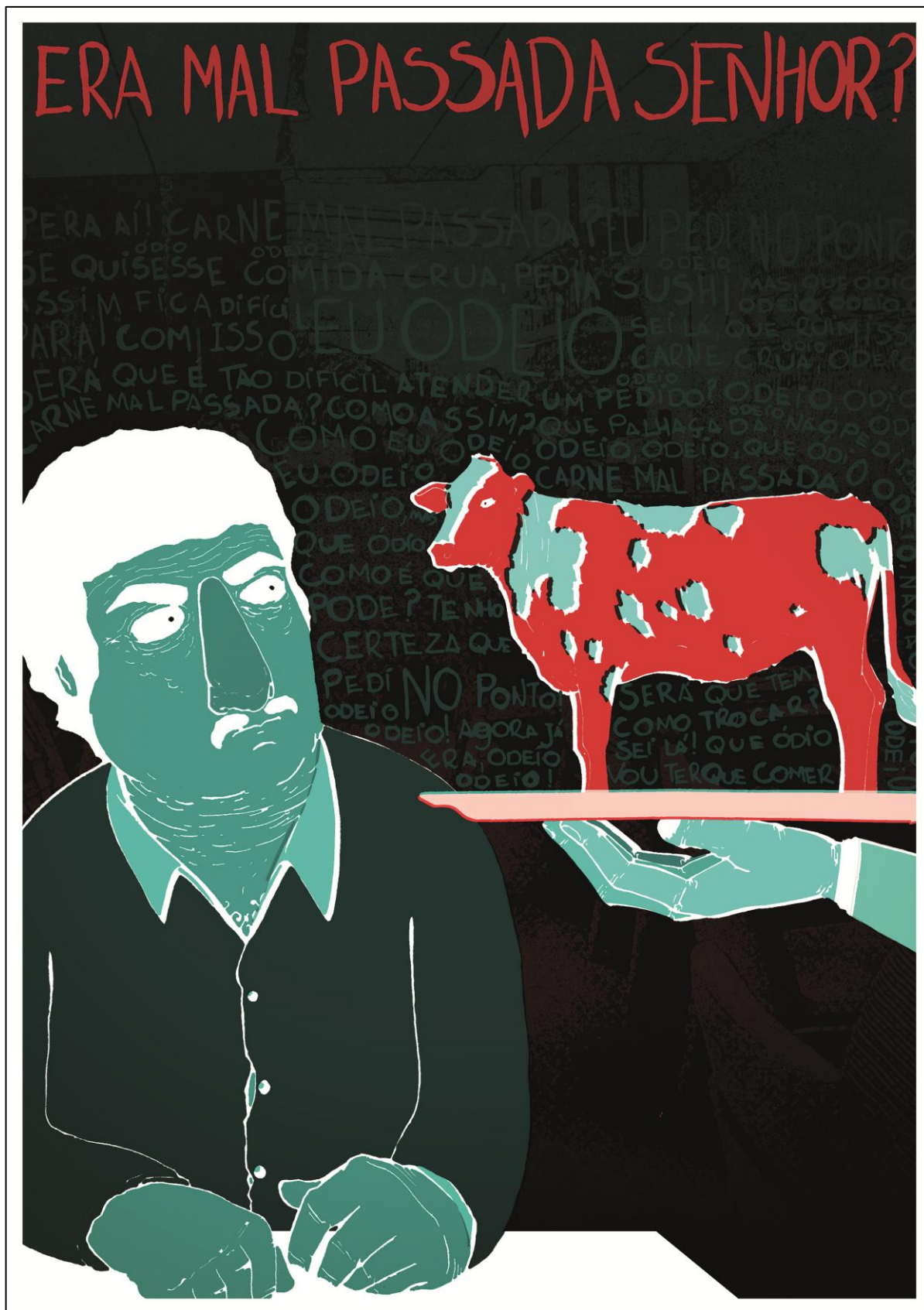


Figura 47 - Ódios cotidianos - Odeio quando peço carne no ponto e ela vem mal passada
Fonte: Autoria própria

5.11 ODEIO PERDER O CONTROLE REMOTO

Ódio comum ao cotidiano de muitas pessoas, perder o controle remoto representa uma variação no conatus. Para ele acontecer é necessário que faça parte da vida cotidiana assistir televisão, ou de alguma forma usar aparelhos com controle remoto. É importante salientar que tomamos nesse ódio a situação de perder vários tipos de controle, o *joystick* de um vídeo game, o controle do portão elétrico, e controles em geral de televisão, radio, *Blu-ray*, etc.

Pelo fato do controle não possuir fio, o usuário tende a levá-lo para todos os lugares no ambiente de uso, por exemplo, o indivíduo "A", costuma levar o controle do som, consigo, enquanto anda pela casa, fazendo uso do mesmo na cozinha, no quarto e até mesmo no banheiro. Isso faz com que o seu conatus seja elevado de certa forma, pois a qualquer momento, em qualquer cômodo da sua casa ele pode alterar a música, aumentar ou diminuir o som, ou mudar a rádio, por exemplo.

Como o controle normalmente é um objeto de proporções pequenas, mas acaba por ocupar uma mão quando é carregado ou usado, constantemente o indivíduo A repousa o controle na bancada, nas mesas, e prateleiras da sua casa, seja para pegar um copo de água, lavar a mão ou dar comida ao seu cachorro. É nesse momento que a situação de ódio cotidiano se configura, pelo fato de andar com o controle parar todos os cômodos, e constantemente repousá-lo em algum lugar para fazer outra ação, em vários momentos o controle não fica em seu ambiente normal, por exemplo, a sala de estar, mas sim esquecido em algum canto onde não é o comum.

A partir do momento que se vê a necessidade de usar o controle remoto, pois começou a tocar uma musica que desagrade o indivíduo, por exemplo, se instaura o ódio cotidiano. A necessidade de achar o controle para poder usá-lo, diminui o conatus do indivíduo, pois ele vai ter que sair da sua inércia e procurar o controle, que é justamente o que um controle remoto pretende evitar, ou seja, fazer com que você não precise parar o que estar fazendo para alterar o canal, ou a música, possa fazer isso de maneira remota. O conatus vai se diminuindo até o controle ser finalmente achado, mas até então deixa o indivíduo mais frágil para a ação de outros afetos-paixão, por exemplo, ao se ver obrigado a ouvir uma música que não gosta, ou a brigas por não achar o controle.

5.11.1 A ilustração “Odeio perder o controle remoto”

Para essa ilustração pensou-se no conceito de livros infantis onde a cada página é necessário encontrar itens escondidos no cenário, como os clássicos livros da série "Onde está Wally" (Figura 48) Ilustrado por Martin Handford, ou da série *Everything Goes*¹⁴ (Figura 49) ilustrada por Brian Briggs.

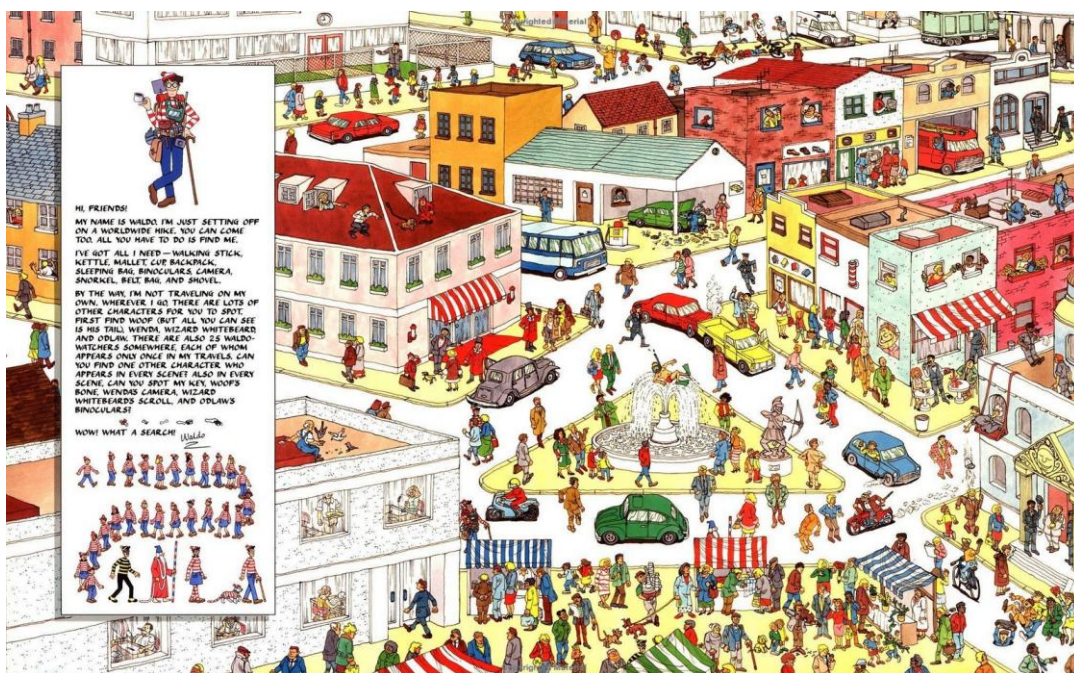


Figura 48 - Pagina ilustrada por Martin Handford de Onde está Wally
Fonte: WALLPAPER, 2013

Esses dois artistas possuem várias características em comum em suas ilustrações, a primordial é que em todas as páginas dos livros possuem itens escondidos que devem ser encontrados, em "Onde está Wally" deve ser achado primeiramente o personagem de gorro e blusas listradas, mas também itens que variam de página para página, como o cachorro, o arqui-inimigo ou até mesmo itens aleatórios como meias ou bengalas. Já em um dos livros da série *Everything goes on land*¹⁵ todas as páginas possuem números escondidos que vão do 1 ao 100, além de objetos específicos, como pássaros com chapéu por exemplo.

¹⁴ Everything goes pode ser traduzido como Tudo que vai, pois a série de livros se refere a meios de transporte.

¹⁵ Tudo que vai pela terra

Mas esses desenhos possuem outras características marcantes, os dois artistas fazem suas páginas repletas de informações cruzadas tornando mais difícil completar a tarefa de achar os itens, sempre as páginas são cheias de ações, pessoas e objetos representando uma situação de tumulto qualquer.



Figura 49 - Livro da série *Everything Goes*, e página interna
Fonte: MRBIGGS, 2013

Outras características notáveis são as cores vivas, agregando ainda mais informação para toda a situação, cores quentes e frias contrastam, mas sem muitos volumes e praticamente sem degradês de cor. Além disso, os traços são mais despreziosos, como se fossem feitos diretamente com caneta, com certas imperfeições e não perfeitamente retos.

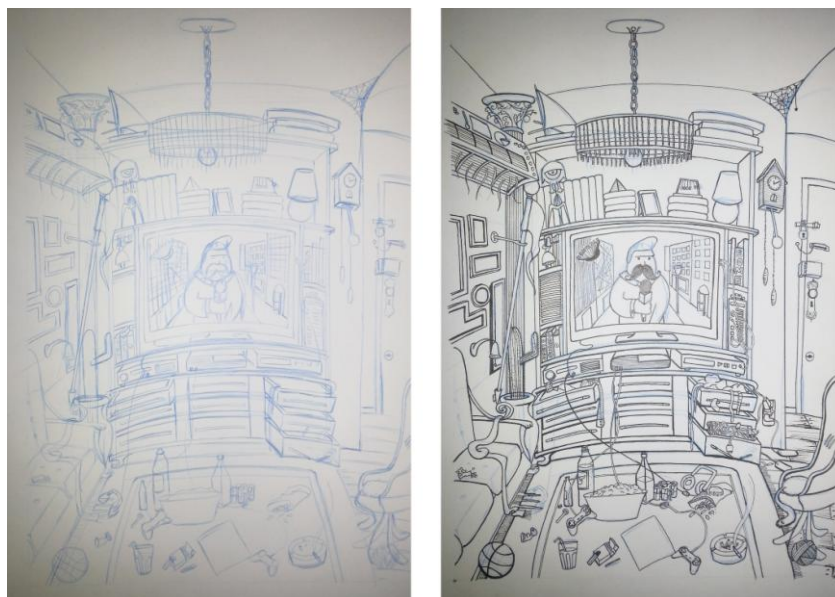


Figura 50 - Croqui e traço a nanquim para a ilustração "Odeio perder o controle remoto"

Fonte: Autoria própria

Para ilustração escolheu-se esse estilo, pensando que no momento em que se perde o controle remoto, ele pode estar em qualquer lugar, e começa uma busca visual em toda a casa para achá-lo. Foi feito então um primeiro croqui com grafite azul (Figura 50), foi escolhido o grafite azul, pois ao se digitalizar um desenho feito com ele, o traço some, para depois ser aplicado o nanquim, no momento da aplicação do nanquim já se pensava que ele seria o traço final, pois após ser digitalizado só precisava ser colorizado.

Com o traço feito em nanquim a ilustração foi digitalizada, o grafite azul foi retirado, e começou o processo de colorização. No programa *Adobe Photoshop* foram aplicadas as cores sem muitos detalhes e apenas pequenos traços de sombra. Foram escolhidos como principais as três cores básicas pigmento (SILVEIRA, 2011), vermelho, azul e amarelo. Vale salientar que é comum colocar certas informações a mais nesse tipo de ilustração, na prateleira pode-se ler "Odeio quando o controle some". Além disso foi colocado sobre a mesa um álbum da banda *Nine Inch nails*, cujo título é *Pretty hate machine* que pode ser traduzido como máquina bastante odiada, nesse caso o controle remoto. E como era a ideia inicial, o controle também está escondido na ilustração.



Figura 51 - Ódios cotidianos - Odeio perder o controle remoto
Fonte: Autoria própria

5.12 ODEIO QUANDO PERCO O ÔNIBUS POR POUCOS INSTANTES

O surgimento do “ódio cotidiano” explorado nesse trecho de nosso trabalho “Odeio quando perco o ônibus por poucos instantes”, necessita que o indivíduo tenha como um elemento de sua vida cotidiana o fato de se deslocar regularmente utilizando o ônibus para alguma localidade, sendo ela seu trabalho, escola, alguma forma de lazer ou para casa, por exemplo.

É possível que um indivíduo seja afetado pela ação desse ódio cotidiano apenas por ter conhecimento de que perdeu o horário do ônibus, mas, em nosso trabalho exemplificamos a situação na qual a percepção da perda do ônibus acontece através de um estímulo sensorial, como por exemplo, escutar a partida do ônibus, ou vê-lo partir. Isso porque quando não entramos em contato direto com o elemento que causa a ruptura em nossa cotidianidade (no caso o ônibus) podemos imaginar que o ônibus estava adiantado ou atrasado, sem termos a certeza de que o perdemos por poucos momentos, assim ao não visualizarmos ou escutarmos sua partida, tendemos a alimentar o afeto de esperança, o que pode servir como uma maneira de evitar o surgimento do ódio cotidiano.

A alteração no conatus do indivíduo causada devido à ação desse “ódio cotidiano” tende a variar de acordo com o número de atividades afetadas em decorrência do seu acontecimento, por exemplo: é possível que o indivíduo “A”, ao perder o ônibus que o levaria ao trabalho, acabe por perder uma importante reunião para qual havia sido convocado, portanto, sua potência de agir tende a permanecer reduzida por mais tempo. Por outro lado o indivíduo “B” perde o ônibus que o levaria para sua casa após o trabalho, como não tem nenhuma outra atividade (cotidiana ou não) que será prejudicada pela ação deste “ódio cotidiano”, seu conatus tende a elevar-se novamente no momento em que o próximo ônibus chegar.

5.12.1 A ilustração “Odeio quando perco o ônibus por poucos instantes”

A ilustração a respeito deste “ódio cotidiano” começou com a ideia de que iria representar um indivíduo perseguindo um ônibus. A partir dessa concepção,

fotografias de ruas e pontos de ônibus foram produzidas para que tivéssemos uma referência visual dos elementos a serem representados na ilustração, dentre as fotografias tiradas uma foi escolhida para servir de base para a composição (Figura 52).

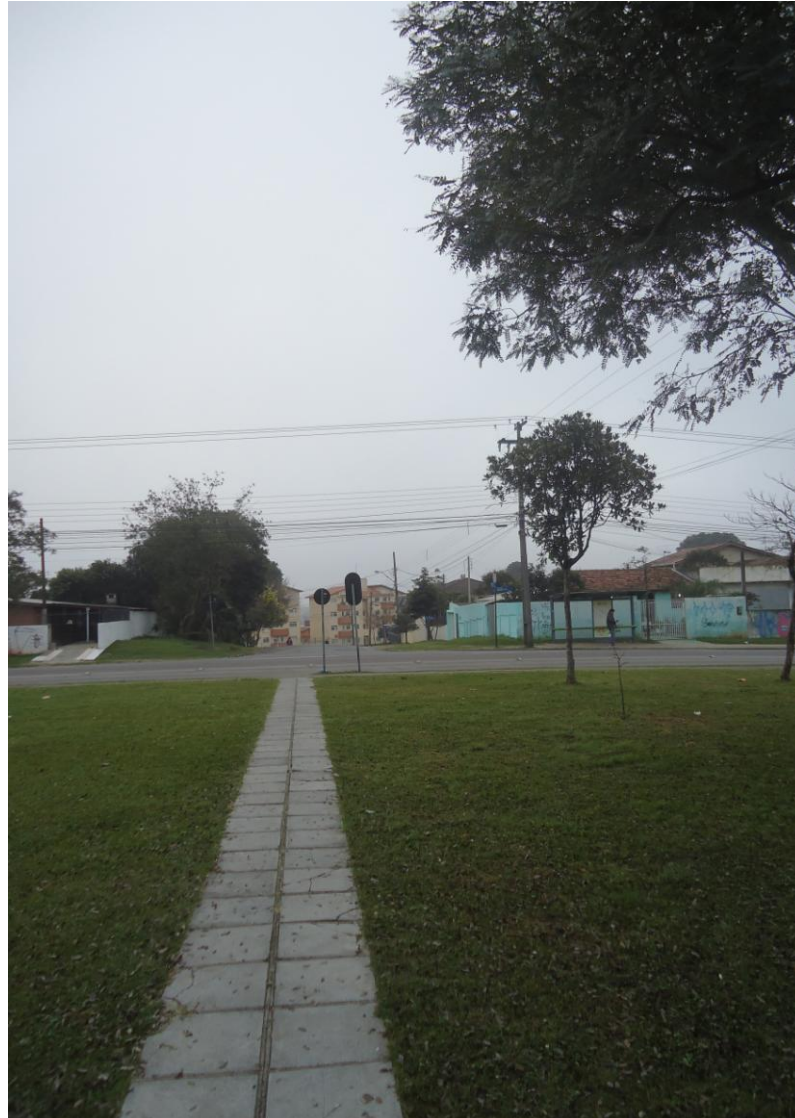


Figura 52 - Fotografia tirada para servir de referência visual
Fonte: Autoria própria

Os elementos da fotografia foram então vetorizados utilizando o software *Adobe Illustrator*, decidimos pela vetorização para nos afastarmos do cenário fotografado, com o intuito de fazer com que o espectador se relacione com a situação, e não apenas com o ambiente na qual ela acontece. O ônibus e o indivíduo presentes na imagem foram adicionados posteriormente, pois não estavam representados na imagem utilizada como referência.

Após a vetorização de todos os elementos presentes na composição, foram traçadas linhas para segmentar os componentes da ilustração tomando como inspiração para efetuarmos essa segmentação é proveniente de um cartaz de E. McKnight Kauffer (Figura 53), que a utiliza para definir as formas dos pássaros presentes no cartaz. Em nossa composição a função da subdivisão é dividir os elementos da ilustração em partes menores para posterior colorização desses espaços. Optamos por manter o ambiente no qual se desenrola a situação em tons de cinza enquanto ressaltarmos o ônibus e o indivíduo, que são os elementos principais desse “ódio cotidiano”, em tons de vermelho. A escolha de preencher os segmentos da imagem com gradientes, ao invés de cores chapadas, busca acrescentar volume a ilustração.

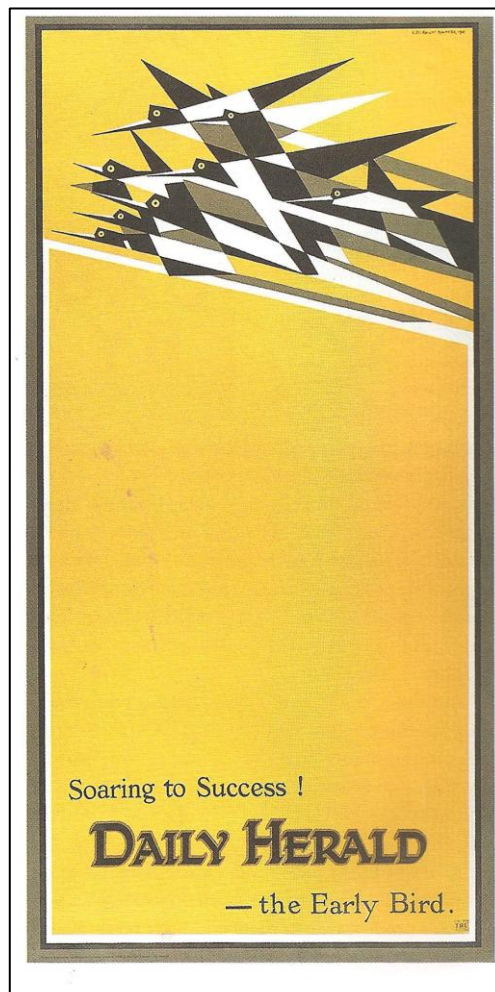


Figura 53 - Cartaz de E. McKnight Kauffer
Fonte: DESIGNMUSEUM, 2013

Os elementos gerados no software *Adobe Illustrator*, foram então transpostos para um documento do software *Adobe Photoshop*, nas dimensões de 297mm x 420mm. A imagem utilizada como referência para o desenvolvimento dessa composição foi então inserida na ilustração com sua opacidade reduzida para 10% visando adicionar de maneira sutil elementos como árvores e postes de luz à composição, não concorrendo assim com os elementos principais (ônibus e indivíduo). A imagem recebeu então a aplicação do filtro *noise* do software *Adobe Photoshop*, para acrescentar mais volume à ilustração.

Para representar a alteração iminente no conatus do indivíduo ao sofrer a ação desse ódio cotidiano utilizamos diversos formatos de *brushes* do *Adobe Photoshop* bem como algumas tonalidades de vermelho para criarmos um elemento que lembra uma onda perseguindo o indivíduo pronta para atingi-lo no momento em que parar de perseguir o ônibus e for finalmente afetado pelo ódio cotidiano. Optamos por não gerar essa representação de uma onda utilizando a mesma técnica utilizada na geração dos outros elementos da composição para reforçar a ideia de que ao sofrer a ação de um ódio cotidiano o indivíduo é retirado de sua cotidianidade.

Para equilibrar as tonalidades presentes na ilustração foram utilizados os filtros *curves*, *exposure* e *color lookup* do software *Adobe Photoshop*.

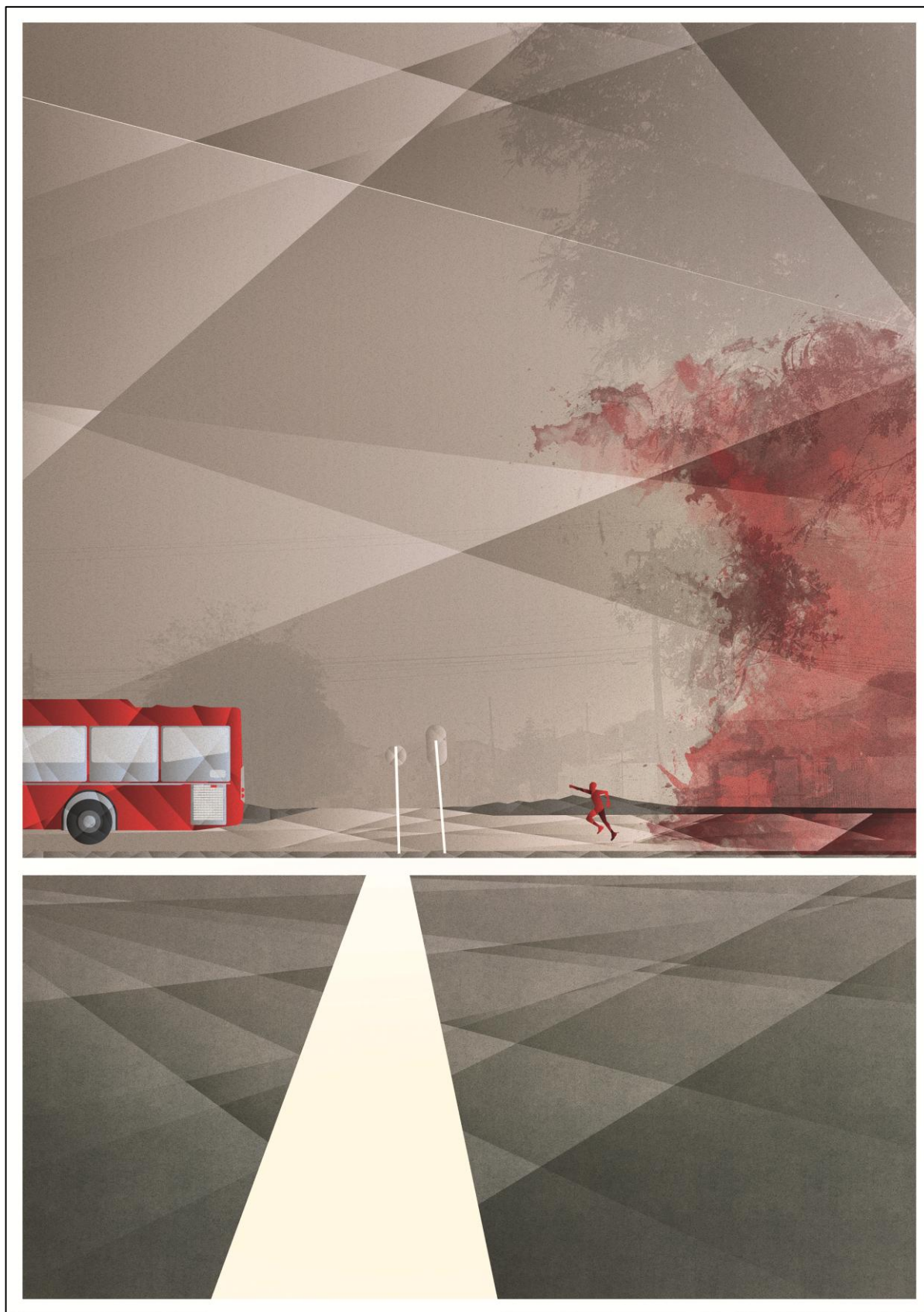


Figura 54 - Ódios cotidianos - Odeio quando perco o ônibus por poucos instantes
Fonte: Autoria própria

5.13 ODEIO QUANDO O MOSQUITO NÃO ME DEIXA DORMIR

A situação responsável por ocasionar o surgimento desse ódio acontece quando o indivíduo está em repouso. Em algum momento de seu descanso o sujeito é incomodado por um inseto, que, tentando aumentar o seu próprio conatus, se aproxima do indivíduo para se alimentar.

Imaginemos a situação comum onde o indivíduo "A" está tentando repousar após um dia estressante. Ele, por exemplo, que está com o seu conatus baixo por fadiga mental e física, repousa em sua cama para assim tentar aumentar o seu conatus. Nessa situação um inseto, nesse caso um mosquito, tenta também aumentar o seu conatus alimentando-se do sujeito em repouso. Apesar do fato da picada já representar uma alteração no conatus do indivíduo, o barulho do inseto pode parcialmente despertá-lo, e pelo fato dele estar em repouso gera-se o ódio cotidiano. Entre os motivos desse ódio pode se destacar o fato do inseto ser pequeno e de difícil percepção, o fato do indivíduo estar sonolento e por isso não conseguir matar o inseto, ou de que a situação de repouso faz com que seu conatus esteja elevado a ponto de não querer levantar para acender a luz e, por exemplo, pegar um inseticida para assim acabar com a diminuição de conatus mais efetivamente.

Nessa situação temos, então, o indivíduo que tenta conviver com a diminuição de conatus constante, até que o inseto se afaste ou que de alguma forma consiga instintivamente, por exemplo, com um tapa, acabar com o constante incômodo.

5.13.1 A ilustração “Odeio quando o mosquito não me deixa dormir”

Para gerar essa ilustração pensamos que o inseto consegue apenas com o seu barulho incomodar o indivíduo, e pelo fato de normalmente isso acontecer quando o indivíduo está em repouso, o som ambiente é muito baixo, ou quase nulo. O inseto tentando se aproximar do indivíduo chega muitas vezes perto da orelha,

pois o rosto em geral acaba por ser a parte descoberta do sujeito, e por todos esses fatores o som parece alto, o que gera uma grande variação do conatus.

Imaginamos então o mosquito como um músico específico, que pode ser denominado como banda de um homem só (Figura 55), ou seja, onde uma pessoa sozinha toca vários instrumentos. Baseando-se no conceito de que o mosquito é um músico multi-instrumentista, definimos que o cartaz deste ódio cotidiano seria um cartaz divulgando o show do próprio inseto. A partir desse conceito, o mosquito deveria ter também traços humanóides, ou seja, ser representado como um personagem propriamente dito.



Figura 55 - Exemplo de banda de um homem só
Fonte: WORLDWIDEPERFORMERS, 2013

O estilo visual escolhido para o personagem foi baseado em hachura, onde o desenho é composto de linhas paralelas para assim representar luz e sombra, através da quantidade de linhas, variações em sua espessura, e diferença no espaçamento entre as linhas. Como referência para a arte finalização da ilustração foram utilizadas as ilustrações do ilustrador Renato Faccini desenvolvidas para o

jogo *Alice: Madness Returns* (2011)¹⁶, sendo que as ilustrações desenvolvidas por Faccini para este projeto foram posteriormente animadas de modo a parecer que eram compostas por pedaços diferente de papel, acrescento movimento e iluminação distinta para cada parte da ilustração. (Figura 56).

Definida a linha visual, o personagem foi desenhado com a utilização do *software Adobe Illustrator*, o mosquito em questão já foi desenhado com todas as partes separadas para assim poder ser finalizado conforme a referência utilizada. Após todas as partes estruturadas foram aplicadas hachuras para definir as relações entre luz e sombras acrescentando assim volume às imagens.

Com as partes do mosquito finalizadas e com as hachuras aplicadas, o personagem foi montado no *software Adobe Photoshop*. Com a aplicação do efeito *drop shadow* do software, uma pequena sombra foi adicionada para que as partes do mosquito parecessem ter sido recortadas e montadas separadamente, assim como nas ilustrações de Renato Faccini (ALICE, 2011).



Figura 56 - Ilustração de Renato Faccini e frame delas animadas no jogo Alice Madness Returns (2011)

Fonte: BEHANCE, 2013

Com o personagem finalizado foram aplicados textos para representar o ódio cotidiano como um evento real, ou seja, um show. A data em que aconteceria o show foi inserida no cartaz para demonstrar que o acontecimento do ódio cotidiano representado por esta ilustração se dará no momento em que o indivíduo se deitar para dormir e que o local será na orelha do indivíduo em repouso, local onde causará desconforto.

¹⁶ *Alice: Madness Returns* nome original Alice: retorno a loucura tradução nossa



Figura 57 - Ódios cotidianos - Odeio quando o mosquito não deixa dormir
Fonte: Autoria própria

5.14 ODEIO QUANDO PISO EM UM CHICLETE

O “ódio cotidiano” “odeio quando piso em um chiclete”, necessita de poucos elementos para ocorrer, sendo necessário apenas que o indivíduo esteja se locomovendo a pé, e acabe por pisar em um chiclete mascado que foi descartado no chão. O fato dos elementos necessários para o surgimento desse ódio estarem presentes no cotidiano de grande parte da população faz com que um maior número de pessoas seja exposto a ele, tornando-o um dos ódios com a maior probabilidade de acontecer no decorrer da vida cotidiana de um determinado indivíduo.

A alteração no conatus do indivíduo ocorrerá no momento em que perceber que pisou em um chiclete, sendo que é possível que o indivíduo não perceba que esse fato ocorreu durante um longo espaço de tempo, ou seja, o surgimento desse ódio cotidiano não está necessariamente atrelado ao momento em que ação desencadeadora acontece, mas sim à percepção desse acontecimento. Um dos momentos que pode levar a essa percepção será exemplificado aqui: o indivíduo “A” está se dirigindo para seu trabalho a pé, pisa então com seu pé direito em um chiclete mascado que fora jogado no chão, após esse acontecimento o indivíduo começa a sentir está encontrando alguma resistência no momento de elevar o pé direito para dar um passo, ao observar a parte de baixo de seu sapato direito confirma que havia pisado em um chiclete, o indivíduo “A” é então acometido pelo afeto triste de raiva. É nesse momento que surge o “ódio cotidiano”, fazendo com que seu conatus seja reduzido.

A redução na potência de agir causada por esse ódio tende a durar por pouco tempo, pois salvo alguma exceção (o chiclete danificar o sapato, se fixar em alguma parte que seja visível do calçado ou não poder ser retirado com facilidade, por exemplo), o surgimento desse ódio cotidiano não afeta alguma atividade posterior da vida cotidiana do indivíduo, nem causa um desconforto que seja suficiente para manter o indivíduo fora de sua cotidianidade por um espaço de tempo elevado, sendo que a redução do conatus do indivíduo tende a ser superada no momento em que a substância colada em seu calçado ou pé for retirada.

5.14.1 A ilustração “Ódio quando piso em um chiclete”

A concepção da ilustração a respeito desse ódio começou com o desenvolvimento de croquis para a definição de ideias de como representá-lo. (Figura 58). Com a definição dos elementos presentes na ilustração, uma pesquisa de imagens foi feita para analisar como um chiclete colado em uma sola de sapato se comporta fisicamente. Após a análise dessas imagens utilizadas como referência, os elementos da ilustração foram desenhados.

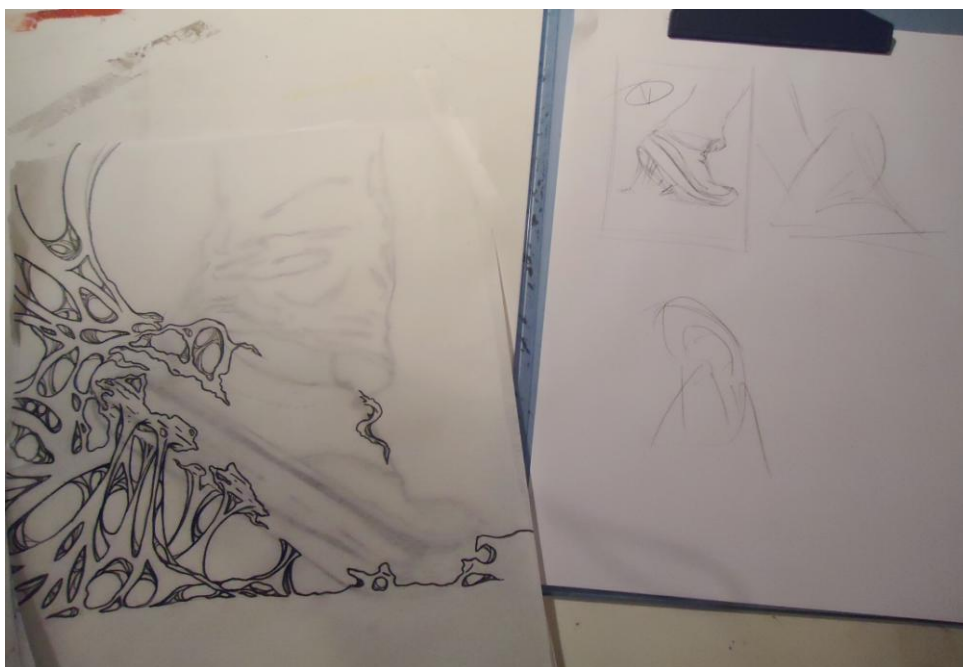


Figura 58 - Croquis para a ilustração “Ódio quando piso em um chiclete”
Fonte: Autoria própria

O pé calçado foi desenvolvido primeiro utilizando uma folha de papel sulfite A4 como substrato, o desenho teve aplicado em seu contorno uma camada de nanquim com a utilização de uma caneta nanquim com a ponta do tamanho 07. Uma folha de papel manteiga foi sobreposta a essa ilustração, e o chiclete foi desenhado de maneira a interagir com a representação do pé. O mesmo processo de arte finalização utilizado para o desenho do pé calçado foi então aplicado na imagem representando o chiclete.

Na composição escolhemos por dar ao chiclete que gruda no calçado do indivíduo, proporções bem maiores do que tem na realidade (Figura 59), ocupando a extensão de todo o pé, dessa maneira procuramos demonstrar o sentimento de

constricção causado pelo surgimento desse ódio cotidiano, bem como transmitir de maneira exagerada a dificuldade na locomoção gerada ao termos um chiclete grudado no solado de nosso calçado ou pé.



Figura 59 - Imagem de referência de como um chiclete gruda no pé
Fonte: NEWS, 2013

As imagens do pé e do chiclete foram então digitalizadas e inseridas em um documento do *Adobe Photoshop* do tamanho 297 mm x 420 mm. Os filtros *dust* e *scratches* e *stamp* do software *Adobe photoshop* foram aplicados para tornar o contorno das imagens mais grosso e com menos irregularidades.

Na representação do chiclete optamos por utilizar a cor magenta, pois é a cor mais associada ao corresponde real desse elemento, assim procuramos facilitar a identificação do elemento por parte do observador da obra. A calça e o calçado por sua vez, foram colorizados com tons de verde e azul, para aumentar o contraste com a cor magenta. O sombreamento da calça e do calçado foi feito com tonalidades mais escuras das cores empregadas os elementos, recebendo a adição do filtro *color halftone* do software *Adobe Photoshop* para gerarmos o efeito do sombreamento com retículas.

A cor preta foi adicionada ao fundo da imagem a fim de destacar a interação entre os dois elementos da composição, e sobre toda a composição foram adicionados os filtros *noise* e *curves* do software *Adobe Photoshop* para adicionar sombras na parte inferior da imagem.



Figura 60 - Ódios cotidianos - Odeio quando piso em um chiclete
Fonte: Autoria própria

5.15 ODEIO QUANDO AS EMBALAGENS ESTÃO VAZIAS

Esse ódio é muito comum quando se divide o ambiente que se mora com alguém, e onde todos consomem do mesmo produto. Imaginemos a seguinte situação, o indivíduo "A" divide sua residência com duas outras pessoas. Ele gosta muito de tomar leite gelado, abre a geladeira, confirma a existência de um leite aberto na geladeira, vai até o armário e apanha um copo, até esse momento seu conatus foi alterado positivamente, pois ao constatar a existência da embalagem de leite na geladeira foi criada a expectativa de que iria tomar leite gelado.

Ao se aproximar da geladeira com o copo, o indivíduo A espera em alguns segundos poder matar a sua vontade, porém ao pegar a embalagem sente que ela está mais leve do que o costume, nesse momento o seu conatus já sofre uma ruptura e surge aqui o afeto-paixão de medo que não tenha leite suficiente, para encher o seu copo. Ao virar a embalagem no copo constata-se que a embalagem na realidade está vazia, e foi guardada na geladeira.

Nesse momento o indivíduo A é tomado pelo Ódio cotidiano, pois o medo de que não houvesse conteúdo suficiente se torna realidade. A embalagem, independentemente do motivo foi guardada vazia, criando apenas a esperança de que houvesse o produto. Nesse momento o indivíduo A se quiser prosseguir com a ideia de tomar leite, deverá verificar se possui outra embalagem na geladeira que ele possa abrir, e assim tomar leite gelado, ou terá que pegar um na temperatura ambiente e decidir se quer ou não tomar assim.

O causador do ódio cotidiano nessa situação é uma das pessoas que dividem a residência com o sujeito A, pois um deles usufruiu do leite e colocou a embalagem no local ao invés de descartá-la, agindo assim fez com que outras pessoas que vissem a embalagem criassem a esperança de que nela tivesse leite, mesmo não tendo.

5.15.1 A ilustração "Odeio quando as embalagens estão vazias"

Pensando na sensação de irrealidade de porque guardar a embalagem vazia na geladeira novamente, pensamos em trabalhar com a técnica de *collage* digital para fazer essa ilustração e trabalhar com a linguagem do absurdo no cartaz.

Para tanto usamos como referencia visual o trabalho de animação de Terry Gillian, que além de conhecido por fazer parte do grupo inglês de humor *Monty Python*, era responsável pelas animações presentes nos episódios, além de ser diretor produtor e roteirista. Suas animações ficaram conhecidas por possuírem um aspecto sem sentido, por exemplo, a imagem clássica de um pé esmagado os objetos é símbolo do trabalho de Gillian(Figura 61).



Figura 61 - Collages de Terry Gillian
Fonte: MONTYPYTHONINSPIRES, 2013

Se apoiando na referência visual usada muitas vezes em quadrinhos de que quando a carteira está vazia saem borboletas dela, imaginamos a mesma situação, uma embalagem de leite de onde saíssem borboletas.

As imagens foram selecionadas e recortadas digitalmente no programa *Adobe Photoshop* em cada parte separadamente foram aplicados filtros para alterar o contraste, a iluminação e a saturação, além de aplicação de camadas de cor, dando a impressão de que as peças foram colorizadas e fotocopiadas algumas vezes até chegar ao resultado final. Nas partes em separados foram aplicadas sombras para dar um pequeno volume como se a ilustração houvesse sido montada fisicamente.

Na finalização do cartaz foram aplicados filtros na tonalidade sépia e alterado o brilho, e tentando transmitir a ideia de um frame de uma animação, foi adicionado uma camada de ruído granuloso, como uma televisão com chiado.

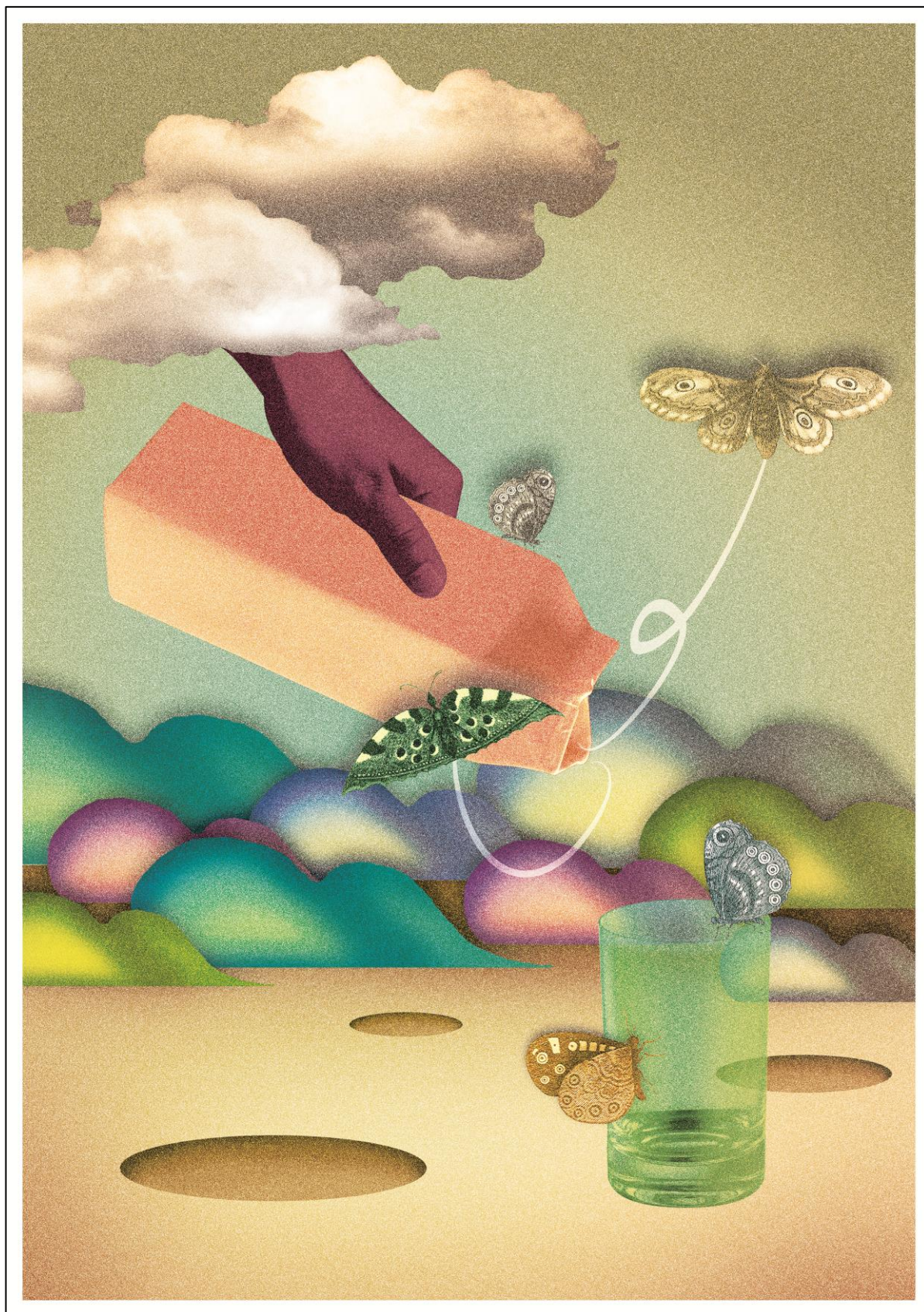


Figura 62 - Ódios cotidianos - Odeio quando as embalagens estão vazias
Fonte: Autoria própria

5.16 ODEIO QUANDO CONVERSAM NO CINEMA

Esse ódio cotidiano ocorre quando durante uma sessão de cinema o indivíduo passa a se incomodar com a conversa paralela entre dois ou mais indivíduos, ou com uma conversa mantida por uma pessoa através da utilização de um aparelho celular, tendo então sua potência de agir diminuída podendo ser acometido por um afeto triste. Essa alteração negativa ocorre pois o cinema é um ambiente onde a emissão de sons (como por exemplo, o som produzido ao abrir embalagens, latas, toques de celular, além da fala humana) é inibida incisivamente, isso porque a experiência que passamos ao assistir o filme é formada tanto por elementos visuais quanto sonoros contidos na película. Essa restrição a sons não pertencentes ao filme é reforçada inclusive com a demonstração de alertas a esse respeito no início da sessão de cinema. Ao irmos regularmente à esse ambiente, tornando a atividade uma parte presente de nossa vida cotidiana, somos condicionados a respeitar essa restrição sonora.

Portanto, ao deparar-se com indivíduos que desrespeitam a premissa do silêncio durante a sessão de cinema é possível seja desenvolvido um ódio cotidiano em relação à pessoas que quebrem o protocolo social que rege o ambiente do cinema.

Entre as reações possíveis que podem ser tomadas pelo indivíduo, podemos destacar duas que podem refletir diretamente no tempo de duração da redução do conatus na pessoa acometida pelo ódio cotidiano. A primeira é quando o indivíduo se incomoda com a conversa paralela mantida entre duas ou mais pessoas e decide se dirigir verbalmente a elas com o intuito de interromper essa conversação e conseqüentemente decretar o fim da causa da redução de seu conatus, fazendo com que sua potência de agir volte ao ponto em que estava antes de ser afetado pelo ódio cotidiano. Ou seja, ao tomar uma atitude ativa em relação a causa redutora de sua potência de agir, a redução no conatus do indivíduo tende a ser mais rápida. Importante ressaltar que caso as pessoas que causaram a redução no conatus do indivíduo decidirem por não acatar o pedido de voltarem ao silêncio, a tendência é que o conatus da pessoa afetada pelo ódio cotidiano permaneça reduzido.

O elemento afetado pode também ter uma ação passiva em relação à causa de seu ódio cotidiano, o que fará com que sua redução no conatus dependa

diretamente da vontade dos outros indivíduos em interromper a conversação, fazendo, portanto, que a redução no conatus do indivíduo afetado pelo ódio cotidiano “odeio pessoas que conversam no cinema” possa durar por um tempo mais longo.

5.16.1 A ilustração “Odeio quando conversam no cinema”

O ponto de partida para o desenvolvimento da ilustração foi o ambiente do cinema, definindo seus pontos característicos que estariam presentes na ilustração. Desenvolvemos alguns croquis retratando uma serie de pessoas inseridas no ambiente do cinema, tendo como ponto comum entre todos os croquis a presença de um individuo claramente insatisfeito com a situação. Um dos esboços foi selecionado como referência para a ilustração final (Figura 1Figura 63).

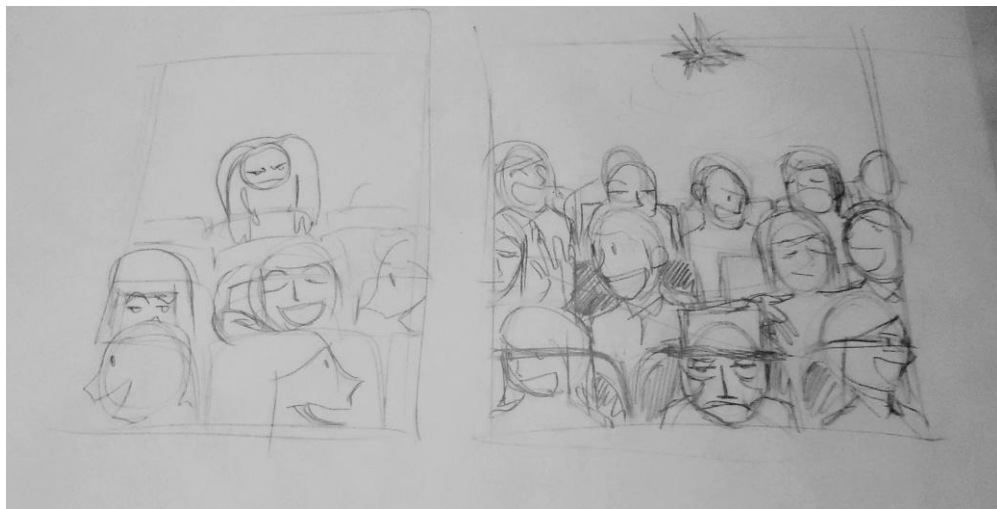


Figura 63 - Croquis para a ilustração “Odeio quando conversam no cinema”
Fonte: Autoria própria

A partir do esboço a ilustração começou a ser desenvolvida tendo como referência para o traçado dos personagens as ilustrações de livros infantis feitas pela artista norte americana Mary Blair (1911-1978), isso porque, através de desenhos com traços simplificados a artista conseguia transmitir com clareza as emoções dos personagens retratados em sua obra (Figura 64).

Um estudo dos personagens que comporiam a plateia do cinema foi feito levando em consideração a referência de Mary Blair, e a partir desse esboço a ilustração foi feita. Uma caneta nanquim com a ponta do tamanho 0.7 foi utilizada para contornar o desenho feito à lápis para facilitar a manipulação do arquivo no software *Adobe Photoshop*. A imagem com o contorno finalizado com nanquim (Figura 65) foi então digitalizada e inserida em um documento no tamanho de 297 mm x 420 mm no software *Adobe Photoshop*.



Figura 64 - Ilustração de Mary Blair
Fonte: MAGICOFMARYBLAIR, 2013

A imagem digital recebeu a aplicação de filtros para reduzir o número de imperfeições geradas pelo processo de digitalização do desenho, após a aplicação desses filtros a paleta de cores utilizada para a colorização da imagem foi definida, determinando que o indivíduo sendo afetado pelo ódio cotidiano seria representado na cor vermelha, enquanto todos os outros elementos presentes na ilustração seriam coloridos com variadas tonalidades de azul, para representar o distanciamento do personagem principal da ilustração em relação a eles, enquanto as cadeiras do cinema são demonstradas através da contra forma gerada pela colorização dos personagens. Após a colorização foi decidido retirar os detalhes dos narizes e olhos fechados dos personagens da ilustração, sendo que a única exceção é a pessoa que é acometida pelo ódio cotidiano. Essa decisão procura evidenciar tantos os elementos causadores do ódio (pessoas conversando), quanto o indivíduo

por ele afetado. Para reforçar a ideia da conversa entre indivíduos, a onomatopeia “Blá” foi espalhada por toda extensão da ilustração para representar as palavras ditas durante a sessão de cinema.

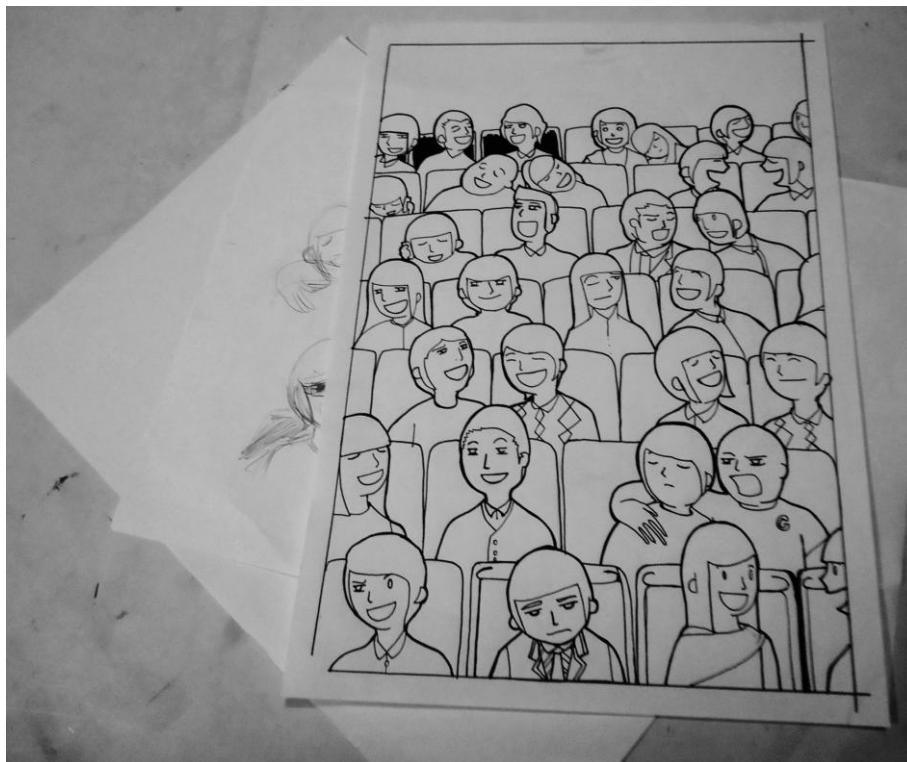


Figura 65 - Ilustração com nanquim
Fonte: Autoria própria

O último elemento da imagem, o projetor do cinema, foi representado como uma claridade localizada no topo da imagem, e foi gerada através da utilização da ferramenta *brush* do software *Adobe Photoshop*.



Figura 66 - Ódios cotidianos - Odeio quando conversam no cinema
Fonte: Autoria própria

5.17 ODEIO QUANDO O QUE TEM NO POTE NÃO É SORVETE

Esse ódio cotidiano acontece através da geração do afeto-paixão da esperança com o confronto com a realidade. Na situação, o indivíduo "A" sente a necessidade de comer um sorvete, estando ele em casa se lembra de ter visto em seu *freezer* uma embalagem do produto, nesse momento cria-se a ideia de que sua vontade vai ser suprida, pois o que ele deseja está em sua própria residência, não tendo assim que se deslocar muito, evitando que seu conatus seja diminuído por possíveis acontecimentos quando sair de casa, ou apenas pelo deslocamento.

O indivíduo então se desloca para o *freezer* com o afeto-paixão de esperança, esperando que o pote que se lembra de ter visto guardado lá tenha o suficiente do produto para suprir a sua necessidade, ou ainda que o sorvete contido no pote seja de um sabor que o agrada mais, acentuando a variação positiva em seu conatus. Ao chegar ao *freezer* e confirmar que o pote existe e está no lugar imaginado, seu conatus se eleva, pois logo sua poderá comer o sorvete, suprimo sua necessidade e aumentando ainda mais o seu conatus.

Quando a embalagem é finalmente aberta constata-se que o produto no interior dela não se trata de sorvete, mas sim que algum outro tipo de alimento havia sido inserido nela para ser congelado e assim mantido com qualidade por maior tempo, algum produto que não se assemelha ao que a imagem que o afeto-paixão esperança havia criado, como por exemplo, feijão.

No instante seguinte o indivíduo é acometido pelo ódio cotidiano, pois percebe que a sua necessidade não será suprida rapidamente, e que se ele desejar realmente um sorvete terá que sair da comodidade da sua residência para ir comprar o produto em algum lugar, tendo assim seu conatus diminuído.

O ódio cotidiano "odeio quando o que tem no pote não é sorvete" acontece em algumas situações por dividir a residência com outras pessoas, pois não se tem conhecimento do que os outros moradores armazenaram em embalagens vazias de sorvete, mas pode acontecer mesmo quando o indivíduo mora sozinho, ao esquecer que havia guardado outro produto no pote que antes havia contido sorvete.

5.17.1 A ilustração “Ódeio quando o que tem no pote não é sorvete”

Quando a ilustração foi pensada surgiu à ideia de usar como linguagem o humor para poder tratar esse ódio cotidiano, pensamos que os produtos armazenados na embalagem poderiam de certa forma ser novos sabores de sorvete. Assim sendo, pensamos em retratar a realidade como sendo um cartaz de novos sabores do produto.

Escolhemos como referência de humor cartazes de produtos onde o produto estivesse em foco em alguma situação inesperada, como por exemplo, a propaganda da sorveteria *Walls* ou a propaganda da cerveja *Guinness* (Figura 70). No caso do produto representado na ilustração do ódio cotidiano “Ódeio quando o que tem no pote não é sorvete), o humor está no fato de que o conteúdo da embalagem não é o que se espera.



Figura 67 - Propagandas da sorveteria *walls* e cervejaria *guinness*
Fonte: BUZZCANUCK, 2013

Para representar visualmente que o produto não é sorvete escolhemos três alimentos que podem ser congelados com mais facilidade por apresentarem maior quantidade de água, como sopas, feijão e *stroganoff*, além de terem elementos visuais mais reconhecíveis. O que facilitou a interpretação, pois procuramos trabalhar com elementos minimalistas para o cartaz, dando foco a embalagem e ao fato de não ser o produto original nela.

O croqui foi realizado no próprio programa *Adobe Illustrator*, com o auxílio de fotos de produtos reais como referências. Foram desenhadas três embalagens, contendo por sua vez três alimentos diferentes, além de elementos textuais complementares aos objetos representados na composição. Todos os elementos da ilustração foram produzidos com a utilização da ferramenta caneta em conjunto com a ferramenta forma, presentes no software *Adobe Illustrator*.

Para a colorização foram usadas cores não muito vibrantes, com maior quantidade de branco, os tons-pastel (Figura 68). Essas cores foram escolhidas por lembrarem a tonalidade de sorvetes de massa, que por normalmente possuírem bastante leite tem a sua cor do corante, ou da fruta, mais suavizada.



Figura 68 - Tons usados na ilustração
Fonte: COLOURLOVERS, 2013



Figura 69 - Ódios cotidianos - Odeio quando o que tem no pote não é sorvete
Fonte: Autoria própria

5.18 ODEIO QUANDO DERRUBO NO LÍQUIDO O OBJETO COM QUE O ESTAVA MEXENDO

A situação geradora deste ódio cotidiano ocorre no momento no qual o indivíduo está mexendo com um utensílio uma substância líquida ou pastosa contida em algum recipiente, por exemplo: o indivíduo “A” decide preparar uma bebida para um grupo de pessoas que irá visitar sua casa, e uma das etapas para preparar a bebida consiste em, utilizando uma colher, mexer uma substância pastosa até que adquira o estado líquido. Durante essa etapa o indivíduo A acaba por derrubar a colher dentro da substância ainda pastosa, submergindo-a completamente no líquido, esse momento configura-se como um ódio cotidiano sob sua perspectiva, o que causa uma redução em sua potência de agir, gerando os afetos tristes de frustração e raiva. Isso porque para o indivíduo A, a submersão da colher implica que terá de retirá-la do líquido, fazendo com que tanto sua mão e a colher fiquem cobertos pelo líquido que estava preparando, e com que tenha de parar o processo de manufatura da bebida para lavar tanto a colher, quanto sua mão, gerando um atraso no preparo da bebida. A geração desse ódio não ocorre apenas durante o preparo da bebida, podendo ocorrer enquanto é servida por exemplo.

É importante ressaltar que esse ódio em específico pode ser gerado pela ação direta de outras pessoas caso o indivíduo a presencie, por exemplo: o indivíduo “A” está na fila de um *buffet*, esperando sua vez para se servir do strogonoff servido pelo restaurante no dia. O indivíduo “B” está na sua frente, e ao servir-se do strogonoff, deixa a colher cair dentro do recipiente no qual a comida estava sendo servida deixando-a lá. Como o indivíduo B não retira a colher de dentro do recipiente, força o indivíduo A a fazê-lo caso queira se servir (ou obrigando-o a esperar que algum membro da equipe do restaurante o faça), nesse momento é possível que o indivíduo A seja acometido pelo ódio cotidiano retratado nesse trecho, mas nesse caso os afetos tristes gerados tendem a se direcionar ao indivíduo B, causador da ação redutora de seu conatus.

O conatus do indivíduo tende a elevar-se novamente a partir do momento em que consiga retirar o objeto de dentro do recipiente, porém dois fatores podem servir como agravantes da situação, fazendo com que a potência de agir do indivíduo continue reduzida por um tempo prolongado. O primeiro dos fatores pode

ocorrer caso o indivíduo suje sua mão no processo de recuperação do utensílio, isso provavelmente fará com que o conatus do indivíduo permaneça reduzido até o momento no qual higienizar sua mão, caso a substância esteja aquecida existe a possibilidade de que o indivíduo tenha sua mão queimada quando for retirar o objeto, o que pode prolongar por mais tempo a redução em seu conatus. O segundo fator para o prolongamento no tempo de redução do conatus do indivíduo acontece caso ele se sinta incomodado pelo fato de que o elemento submerso na substância (como a concha utilizada para se servir de uma feijoada, por exemplo) não esteja higienizado propriamente, contaminando assim o alimento ou líquido quando derrubado dentro do recipiente.

5.18.1 A ilustração “Odeio quando derrubo no líquido o objeto com o qual o estava agitando”

O desenvolvimento dessa ilustração começou com a concepção da ideia a ser retratada, que era representar um braço humano parcialmente imerso em um líquido, tentando alcançar um utensílio doméstico comumente utilizado para mexer ou servir um líquido. A partir dessa ideia inicial, alguns croquis foram desenvolvidos para determinar qual objeto seria retratado, bem como a posição da mão representada na ilustração (Figura 70). Através desses croquis decidiu-se que o líquido representado seria indistinto, para que a relação com a situação fosse mais facilmente estabelecida, bem como para reduzir a quantidade de elementos a ser representados na composição, fazendo com que a atenção do espectador se concentre nos elementos centrais no surgimento desse ódio, a mão e o objeto utilizado para manipular o líquido, no caso de nossa ilustração, uma concha.

A partir dos croquis, desenvolvemos o desenho á lápis da composição final, utilizando como uma das referências visuais para o desenvolvimento dos elementos, o trabalho desenvolvido pela ilustradora japonesa Yuko Shimizu (Figura 71) O trabalho da ilustradora serviu como inspiração para a retirada dos contornos dos elementos representados, permitindo assim uma maior interação do pano de fundo da ilustração com os objetos centrais do ódio cotidiano retratado. Uma camada de nanquim foi aplicada na ilustração, utilizando canetas com pontas no tamanho 02

para os detalhes internos e 08 para o contorno da mão humana, da concha e das bolhas de ar representadas na composição.



Figura 70 - Croqui para a ilustração “Odeio quando derrubo no líquido o objeto com o qual o estava agitando”

Fonte: Autoria própria

A ilustração foi digitalizada e inserida em um documento do software *Adobe Photoshop*, com as proporções de 297 mm x 420 mm. A ilustração recebeu os filtros *Stamp* e *Blur* existentes no software, a fim de reduzir o ruído no traçado da ilustração, facilitando assim o processo de colorização.

Após essa etapa, o líquido presente na ilustração foi criado através da inserção de uma camada da cor vermelha, aplicada apenas onde o líquido está presente, sobreposta por uma imagem que retrata o fundo de uma piscina. A camada que representa o fundo da piscina foi alterada através da opção de mesclagem presente no software *Adobe Photoshop*, chamada multiplicação. A cor utilizada para o líquido é o vermelho para que possamos ter um contraste maior com os demais elementos contidos na ilustração, que foram colorizados utilizando a cor branca, além de evocarmos, através da aplicação da cor vermelha, sentimentos tidos como passionais, como a raiva e o ódio por exemplo. As bolhas de ar ocasionadas pela queda do elemento no líquido tiveram uma pequena redução em sua opacidade para que uma impressão de transparência fosse representada.



Figura 71 - Ilustração de Yuko Simizu
Font: YUKOART, 2013

O topo da ilustração, no qual está retratada uma parte do braço ainda não imersa no líquido, foi preenchido pela cor branca e sem nenhum elemento adicional para representar o momento anterior a ruptura no cotidiano do indivíduo quando sua potência de agir estava inalterada. Por fim, próxima a parte inferior da imagem, adicionamos uma área mais escura utilizando o filtro *Curves*, do software *Adobe Photoshop*, para representarmos a profundidade do líquido no qual o utensílio caiu.



Figura 72 - Ódios cotidianos - Odeio quando derrubo no líquido o objeto com o qual o estava agitando

Fonte: Autoria própria

5.19 ODEIO ENTRAR NO CARRO DEPOIS DE HORAS ESTACIONADO NO SOL

Para que esse ódio cotidiano aconteça, é necessário que um conjunto de características faça parte do cotidiano. Primeiramente o indivíduo deve estar habituado a usar o automóvel como meio de transporte, e estacioná-lo em ambiente abertos, seja na rua, estacionamentos privativos ou parque. Outro fator relevante é que o período que o carro deve ficar estacionado deve ser durante o dia e durante momentos de exposição solar intensa, para que a diferença de conatus envolvida seja negativa.

O indivíduo "A" em decorrência do seu trabalho, por exemplo, necessita estacionar seu carro, opta então por estacionar no pátio aberto da empresa, pois tem mais vagas e essas são mais próximas do seu trabalho. No período que o indivíduo A permanece no seu trabalho faz um dia de calor com bastante sol, o que para ele, significa uma variação boa no conatus, gerando o afeto-paixão de felicidade.

No período do almoço o sujeito necessita pegar seu carro para se deslocar até um restaurante. O sol que até então era um causador de felicidade, torna-se um agente de incomodo. Dentro do escritório, o indivíduo sofria influência da luminosidade do Sol, mas não do seu calor, pois estava sob um ambiente onde havia ar condicionado, no entanto, ao sair do ambiente fechado o indivíduo percebe que o dia está extremamente quente, e ao se deslocar em direção ao carro assimila que o próprio meio de transporte deve estar em uma temperatura elevadíssima, pois a lataria do seu automóvel absorve com facilidade o calor do sol, e somado ao fato dos vidros estarem todos fechados fazem com que o seu interior se assemelhe a uma estufa.

Nesse momento o indivíduo é acometido pelo ódio cotidiano "Odeio entrar no carro depois de horas estacionado no sol", pois ele se vê obrigado a se deslocar em seu carro, que por mais que possua ar condicionado, demorará um certo período de tempo para estabelecer uma temperatura agradável. Além da situação futura, o sujeito se vê acometido pelo afeto paixão de tristeza, pois ao chegar ao trabalho pela manhã deveria ter pensado nessa consequência, e ter tomado o afeto-ação de estacionar em um lugar fechado para assim não sofrer essa diminuição em seu conatus.

5.19.1 A ilustração “Odeio entrar no carro depois de horas estacionado no sol”

Para a criação dessa ilustração, imaginaram-se quais eram os elementos essenciais para passar a sensação de calor e desconforto, pensamos em que as cores seriam essenciais para passar a sensação de desconforto. Com o surgimento das primeiras ideias surgiram duas vertentes de pensamento: na primeira representaríamos o personagem em uma situação de dualidade, onde por exemplo ele estivesse confortável com o calor, e depois desconfortável; e na segunda uma interação direta entre alguns elementos, mostrando como o carro fica quente após horas no Sol (Figura 73). Decidimos usar o carro e o Sol interagindo, como personagens desse cartaz. Ao pensarmos nos elementos pensamos em certas características particulares da ilustração, principalmente no elemento Sol.

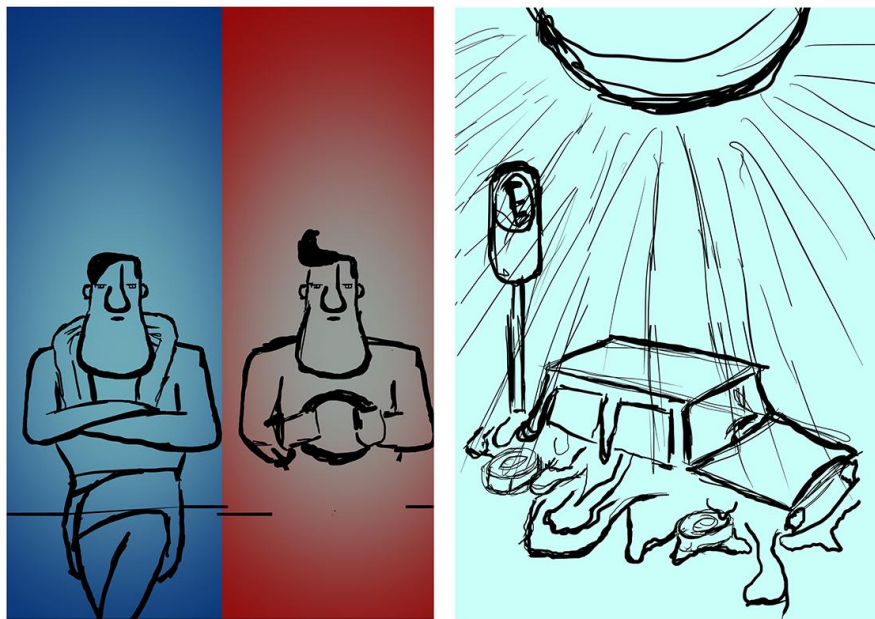


Figura 73 - Dois croquis originais, a dualidade e a interação
Fonte: Autoria própria

Queríamos representar os raios vindos do Sol e agindo diretamente no carro, e com os primeiros croquis, existiu um link com referências visuais de cartazes japoneses. O Japão possui já na sua bandeira uma grande esfera vermelha que representa o Sol, além de ser comumente chamado de "terra do Sol nascente". E uma representação comum do Sol nascente é um círculo vermelho com linhas

convergentes, sejam no fundo da imagem, ou como elemento principal. Essa representação vem da bandeira usada na segunda guerra mundial pelo Japão

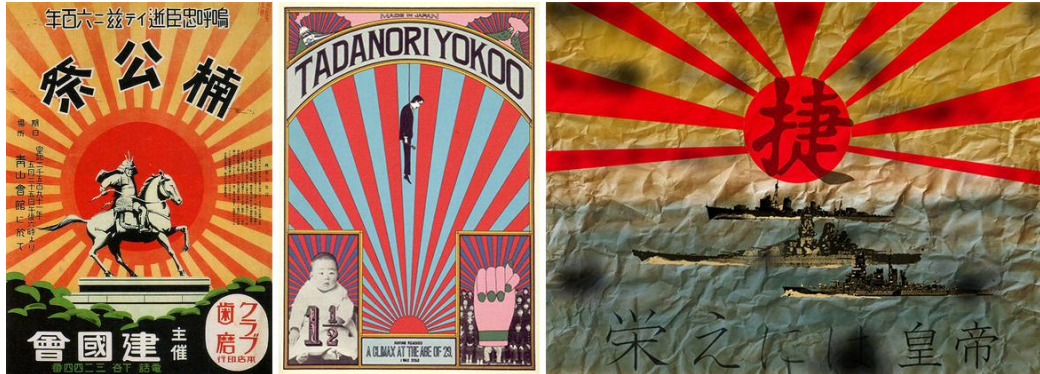


Figura 74 - Referências visuais "o Sol nascente"
Fonte: THEBLACKHARBOR, 2013

Definimos que o cartaz então possuiria o sol nascente, e que tomaríamos como referência algumas artes japonesas. Além disso, pensamos em representar o carro como sofrendo o efeito direto do Sol, mas de forma lúdica, assimilando com a figura de linguagem "derretendo de calor" pensamos que o carro poderia estar derretendo com o sol trazendo então a todas as características que pensamos no começo, focalizando nessa interação.

A ilustração foi desenvolvida no *software Adobe Photoshop* com um pincel próprio que possui características de partículas, como um Giz de cera. Foi adicionado na última versão uma placa de sinalização de trânsito fazendo a ligação que o carro está parado e um lettering adicionando mais uma característica oriental. No lettering foi escolhido escrever apenas "muito quente" ao invés de descrever o próprio ódio, pois se acreditou que a frase representaria melhor a situação de entrar no carro com extremo calor e baixa unidade do ar.



Figura 75 - Ódios cotidianos - Odeio entrar no carro depois de horas estacionado no Sol
Fonte: Autoria própria

5.20 ODEIO QUANDO O CHUVEIRO QUEIMA DURANTE O BANHO

Para que o ódio cotidiano “odeio quando o chuveiro queima durante o banho” aconteça é necessário que o indivíduo tenha como pertencente ao seu cotidiano, o ato de banhar-se com a utilização do utensílio doméstico chamado chuveiro. Este ódio cotidiano acometerá o indivíduo no momento em que estiver tomando banho e subitamente o chuveiro parar de funcionar devido há algum problema ocorrido no próprio chuveiro ou na rede elétrica na qual está conectado.

A alteração negativa no conatus do indivíduo acontece porque no momento em que está tomando banho, a pessoa tende a estar relaxada, sendo que quando é retirada desse momento através do mau funcionamento do chuveiro, a ruptura em seu conatus pode forçá-la a ter de abandonar esse momento de relaxamento podendo induzir o indivíduo a ceder à ação de um afeto triste como a tristeza, o ódio ou a raiva. No momento da falha do chuveiro é possível que o indivíduo esteja ensaboado, ou com o xampu já aplicado em seu cabelo, o que pode forçá-lo a se enxaguar com a água em uma temperatura fria, ou sair do banho e se secar com os produtos de higiene (xampu ou sabonete, por exemplo) ainda aplicados em seu corpo, nas duas situações é possível que seu conatus seja reduzido ainda mais, e que o afeto triste gerado por esse ódio cotidiano se intensifique.

Um fator que pode tornar-se um agente facilitador da geração desse ódio cotidiano é o clima da região na qual o indivíduo reside. Isso porque caso more em um lugar que possua um clima frio (ou que no dia esteja apresentando uma redução na temperatura acima do normal), no momento em que o chuveiro apresentar um mau funcionamento, a água que o dispositivo bombeia irá reduzir drasticamente sua temperatura, o que pode fazer com que o indivíduo seja acometido da sensação de frio e somando-se ao frio gerado pela temperatura baixa do clima da região é possível que a redução no conatus do indivíduo pela geração deste ódio cotidiano seja mais aguda.

A redução no conatus da pessoa afetada pela ação deste ódio cotidiano tende a ser superada no momento em que secar-se, mas é possível que a redução só seja revertida no momento em que o indivíduo consiga tomar um novo banho com o chuveiro já reparado e, portanto, despejando água na temperatura que o indivíduo considera adequada para o banho. Importante ressaltar que caso o

indivíduo acabe por adquirir um resfriado em decorrência da exposição à água gelada, a redução em seu conatus devida a ação do ódio cotidiano pode prolongar-se por um tempo mais longo.

5.20.1 A ilustração “Ódio quando o chuveiro queima durante o banho”

Para o desenvolvimento da ilustração retratando o ódio cotidiano “ódio quando o chuveiro queima durante o banho”, tivemos como ponto inicial a definição dos principais elementos presentes no desenvolvimento deste ódio cotidiano específico, sendo que os selecionados foram o ser humano e o chuveiro. A partir desta definição partimos para uma pesquisa de imagens para melhor retratar os elementos da ilustração.

O primeiro elemento a ser ilustrado foi o homem. Para evidenciar o afeto triste que o acomete, o representamos olhando em direção ao chuveiro com uma expressão de infelicidade além de estar com seu tronco nu, de maneira a melhor evidenciar o momento no qual se encontrava. Sobre esse desenho foi aplicada uma camada de nanquim utilizando uma caneta com ponta no tamanho 08, a fim de gerar traços de uma espessura maior. Um papel manteiga foi então sobreposto a essa ilustração, e as linhas que procuram demonstrar a água acumulada sobre a pele e cabelos do homem foram então desenhadas diretamente no papel com a utilização de uma caneta nanquim com o tamanho de ponta 04.

Com o elemento humano finalizado, a ilustração do chuveiro foi então feita. Para desenvolvê-la utilizamos fotos de objetos reais para que pudessemos captar seus elementos principais, a fim de manter a unidade com o estilo utilizado para retratar o indivíduo. Assim como na representação da pessoa, uma camada de nanquim foi aplicada sobre a ilustração, para isso foi utilizada uma caneta nanquim com a ponta no tamanho 08.

A fumaça que se origina no chuveiro foi arte-finalizada com a utilização de um marcador que possui a ponta similar a um pincel (Figura 76). Para a obtenção do resultado desejado, uma leve pressão foi aplicada na ferramenta utilizada para o preenchimento, fazendo com que a tinta fosse transferida para o papel com a lateral da ponta em formato de pincel, ampliando assim a área de contato com o papel e

gerando as linhas de tonalidades diferentes que podem ser visualizadas no preenchimento da fumaça, presente na composição final. A parte da fumaça que envolve o homem foi desenvolvida para que aparentasse estar se envolvendo no pescoço do indivíduo, procurando reforçar a constrição em seu conatus.



Figura 76 - Marcador com ponta em forma de pincel
Fonte: Autoria própria

Com todos os elementos já desenhados (Figura 77), passamos para a pós-produção das imagens, para isso as ilustrações foram primeiramente digitalizadas. Após a digitalização os desenhos foram inseridos em um documento no formato A3 (297 mm x420 mm) no software *Adobe Photoshop*. Ao inserirmos todos os componentes da imagem neste documento, ajustamos seu posicionamento para que passassem a compor uma situação coesa com o ambiente no qual ocorre este ódio cotidiano (o banheiro).

Nenhum filtro ou efeito presente no software *Adobe Photoshop* foi aplicado nos elementos da imagem para que pudéssemos preservar como uma característica da ilustração o trabalho manual envolvido em sua produção.



Figura 77 - Elementos desenhados separadamente
Fonte: Autoria própria

No processo de colorização definimos que para evidenciar os elementos envolvidos na ilustração o plano de fundo consistiria apenas na cor branca, ressaltando assim as formas e cores dos outros objetos da ilustração. O principal elemento alterador do conatus do indivíduo, o chuveiro, foi representado em tons da cor vermelha, para que atraia os olhos do espectador ao mesmo tempo em que procura evocar afetos como o ódio e a raiva por exemplo. A fumaça por sua vez, manteve o preenchimento gerado no momento em que a arte-finalização da ilustração manual foi feita, assim relacionamos o elemento a sua contraparte real.

Para a representação do indivíduo escolhemos cores frias para indicar o fato de que está molhado, e também para reforçar o contraste com os outros elementos presentes na composição. Tanto o indivíduo, quanto as representações da água em seu corpo tiveram seu contorno retirado para melhor integrarem-se com o plano de fundo.

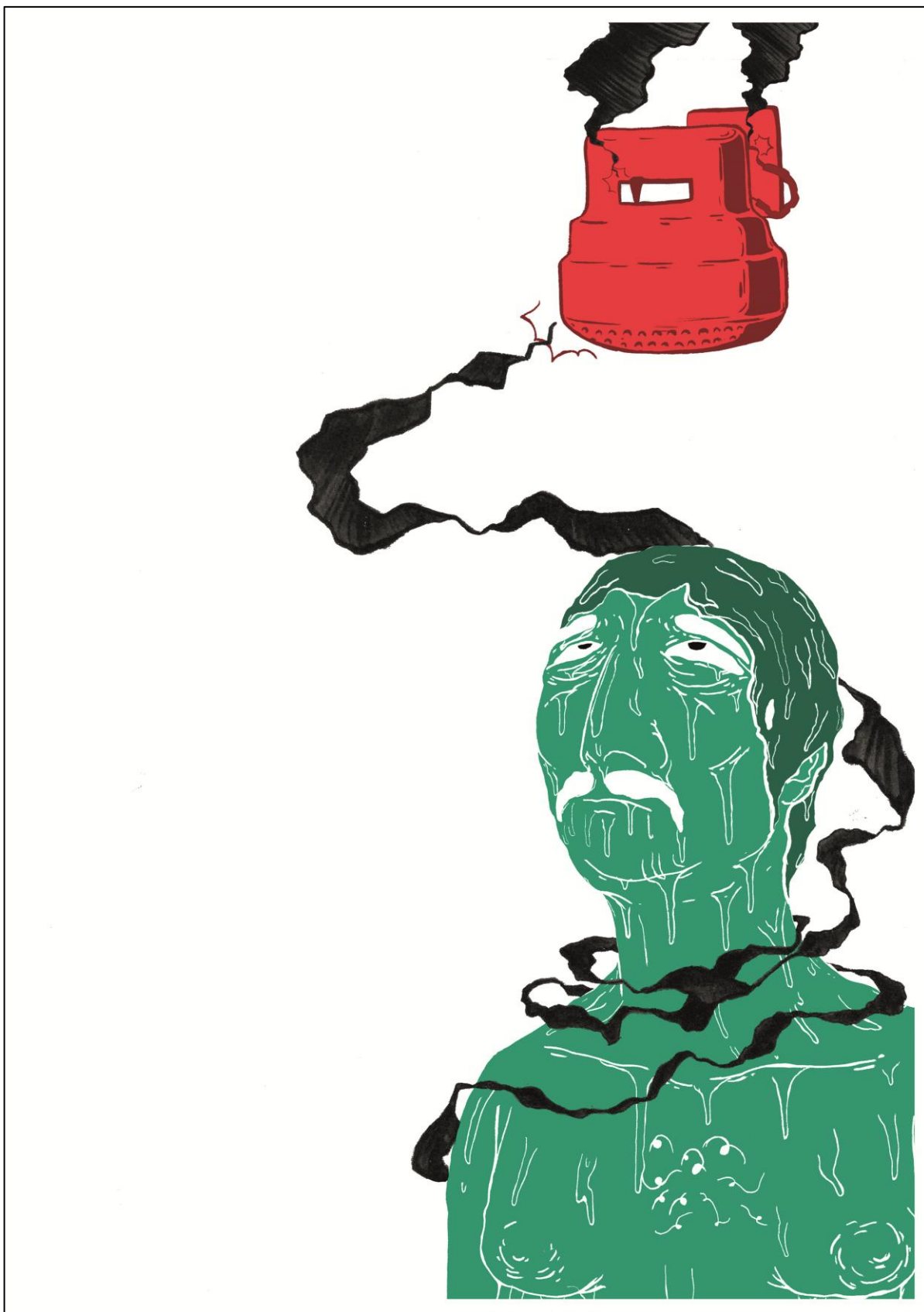


Figura 78 - - Ódios cotidianos - Odeio quando o chuveiro queima durante o banho
Fonte: Autoria própria

6 CONCLUSÃO

A primeira concepção de nosso trabalho consistia na produção de vinte ilustrações tendo como base o que pensávamos ser o conceito de ódios cotidianos, sendo que não encarávamos no princípio que o desenvolvimento da fundamentação teórica a respeito do conceito de nosso trabalho poderia fomentar questionamentos, não apenas sobre o tema do trabalho, mas também no campo do design.

Mas a valorização da teoria provou-se benéfica, pois assim conseguimos explorar de forma mais intensa o potencial de nosso trabalho. Isso porque foi o aprofundamento no campo teórico do nosso projeto, aliado a teoria e prática do design que nos permitiu a produção de vinte ilustrações que além de representarem a situação de ódios cotidianos, também trazem intrinsecamente nos elementos representados em cada composição a carga teórica resultante da análise dos trabalhos filosóficos desenvolvidos por Heller (2011) e Spinoza (2002). Caso o espectador tenha conhecimento a respeito do embasamento teórico sobre o qual as ilustrações desenvolvidas, a carga teórica adicionada em cada uma das ilustrações adiciona uma segunda camada de significado à ilustração.

O papel importante que a teoria representaria em nosso trabalho foi percebida no início do desenvolvimento do projeto, quando ao aplicarmos a pesquisa de opinião para a obtenção de diferentes ódios cotidianos, não obtivemos resultados satisfatórios por não termos nesse momento consolidado de maneira mais completa o conceito de ódios cotidianos não possuindo, portanto a bagagem teórica necessária para o desenvolvimento das ilustrações de acordo com o que propusemos na apresentação de nosso pré-projeto. Nossa proposta inicial, conforme era apresentada no documento citado consistia em desenvolver ilustrações que identificassem e representassem o conceito de ódios cotidianos tendo como base a análise filosófica do conceito de ódio.

A primeira etapa no desenvolvimento do embasamento teórico de nosso trabalho foi a pesquisa a respeito do filósofo holandês Baruch Spinoza e de seu trabalho filosófico acerca do ódio (2002). A busca por informações mais acessíveis à respeito do autor nos levou a entrar em contato com diversos autores contemporâneos que, através de sua ótica, apresentam suas visões do trabalho de Spinoza (2002), o que nos possibilitou realizar uma análise mais precisa do trabalho

do filósofo, bem como nos permitiu diagnosticar a maneira como a filosofia de Spinoza se relacionava com o tema de nosso trabalho.

Durante a análise do trabalho de Spinoza nos deparamos com conceitos como *conatus*, afetos-paixão, afetos-ação, dentre outros que à primeira vista não se relacionam diretamente com o campo de atuação do design, mas, durante o desenvolvimento do trabalho, viemos a perceber que a discussão acerca da filosofia tem o potencial de aprimorar nossa capacidade no desenvolvimento de um projeto de design.

A análise acerca do *conatus* e a maneira como essa potência de agir é alterada através da relação do indivíduo com outros elementos, bem como o conceito de que todos os elementos ao nosso redor possuem um *conatus* próprio, foram utilizados de maneira a reforçar o conceito de ódios cotidianos em nosso trabalho, mas esses mesmos conceitos podem ser direcionados para a nossa produção no campo do design para que possamos produzir artefatos que interajam com o usuário de maneira a aumentar seu *conatus*. Ou seja, a análise do trabalho de Spinoza, nos permitiu enxergar de uma maneira diferente como o indivíduo se relaciona com um determinado produto, adicionando a noção de que ao mesmo tempo em que o indivíduo interage com o produto, o produto interage de sua maneira com o indivíduo, fazendo com que no desenvolvimento de um produto, ou de um layout, por exemplo, procuremos maneiras de preservar a potência de agir de um produto ao mesmo tempo em que procuramos aumentar o *conatus* do usuário para que continue utilizando e consumindo o produto.

Apesar de feita em nosso trabalho de maneira superficial, a análise do trabalho de Spinoza (2002) nos evidenciou a importância do estudo de conceitos filosóficos, e da filosofia em geral no aprimoramento da forma como praticamos o design e na forma como o design que produzimos se relaciona com o usuário. Apesar de não termos a pretensão com nosso trabalho de suscitar a importância da filosofia na conceituação do design, é possível que a leitura de nosso projeto desperte em outras pessoas esse mesmo questionamento.

A fundamentação teórica acerca de Spinoza (2002) nos forneceu o embasamento para a primeira parte do que vêm a ser o conceito de ódios cotidianos, mas para situarmos a análise do trabalho do filósofo no ambiente cotidiano, recorreremos ao trabalho da filósofa húngara Agnes Heller (2011), mais precisamente seu estudo sobre a estruturação da vida cotidiana. Apoiados tanto no

estudo direto da obra da autora (2011), quanto em outros pensadores que discursaram acerca do trabalho desenvolvido por Heller (2011) procuramos explicar a estruturação da vida cotidiana segundo a ótica da filósofa, para que pudéssemos posteriormente situar a conceituação de Spinoza (2002) sobre o conatus e os afetos-tristes na vida cotidiana, para então completarmos nosso conceito de ódios cotidianos.

Em nosso trabalho, a análise do trabalho de Heller (2011) visa fornecer uma estruturação superficial do cotidiano explicado pela autora para que possamos definir o ambiente no qual acontece a alteração do conatus do indivíduo presente no conceito de ódios cotidianos, mas assim como a filosofia de Spinoza nos gerou um conhecimento aplicável no campo do design, a teoria do cotidiano defendida por Agnes Heller (2011) e explorada em nosso trabalho, fundamenta os elementos básicos que definem a estrutura da vida cotidiana, e determina que o indivíduo vivencia seu cotidiano de maneira automática.

A utilização das teorias de Heller (2011) acerca da vida cotidiana durante a produção do design seja ele gráfico ou de produto, nos dá a possibilidade de adicionar a interação do produto com a vida cotidiana do usuário como um elemento determinante para o desenvolvimento do projeto. O estudo da estrutura do cotidiano, e da maneira como o indivíduo está inserido nesse cotidiano nos permite direcionar o design de um material gráfico ou utensílio doméstico para que ele gere uma elevação do indivíduo de sua vida cotidiana, ou para que auxilie a pessoa a manter-se em sua cotidianidade, gerando por exemplo, utensílios que permitam ao indivíduo desempenhar as suas atividades diárias de maneira mais fácil, ou gerando um anúncio que visa retirar o indivíduo de sua cotidianidade ao modificar a maneira como interage com seu ambiente cotidiano.

Durante o desenvolvimento do projeto, notamos a maneira como o estudo dos dois filósofos é complementar, pois enquanto Spinoza (2002) fundamenta a forma como uma pessoa interage com o ambiente ao seu redor de acordo com suas próprias convicções e experiências, Heller (2011) nos fornece uma estruturação na qual podemos situar o indivíduo, explicando elementos estruturais tanto da sociedade, quanto do cotidiano, tornando possível situar o indivíduo de Spinoza (2002) em uma estrutura definida detalhadamente por Heller (2011). Essa complementaridade entre as duas principais bibliografias de nosso projeto permitiu

que a tarefa de gerar o conceito de ódios cotidianos a partir da intersecção entre o trabalho dos dois filósofos se torna-se mais simples.

O conceito de ódios cotidianos surgiu a partir do desejo de retratar situações desagradáveis presentes em nosso cotidiano, sendo que em sua concepção inicial seu desenvolvimento seria mais simples pois a conceituação teórica do conceito de ódios cotidianos seria mais rasa, mas devido à riqueza da bibliografia utilizada para sua concepção, procuramos nos aprofundar um pouco mais no embasamento teórico do que vêm a ser os ódios cotidianos, e apesar de em nosso trabalho apresentarmos o conceito mais completo do que inicialmente planejamos, ele representa o início de um conceito que pode vir a se tornar muito mais complexo, com a adição do ponto de vista de outros autores e sua maior conexão com o design aplicado, como por exemplo, analisando maneiras de como o design pode contribuir para a redução do surgimento de ódios cotidianos, desenvolvendo novas soluções para antigos problemas.

A pesquisa e desenvolvimento da parte teórica de nosso trabalho permitiram aos autores o desenvolvimento de habilidades relacionadas à coleta e processamento de dados, além de desenvolver a capacidade de interpretação de textos e escrita, elementos importantes para o desenvolvimento inicial de qualquer tipo de projeto. Isso porque, em sua fase inicial, um projeto de design demanda uma extensa pesquisa mercadológica e visual, além da interpretação dos dados e referências resultantes do processo de pesquisa visando a criação uma solução que procure sintetizar as necessidades do contratante do projeto, com o direcionamento mercadológico necessário para o projeto específico. Note-se que ao utilizarmos o termo “mercadológico” não nos referimos apenas a projetos comerciais.

Com o desenvolvimento do embasamento teórico do trabalho, as ilustrações encontraram fundações sólidas sobre as quais foram desenvolvidas, sendo que os ódios cotidianos por elas exemplificados foram retirados da própria vida cotidiana dos autores e de pessoas com as quais convivem através da análise da vivência dessas pessoas sob a ótica do conceito desenvolvido no trabalho.

Apesar de ser permeado por conceitos relevantes para nosso campo de atuação, em nosso trabalho, as ilustrações são a expressão mais nítida do design e de seus conceitos. Em sua produção procuramos implementar as noções acerca de composição, teoria da cor e de produção gráfica adquiridas durante o curso, para traduzir visualmente situações contidas no conceito teórico do trabalho.

O desenvolvimento das imagens nos possibilitou experimentar diferentes técnicas para sua produção, como ilustração a mão livre, colagem e pintura digital, o que fez com que entrássemos em contato com diferentes métodos de produção para cada uma das ilustrações, utilizando-se por vezes de diversas técnicas no desenvolvimento de uma mesma composição, de maneira a criar imagens que retratem não apenas a situação da maneira como ocorre na nossa vivência diária, mas procurando, através da utilização de cores dissonantes, formas distintas de suas contrapartes reais, exageração na representação dos elementos de uma ilustração além da utilização de metáforas visuais, evidenciar também o estado emocional do indivíduo no momento em que é afetado pelo ódio cotidiano.

A transcrição de uma situação e de seu embasamento teórico através de ilustrações fez com que um exercício de síntese tivesse de ser realizado, porque para melhor representarmos um ódio cotidiano era necessária a identificação dos elementos principais de cada situação distinta, o que contribuiu para o desenvolvimento da capacidade de produzir elementos que sintetizem uma ideia ou objeto, essa síntese é necessária em uma grande quantidade de áreas do design, como a criação de identidades visuais e o branding por exemplo. Além do desenvolvimento técnico propiciado pela produção das ilustrações, o projeto nos deu a oportunidade de entrar em contato com diversos artistas, adquirindo no processo novas referências visuais além de resgatar tantos outros com os quais já tínhamos nos deparado no decorrer do curso, mas que havíamos deixado de ter como uma referência no desenvolvimento de um projeto.

As vinte ilustrações aqui representadas em forma de cartaz, são facilmente adaptáveis para outros formatos, sendo que o cartaz foi a forma escolhida por demonstrar da forma mais direta as imagens desenvolvidas. Posteriormente à conclusão do trabalho, os ódios cotidianos continuarão a ser retratados, a única dúvida é o formato no qual serão divulgados, se apenas através de uma página na internet, ou se será viabilizada a produção de um livro contendo ódios cotidianos agrupados em uma categoria específica, como por exemplo, um determinado ambiente ou um período específico do dia.

O desenvolvimento deste trabalho envolveu um viés teórico e prático e nos permitiu explorar áreas do conhecimento como filosofia, sociologia e design estabelecendo conexões entre esses campos intelectuais. Essa interconexão acaba por agregar ao nosso trabalho prático, uma sustentação teórica, além de

fundamentar a importância de práticas como a pesquisa, a metodologia de trabalho, a síntese e a análise crítica na resolução dos problemas encontrados todos os dias por designers no exercício de sua profissão.

Por fim, apesar de não ter sido um dos objetivos iniciais no desenvolvimento do trabalho, acreditamos que a adição de conceitos filosóficos na prática do design fomenta a discussão do papel do design em nossa vida cotidiana, além de questionar o papel da filosofia no desenvolvimento teórico e prático do design, é nossa vontade que esses questionamentos ecoem e permeiem nosso cotidiano mesmo depois da conclusão de nosso projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

360 GRAUS. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br/ecoturismo/default.asp?did=30409&action=galeria>>. Acesso em 26 jun 2013.

360GRAUS. Disponível em: <<http://360graus.terra.com.br>>. Acesso em 26 jun 2013.

ADG. ABC da ADG. **Glossário de termos e verbetes utilizado em design gráfico**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

BAIXOS, Reino dos Países. Departamento de informação ao estrangeiro do ministério de negócios estrangeiros. **Historia dos Países Baixos**. Tradução: Rosa m. Andrade Borges. Haia, 1998

BEHANCE Disponível em: <<http://www.behance.net/gallery/Alice-Madness>Returns/4685307>>. Acesso em 26 jun 2013.

BEHANCE Disponível em: < <http://www.behance.net/gallery/Imaginary-Factory/8067551>>. Acesso em 26 jun 2013.

BEKISVISCOM Disponível em: <<http://bekisviscom2011.blogspot.com.br/2011/04/colour.html>>. Acesso em 26 jun 2013.

BEM SIMPLES, 2013. Disponível em: <<http://comunidade.bemsimples.com/casa/w/casa/petisco-de-sardinha.aspx>>. Acesso em: 2013 jul 08.

BEMSIMPLES Disponível em: < comunidade.bemsimples.com, 26 jun 2013>. Acesso em 26 jun 2013.

BLEXBOLEX, **People**. New York: Enchanted Lion Books, 2011.

BUZZCANUCK Disponível em:
<<http://buzzcanuck.typepad.com/agentwildfire/2007/11/now-thats-story.html>> Acesso em 26 jun 2013.

COLOURLOVERS Disponível em: < <http://www.colourlovers.com>>. Acesso em 26 jun 2013.

DELEUZE, Gilles. Tradução: Francisco TraversoFuchsDisponível em:
<<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>>. Acesso em: 4 abr 2013.

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO AO ESTRANGEIRO DO MINISTÉRIO DE NEGÓCIOS ESTRANGEIROS. História dos Países Baixos. Tradução de Rosa M. Andrade Borges. Haia: Ministério de Negócios Estrangeiros, 1998.

DESIGN MUSEUM. Disponível em: <<http://designmuseum.org/design/saul-bass>>. Acesso em 26 jun 2013.

DESIGNMUSEUM Disponível em: <designmuseum.org/design/saul-bass >. Acesso em 26 jun 2013.

DESIGNMUSEUM Disponível em:
<<http://designmuseum.org/design/page74546>>. Acesso em 26 jun 2013.

DOBLELOL Disponível em: <<http://doblelol.com/10/nestle-funny.htm>>. Acesso em 26 jun 2013.

FERREIRA, Amauri. **Introdução à Filosofia de Spinoza**. São Paulo: Quebra Nozes, 2009.

FERREIRA, Rafael R. O Conatus de Spinoza: auto-conservação ou liberdade? *In*: VARIOS. **Cadernos Espinosianos**: Estudos sobre o século XVII. São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, p 73-90, 2008.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**, 16ª ed São Paulo: LTC, 1999

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998 v.23 p:5711.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 8ª ed São Paulo: Paz e Tera, 2011.

IMDB Disponível em: <<http://www.imdb.com>>. Acesso em 26 jun 2013.

IMDB. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0045152/>>. Acesso em 27 jun 2013.

INTERNET, Encyclopedia of Philosophy. A Peer-Reviewed Academic Resource. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/spinoza/#H1>>. Acesso em: 4 abr 2013.

LEFT CURVE. Disponível em: <<http://www.leftcurve.org/lc22webpages/heller.html>> acesso em 17 abr 2013.

LENDODEMASIADO. Disponível em: <<http://lendodemasiado.blogspot.com.br>>, Acesso em 26 jun 2013.

LEONARDODAVINCIINVENTIONS. Disponível em:
<<http://www.leonardodavincisinventions.com/war-machines>>. Acesso em
27 jun 2013.

LLC, Chronicle Books. **Indie Rock Posters Book**. São Francisco: Chronicle
Books, 2011.

MAGICOFMARYBLAIR Disponível em: <magicofmaryblair.com >. Acesso
em 26 jun 2013.

MAGIK OF MARY BLAIR Disponível em:
<<http://magicofmaryblair.com/mary-gallery.htm>>. Acesso em 20 jul 2013.

MAIA, Maria E. A. dos S. **Vida Cotidiana e Educação Escolar: espaços
de formação humana, espaços que se completam**. 2006. 225 f.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em
Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo
Horizonte, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Lendo as imagens**. São Paulo: Companhia das
Letras, 2009.

MCGRATH, Charles. 'Não sou Abraham Lincoln'. Estadão, São Paulo, 25
de janeiro de 2013. Disponível em:
<<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,nao-sou-abraham-lincoln-,988672,0.htm>>. Acesso em 07 jun. 2013.

MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. **História do Design Gráfico**. São
Paulo: Cosac Naify, 2009.

MICHAELIS, dicionário eletrônico. Disponível em:
<<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em 15 abr 2013.

MONTYPYTHONINSPIRES Disponível em:
<<http://montypythoninspires.wordpress.com/2013/04/21/8>> Acesso em 26
jun 2013.

MRBIGGS Disponível em: < <http://mrbiggs.com/books/everything-goes/>>. Acesso em 26 jun 2013.

NEWS Disponível em: <<http://news.discovery.com/tech/nanotechnology/stick-it-strange-glue-130822.htm>>. Acesso em 26 jun 2013.

OFF BOOK, the art of Illustration. Off book, PBS Digital Studios Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZPQ-8Kty8X4#at=68>>. Acesso em: 4 abr 2013.

OLIVEIRA, de I. **O que é Qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o Ilustrador**. São paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

SACCO, Joe. **Palestina: na Faixa de Gaza**, 2ª ed -- São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

SALONKRITIK Disponível em: <http://salonkritik.net/10-11/2010/08/agnes_heller_terminar_con_las.php>. Acesso em 26 jun 2013.

SILVEIRA, Luciana M. **Introdução à Teoria da Cor**. Curitiba: Editora UTFPR, 2011

SOUZA, Maria H. O Conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a Pesquisa em Educação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 16, p 119-141,1993.

SPINOZA, Baruch de. **Ética, Demonstrada à Maneira dos Geômetras.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

SUPERINTERESSANTE . Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/novo-cigarro-447541.shtml>>. Acesso em 22 jul 2013.

TERMINATORS. Disponível em: <http://www.terminators.com/artworkprofile/Key_Adriaen_Thomasz-William_I_Prince_of_Orange_called_William_the_Silent>. Acesso em 23 jun 2013.

THE HISTORY OF LIBERTY. Disponível em: <<http://thestoryofliberty.intuitwebsites.com/Abraham-Lincoln.html#.UdoMYPnFXVE>>. Acesso em 26 jun 2013.

THEBLACKHARBOR Disponível em: <<http://theblackharbor.com/inspiration/japorama/>>. Acesso em 26 jun 2013.

UMA Disponível em: <<http://www.uma-univers.com/?Lang=ES&Page=Fumastop>>. Acesso em 26 jun 2013.

UOL Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br>>. Acesso em 26 jun 2013.

VOCÊ REALMENTE SABIA, 2013. Disponível em: <<http://www.vocerealmentesabia.com/2012/10/elevadores-de-vidro-no-maior-arranha.html>>. Acesso em: 2013 jul 08.

WAL ART 101, 2013. Disponível em: <<http://wallart101.blogspot.com.br/2013/02/top-10-pop-art-by-lichtenstein.html#.UdpMLPnFXVE>>. Acesso em: 2013 jul 08.

WALLPAPER Disponível em: <<http://www.wallpaper-source.com/wallpaper/18309/login.php>>. Acesso em 26 jun 2013.

WIKIPEDIA. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Liçã_o_de_Anatomia_do_Dr._Tulp](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Li%C3%A7%C3%A3o_de_Anatomia_do_Dr._Tulp)>. Acesso em 26 jun 2013.

WOLF, Abraham. **Oldest Biography of Spinoza**. Montana, kessinger, 2003

WORLDATLASPEDIA. Disponível em: <<http://www.worldatlaspedia.com/pt/africa-angola-provincia-do-cunene-municipio-cuanhama/fotografias/detalleFotografia?idLocalizacion=6951063#2>>. Acesso em 26 jun 2013.

WORLDWIDEPERFORMERS Disponível em: <http://worldwideperformers.com/Bill_Brookman.html>. Acesso em 26 jun 2013.

YELLOW BIRD PROJECT. Disponível em: <<http://www.yellowbirdproject.com/products/clap-your-hands-say-yeah>>. Acesso em 26 jun 2013.

YUKOART Disponível em: <<http://yukoart.com/>>. Acesso em 26 jun 2013.